

Bibliographia

Portugalia, materiaes para o estudo do povo portuguez. Publicação periodica redigida por Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Fonseca Cardoso. Tomo I, Porto 1899-1903 (4 fasciuculos); tomo II, Porto 1905-1906 (2 fasciuculos)

Ha muito tempo devia *O Archeologo Português*, como orgão official do Museu Ethnologico, ter dado noticia d'esta apparatusa e notavel publicação; mas a falta de tempo obistou a que isso se realizasse mais cedo.

No prospecto-prologo diz o seu redactor principal que a *Portugalia* «será desde o primeiro tomo um ARCHIVO NACIONAL de materiaes para o estudo do povo portuguez, monographias de inquerito a toda uma collectividade desde as suas origens, considerando o individuo, as raças, os povos, na sua natureza intima e modos de ser, usanças, civilização, historia...». Como se vê, os redactores da nova publicação vem animados do mesmo espirito com que em 1887 se fundou a *Revista Lusitana*, que igualmente se subintitula ARCHIVO DE ESTUDOS PHILOGICOS E ETHNOLOGICOS RELATIVOS A PORTUGAL, e em cujo prologo, pp. 1-2, se diz pouco mais ou menos o mesmo que no prospecto da *Portugalia*¹. Tambem elles estão de accôrdo com o programma d-*O Archeologo Português*², onde o sub-titulo é *collecção illustrada de MATERIAES e noticias*. Isto para quem escreve estas linhas é motivo de júbilo, porque, sendo maior o numero de cavadores, mais depressa se cavará a grande vinha. Continúa o supra-citado redactor: a *Portugalia* «propor-se-ha o renascimento da verdadeira alma popular—inicia-se com patriotismo e esperança obra de reivindicacão pela grey portugueza». A segunda parte do trecho é um tanto enigmatica; a primeira está logo exemplificada na gravura que encabeça o prospecto, onde se vê uma joven de braços abertos e ar grave, emblema da *Portugalia*, em vez do ancião (vid. adeante) ou do guerreiro (por ex. numa medalha do sec. XVIII³) que costumam symbolizar Portugal. Pois que á palavra *Portugal*, que é masculina, corresponde *Portugalia*, que é feminina, tambem a redacção do periodico pretende harmonizar com essa mudança de generos grammaticaes a mudança dos sexos symbolicos, metamorphoseando o velho ou o guerreiro em rapariga,—metamorphose que, alem d'isso, está de accôrdo com o plano de renascimento patriotico, emprehendido pelos intrepidos labutadores do Septentrião.

Como, porém, a palavra *Portugalia* é do latim maçorral, forjada hybridamente, á imitacão de *Brittannia*, *Francia*, *Gallia*, *Germania*, *Hispania*, *Italia*, por meros latinóphilos, que em materia de ethnolo-

¹ Da *Revista Lusitana* estão publicados até o presente nove volumes.

² O vol. I data de 1895.

³ Vid. Lopes Fernandes, *Memoria das Medalhas e Condecoracões Portuguesas* Lisboa 1861, n.º 48.

gia geral não iam além do conhecimento de terminações vocabulares em *-ia*, ao passo que a genuína palavra nacional seria *Portugale* ou *Portucale*, ou adjectivamente *Portugalensia* ou *Portucalensia*, não compreendendo como é que os patrióticos e indefessos fundadores do periodico de que me estou occupando explicam a flagrante contradicção que existe entre o seu intuito de fazerem rejuvenescer a alma do povo português, e a adopção de um lemma barbaro para, por assim dizer, synthetizar esse rejuvenescimento.

Em verdade *Portugalia*, como traducção latina de «Portugal», está consagrada pelo uso das moedas, de muitos documentos, da Academia das Sciencias nos seus *Portugaliae Monumenta Historica*, etc.; mas tal palavra é erronea, e a todo o tempo é tempo de extirpar um erro, — empresa tanto mais facil para a redacção da *Portugalia*, quanto é certo que ella se apresenta denodadamente com ideias de renascimento e nacionalização.

Na origem, *Portucale* é conhecidamente o nome da cidade do Porto¹. Idacio (em latim *Hydatius*), chronista do sec. v, diz na sua *Chronica*², p. 29, § 175: *Rechiarius ad locum, qui PORTUMCALE appellatur, profugus regi Theuderico captivus adducitur*. A p. 30, § 187: *Aioulfus dum regnum Suevorum sperat, PORTUCALE moritur mense Junio*. Num ms. do sec. VII-VIII, cod. parisiens. n.º 10:910, da *Chronica* de Fredegario, lê-se num passo correspondente a este ultimo: PORTUGALE. A p. 31, § 195, de Idacio: *et PORTUMCALE castrum idem hostis invadit*; no cod. berlin. da mesma obra, sec. IX, lê-se *Portocale* num passo similar, e no cod. fredegariano, ms. do sec. VII-VIII, lê-se *Portugali* no mesmo passo. Na *Hist. Gothorum* de S. Isidoro, escritor do sec. VII, ed. de Mommsen dos *Chronica minora*, p. 280, § 31, lê-se: *ad locum PORTUCALE*. Como a *Chronica* de S. Isidoro relata acontecimentos que vão até o anno de 624, e como no ms. de Idacio do sec. VII-VIII vem já *Portugale*, podemos, a julgar d'esses documentos, concluir que a data em que *-g-* substitue graphicamente *-c-* oscilla, pelo menos, do sec. VII para o VIII. As moedas visigoticas dão-nos: PORTOCALE no tempo de Leovigildo (sec. VI), Reccarédo (sec. VI-VII), Liuva II (sec. VII) e Sisebuto (sec. VII)³. Na *Historia pseudo-isidoriana*⁴, t. II, p. 385, § 13, lê-se: *et pergens Conimbriam quae est in terra PORTUGALENSI*; Mommsen dá este passo como extrahido da obra de João Biclarense. A *Hist. pseudo-isidoriana* é de um A. posterior ao anno de 1000, e acha-se em um cod. do sec. XIII; João Biclarense, escritor natural de Santarem, é do sec. VI-VII. Em do-

¹ Lê-se na nossa epopeia nacional:

Lá na leal cidade, d'onde teve
Origem, como é fama, o nome eterno
De Portugal...

canto VI, est. 52.

² Tenho presente a ed. de Mommsen nos *Monum. German. Historica*, vol. II, fasc. 1.º

³ Heiss, *Monnaies des rois visigoths*, pp. 83, 92, 97 e 105.

⁴ Ed. de Mommsen, *Chronica minora*.

cumentos latinos de Portugal encontra-se, ora com relação ao Porto, ora com relação a um territorio mais extenso, do sec. X em diante: *Portugal, Portugalis, Portugale*, ou com -c-¹. Num sêllo de D. Sancho I lê-se *sigillum domini Sancii, regis PORTUGALENSIS*²; este rei, ao passo que num documento figura como *PORTUGALIAE rex*³, no sêllo usa o adjectivo *Portugalis*, como se viesse de *Portugale* (o adj. de *Portugalia* devia terminar em -iensis). D. Affonso II usa *regis Portugaliae* a par de *regis Portugalis*⁴. — Bem sei que estas notulas fatigam os redactores da *Portugalia*, que, como veremos adiante, zombam dos textos, e se comprazem mais com flammancias de estilo, eivado de estrangeirismos, do que com ellas; em todo o caso, é meu dever apresentá-las.

A conclusão que se tira é que, se os referidos redactores procederam com patriotismo, emprehendendo a publicação do seu jornal, procederam com pouca discrição, e nenhum conhecimento do assunto, escolhendo para titulo um nome espurio, que obriga Portugal a mudar periodicamente de genero grammatical e de sexo emblematico, quando elles podiam ter escolhido outro que tivesse a seu favor a génese etymologica. — Sem dúvida ha casos de a um antigo nome de país corresponder um moderno, de outro genero, como entre nós mesmos se vê: ao nome *Lusitania*, que é feminino, corresponde *Portugal*, que é masculino; cf. tambem *Belgium*, neutro, e *Belgique* (em francês), feminino⁵. No nosso caso, porém, não só *Portugalia* se formou erradamente, pois a terminação -ia deve juntar-se a themas de adjectivos, como em *Hispania*, de *Hispanus*, etc., e não a substantivos, como aqui, mas dá-se ainda a circumstancia de *Portugalia* ser mais moderno que *Portugal*. Quanto aos symbolos, ainda se póde comprehender que se represente a Lusitania em fórma de mulher (por ex. numa medalha de D. Pedro IV⁶), e Portugal em fórma de velho ou guerreiro, por isso que Portugal e Lusitania não são exactamente a mesma cousa; o que não se póde admittir é que se vista theatralmente um e mesmo país de duas maneiras, conforme a dose de latim do ensaiador scenico⁷.

Feitas estas observações preliminares, passarei a fallar da obra.

¹ *Port. Mon. Hist.*, Dipl. et Ch., passim.

² Sousa, *Historia Genealogica*, iv, 17.

³ *Port. Mon. Hist.*, Leg. et Cons., p. 162.

⁴ Sousa, *Historia Genealogica*, iv, 20-21.

⁵ A par de *Belgium*, em latim, ha *Belgica* (substantivamente).

⁶ Vid. Lopes Fernandes, *Memoria das Medalhas* (já cit.), n.º 98, onde a figura corresponde á legenda LVSITANIA.

⁷ Realmente acontece que, por conveniencias litterarias, é ás vezes necessario alatar um nome moderno, como *Algarve* e *Brasil*. Regula-se então o criterio pela analogia (falsa). André de Rêsende, *De Antiquit. Lusit.*, fl. 177 v, escreve, por ex., *Algarbium* (nas moedas: genet. sing. *Algarbii*, genet. pl. *Algarbiorum*); A. de Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata*, Londres 1645, p. 10, escreve *Algarbia*. Este ultimo A. escreve tambem *Brasilia*, p. 23, e é essa a fórma adoptada nas moedas dos reis de Portugal destinadas ao Brasil. No primeiro caso, *Algarbium* é melhor do que *Algarbia*; no segundo, seria preferivel *Brasilium*: pois que em ambos os casos são masculinos os nomes modernos. Mas nenhuma d'essas fórmas barbaras póde ser substituida por outras latinas legitimas, o que não se dá com *Portugal*.

Tomo I, fasciculo 1.º

A arte mycenica no Norte da Hispania, por Martins Sarmiento (pp. 1-12), com dezaseis gravuras no texto.—Comparação do estilo ornamental de pedras da Citania e Sabroso com o estilo ornamental de Mycenae e Creta. Defesa da sua these querida, muito problematica porém, de que nos castros minhotos não houve Celtas, mas Ligures. «Aqui, escreve Sarmiento, não podiam entrar outros Celtas senão o bando que se destacou dos Celticos do Ana, e, acamaradado com outro bando de Turdulos, fez para o Norte uma excursão, cujo fim é ignorado. Mas Celtas e Turdulos, chegados ás margens do Lima, rompem em hostilidade aberta, dizem-se mutuamente, e nós sabemos que os Celtas, destroçados e sem chefe, foram fixar-se nas immedições do promontorio Nerio». Sarmiento, embora o não cite, refere-se visivelmente ao conhecido texto de Estrabão, *Geogr.*, III, III, 5, texto que me parece que já foi reduzido ao seu justo valor nas *Religiões da Lusitania*, II, 65 e 229. O mesmo benemerito investigador esqueceu-se de citar Pomponio Mela, *Chorogr.*, I, III, c. 1, onde este, como expliquei na *obr. cit.*, p. 63, considera povoada de Celticos a região situada ao Norte do Douro. Ora é curioso notar que sabendo nós algo dos Celtas, testemunhados ahí pelos textos e pelo onomastico, e não sabendo nada de Ligures, tanto se queira àquelles e tanto se engeitem estes.

Arcaínhas do Seixo e da Sobreda, por Santos Rocha, (pp. 13-22), com quatorze gravuras no texto.—O A. começa por contar as difficuldades com que lutou para explorar estas *arcaínhas* ou dolmens, por causa do atraso intellectual dos povos da Beira. Factos semelhantes tem acontecido a outros investigadores.—Descripção dos monumentos, e do seu espolio (ceramica, ás vezes ornamentada; instrumentos de pedra; ossos humanos). A ornamentação de varios restos de vasos faz lembrar a das grutas (chalcolithicas) de Palmella, como o proprio A. diz. O vaso da fig. 12.^a, que elle compara com um da anta da Ordem (Avis) representado n-*O Arch. Port.*, I, 122, fig. 10.^a, maior semelhança tem com os das *oreas* do concelho de Sátão (no Museu Ethnologico; ainda ineditos)—o que se comprehende, em vista da vizinhança das regiões.—Num dos esteios de um dolmen descobriu o A. uns traços vermelhos, que elle duvida fossem pinturas prehistoricas, mas que eu supponho e defendo que eram, porque traços analogos os descobri em dolmens do concelho de Sátão, de que está um espécime no Museu Ethnologico; cf. *Religiões da Lusitania*, I, 389 nota e 431, passos a que o A. poderia ter-se referido. Fica pois assim archivado mais um facto que confirma as minhas ideias emittidas naquelle livro. A analogia, na fórma dos vasos, que acima indiquei, corresponde a da pintura prehistorica. As *arcaínhas*, de que se trata aqui, são no concelho de Oliveira do Hospital. Eu já estive no local, e o exame, a que procedi, da pintura não me deixou dúvida de que ella pertencesse á mesma classe que eu primeiro havia estudado. A pintura dos esteios dolmnicos é parallela á das grutas prehistoricas, que hoje está na *ordem do dia* dos estudos paleoethnologicos.—Naquella região não se

usa o vocabulo *orca*; o A. o diz, e eu o confirmo¹. Os dolmens chamam-se *casas dos Moiros*. A palavra *Arcainha* ouvia-a porém sómente como nome de um sitio, e não como nome commum: *casa dos Moiros á Arcainha*.

O Minhoto de Entre Cávado e Ancora, por Fonseca Cardoso (pp. 23-56), com duas gravuras no texto e duas estampas.—Estudo de anthropometria. Diz o A.: «O presente estudo é feito sobre 3:202 estaturas extrahidas dos registos das inspecções de recrutamento do districto n.º 24, durante o quinquennio de 91 a'95, e nas medidas de cabeça e seus caracteres descriptivos, obtidas por mim em 110 recrutadas do contingente de 1895» (p. 24). Neste trabalho ha dois elementos: um, que resulta de observações e medidas; o outro, baseado em comparações de que o A. deduz theorias ethnogenicas. O segundo prejudica o primeiro, e quasi póde dizer-se que o trabalho ficava bem, se estivesse reduzido aos mapps e tabellas que o terminam. De facto os conhecimentos ethnologicos do A. não são seguros, e elle até pretende identificar as suas deducções anthropometricas com as incertas theorias ligurísticas de Sarmento: «o Minhoto da região de Entre Cávado e Ancora seria Ligure» (p. 54), e suppõe que outros povos, entre elles os Godos, exerceram maior influencia civilizadora do que ethnica, no sentido anthropologico da palavra (p. 54).

A respeito da influencia dos Godos, notarei que Fonseca Cardoso está em opposição consigo mesmo. A p. 33 diz elle que «o Minhoto actual é certamente o mestiço das raças pequenas dolicocephala e brachycephala, com a raça alta nordica, a *gauleza*», que Paula e Oliveira encontrou nos cemiterios dos arredores de Cascaes; a isto objectarei que os cemiterios dos arredores de Cascaes não são, de nenhum modo, gauleses, isto é, protohistoricos, como Paula e Oliveira julgava, e Fonseca Cardoso acceita, mas, muito pelo contrário, GERMANICOS². Logo, se para a mestiçagem mi-

¹ Sobre o uso da palavra *orca* na Beira, como synonyma de «dolmen», vid. *Religiões da Lusitania*, I, 253 e nota.

² Quem quiser, se póde convencer do que digo, examinando o respectivo espolio archeologico que está no Museu da Direcção dos Serviços Geologicos em Lisboa: os fivêlões, as contas, etc., são os mesmos que se vêem nas collecções germanicas da Allemanha, França, Belgica, Italia. Vid. tambem as estampas appensas ao trabalho de Paula e Oliveira intitulado *Antiquités des environs de Cascaes*, publicado nas *Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos*, t. II, fasc. 1.º Já o Dr. Felix Alves Pereira, n-*O Arch. Port.*, x, 18, nota, classificou de post-romanas não só as sepulturas, mas dois dos anéis encontrados nellas. Não admira que Paula e Oliveira se equivocasse, porque então, como ainda hoje, a archeologia visigotica era pouco conhecida em Portugal; além d'isso a sua affirmacão tem outra attenuante, porque o seu trabalho foi publicado postumo, e ninguem sabe se, quando Paula e Oliveira chegasse a revê-lo para o prelo, mudaria de opinião.—Baseados nas conclusões de Paula e Oliveira, outros se tem enganado, e eu tambem entre elles; mas corrijo agora qualquer affirmacão que eu fizesse algures sobre o assunto.

A influencia germanica no Sul, posto que apagada em parte pelo dominio arabico, foi mais intensa do que muitos supporão. Do Algarve ha no Museu

nhota contribuiu sangue das raças representadas nos cemiterios dos arredores de Cascaes, e se estas raças, a julgar do espolio archeologico, deviam ser germanicas, é que os Germanos influiriam mais no Minhoto do que o nosso autor suppõe. Não sei que valor possam pois

Ethnologico varios objectos d'essa epoca, provenientes da antiga collecção organizada por Estacio da Veiga. De *Pax Iulia* ha no mesmo Museu alguns bellos adereços de ouro, e no Museu Municipal de Beja uma espada de ferro, — objectos visigoticos apparecidos em uma sepultura. Em *Myrtilis* desenvolveu-se, do sec. v ao VIII, uma notavel sociedade christiano-visigotica, o que se vê das inscripções; se a maioria dos nomes mencionados nellas é de origem greco-romana (em parte por influencia ecclesiastica), por exemplo, *Adiutor*, *Afranius*, *Amanda*, *Andreas*, *Donata*, *Glandarius*, *Orania*, *Simplicius*, etc., um é, como penso, de origem germanica, a saber, MANNARIA, do gotico manna «homem». Vid. os respectivos textos no *Inscription. christian. supplementum*, de Hübner, p. 6 sqq. (muitas das lapides estão no Museu Ethnologico). No concelho de Montemor-o-Novo encontrou o Sr. José de Almeida Carvalhaes, preparador do Museu Ethnologico, um cemiterio com espolio em parte analogo aos dos arredores de Cascaes; com este facto coincide o existir na villa de Montemor uma inscripção do sec. v ou vi em que se lê [S]ISENANDUS, nome igualmente de origem germanica. Vid. o cit. *Supplementum*, p. 16, e alem d'isso o *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5189. No aro de Lisboa temos, alem dos cemiterios de Cascaes, que deram origem a esta nota, as inscripções de Chellas. Ha annos appareceram em Rio Maior numerosos trientes visigoticos, que se dispersaram (pude obter um, que está no Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa); por toda a provincia se encontram de vez em quando outros. Em Evora não parece duvidoso que varios reis visigodos dos sec. VI-VII cunhassem moeda, apesar do que diz Heiss, *Monnaies des rois wisigoths*, p. 51, contra Florez, *Medallas*, t. III, p. 184; de facto Evora tinha nesse tempo certa importancia, e o nome *Elvora*, que se lê nas moedas, é o mesmo que apparece em documentos medievaes.—A proposito de *Elbora* = *Elvora* juntarei as seguintes notas. Nos textos litterarios latinos da idade-media, como o *Chronicon Conimbricense* e a *Chronica Gothorum*, encontra-se *Elbora*: vid. *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, p. 2 b e 15 b. Mas nas *Chronicas breves* de Santa Cruz de Coimbra, que são em portuguez, vem *Evora*: vid. *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, p. 24 b. Em regra os documentos latinos dos sec. XII e XIII emanados de Evora tem *Elbora*; os documentos portuguezes dos sec. XIII e sqq. emanados da mesma cidade tem *Evora*: vid. exemplos em G. Pereira, *Doc. Hist. da cid. de Evora*, I e II, passim. Ainda no sec. XVI temos o *Missale secundum consuetudinem ELBORENSIS ecclesie*, Olisipone 1509, e o *Breviarium secundum consuetudinem sancte ELBORENSIS ecclesie*, Hyspali 1528. De ser *Elvora* (e *Elvora*), nome de cidade hespanhola ou portuguesa trataram: Lucas Tudense, ed. da *Hispania Illustrata*, t. IV, p. 58; Mariana, *Historia de España*, lib. IV, cap. 13 (baseado certamente no escrito antecedente); André de Rêsende, na rarissima *Epistola ad Bartholomeum Kebedium*, escrita em Evora em 1567 (reproduzida na *Hispania Illustrata*, t. II, Francofurti 1603, p. 1003 sqq.), e na *Hist. da antiguidade da cidade de Evora* (1.^a ed. 1576), cap. 1; Gaspar Estaço, *Varias Antiguidades de Portugal* (Lisboa 1625), capp. 46 e 47. Tambem Florez tratou do assunto na *Espana Sagrada*, XIV, 107: diz que o nome *Elbora* se acha attribuido a Talavera com certeza em Lucas de Tuy (sec. XIII), em alguns breviarios antigos, na Historia de Sampiro (sec. X) e no Monge Silense (sec. X) — sendo estes os textos mais antigos que conhece do uso de *Elbora* dado a Talavera—, mas tem para si que todos descendem do Catalogo das cidades que mudaram de nome no tempo dos Sarracenos, posto no fim da divisão dos bispados do rei Wamba, e coordenado pelo bispo de Oviedo, D. Pelayo, ao qual Florez não dá nenhuma fé.—Adolfo Coelho, *Questões da Ling. Port.*, I, 118, explica o l de *Elvora* (i. é, *Elbora*) por influencia do de *Elvas*, mas essa explicação, para ser accete, precisava de ser provada, pois não só *Elvora* figura já em documentos do sec. VI, epoca em que de *Elvas* nada ainda sabemos, mas a cidade de Evora teve sempre outra importancia que *Elvas* nunca teve.

ter as deducções de Fonseca Cardoso¹. É mais prudente, para que os estudos anthropologicos progridam, limitá-los por ora á parte descriptiva, e deixar as theorias para tempos superiores, ou para investigadores mais habilitados.

A p. 28 usa a fórma *Gronios* em vez de *Grovios*; a fórma *Gronii*, comquanto adoptada em algumas edições, é erronea: cf. já em 1748 Voss, *Ad Pomponium Melam*, vol. II, p. 786. Quando a sciencia adeanta, para que havemos de estar a seguir as ideias velhas?

Na mesma pagina 28 lê-se o seguinte: «foi nas margens do Lethes, entre Vianna e Ponte do Lima, que Decio Juno Bruto, o conquistador da Gallaecia, teve de dominar a insubordinação dos seus soldados, quando, após uma porfiosa campanha em que se teve de fazer a tomadia, monte a monte, das cidades e castros que as coroavam, se viram de repente ante as formidaveis obras de defeza da serra de Arga e dos seus contrafortes. Strabão, que narra este facto d'um modo anecdótico. . . ». Ha aqui quasi tantos enganos quantas são as afirmações:

1) Deixando de lado a palavra *Lethes*, que nunca foi applicada ao rio *Limia* na antiguidade, senão por Appiano, e erradamente², pergunto ao Sr. Cardoso qual é o autor classico que lhe diz que a insubordinação dos soldados de Bruto se passou entre Vianna e Ponte de Lima? Que documentos tem para se referir tão peremptoriamente á serra de Arga? Não romantizemos, segundo a nossa fantasia, a historia antiga. O que diz Tito Livio, na *Periocha* do liv. LV, e Lucio Floro, *Res in Hispania gestae*, I, xxxiii, é que a aventura de Bruto com os seus soldados foi nas margens do *Limia*, e nenhum d'elles especifica o logar; podia pois ella ter succedido muito alem de Ponte de Lima, visto que o rio nasce na Galliza. Quanto a Arga, maior é o desacêrto, por Fonseca Cardoso localizar ainda mais o feito.

2) A proposito de *Decio Juno Bruto* notarei que o que se encontra geralmente escrito é *D. Iunius Brutus*, onde a abreviatura *D.* denota o *praenomen* e significa *Decimus*, em português *Decimo*; o *nomen gentilicium* é o segundo, e acaba geralmente em *-ius*,—por isso *Iunius*, em português *Junio* e não *Juno*.

3) Affirma o Sr. Fonseca Cardoso que a Estrabão se deve anecdoticamente a menção dos acontecimentos das margens do rio Lima. Já a cima notei que a anecdota foi contada por Tito Livio e Lucio Floro. O que Estrabão diz de Decimo Junio Bruto é a serio, e como sim-

¹ A titulo de mera coincidência, notarei que na propria região de Entre Cávado e Ancora a que se refere o artigo de Fonseca Cardoso, região composta dos concelhos de Esposende, Ponte de Lima, Vianna e Barcellos, abundam nomes geographicos de origem germanica mais ou menos manifesta, como, em ESPOSENDE: o proprio nome do concelho; em PONTE DE LIMA: *Roriz, Tresmonde, Gondim, Salamonde, Grijufe, Cartemil, Valdomar, Rosende, Esmorigos, Rendufe*; em VIANNA: *Amonde, Armamil, Marufe, Romariz, Samonde, Sabariz*; e em BARCELLOS: *Argufe, Valdemil, Sogilde, Sâmil, Seixomil, Reimonde, Sandim, Guilhufe, Valdemir, Armamil, Roriz, Aiufe, Bermil, Sindim*.

² Discuti isto nas *Religiões da Lusitania*, II, 229-230. Escuso de repetir aqui o que lá disse.

ples allusão historica: vid. *Geographia*, III, III, 1 e 2. O Sr. Fonseca Cardoso confundiu aqui duas cousas: a lenda do rio do esquecimento, posta por Estrabão na *Geographia*, III, III, 5, á conta dos Celticos e dos Turdulos, quatro ou cinco seculos antes da era de Christo, e o feito de Decimo Junio Bruto, praticado nos meados do sec. II da mesma era, e referido pelos autores romanos que citei a cima.

A pedagogia do povo portuguez, por F. Adolpho Coelho (pp. 57-78).—O A. faz proposito de escrever sobre os elementos tradicionaes da educação da familia. Este primeiro artigo constitue a introduccão geral do trabalho, que provavelmente fica por concluir, como quasi tudo quanto o A. começa¹, porque elle é pouco cuidadoso do pre-

¹ Por curiosidade, e para prova do que digo, aqui formo uma lista de varios trabalhos do autor, inacabados, ou promettidos e nunca publicados,—lista ainda susceptivel de augmento:

A lingua portuguesa, 1868. Saiu o 1.º fasciculo. Nas capas annuncia mais tres fasciculos que nunca sairam a lume.

Theoria da conjugação, 1870. Na capa diz que a este estudo se seguiriam mais quatro, que nunca appareceram.

Questões da lingua portuguesa, 1.ª parte, 1874. No prologo, pp. VII-VIII, annuncia outras partes, mas só saiu mais uma, e a primeira ficou por acabar.

Revista d'Ethnologia, 1880-1881. Nas capas annuncia seis fasciculos, mas só publicou quatro.

Curso de litteratura nacional, começado a publicar em 1881. Annuncia tres volumes, mas só publicou dois.

Bibliotheca de educação nacional, começada em 1882. Annuncia seis voluminhos, mas só publicou tres.

Jogos e rimas infantis (no *Boletim da Soc. de Geogr.*, ser. 4.ª, n.º 12). Annuncia oito partes, mas só publicou a primeira, e ainda assim constituida toda ella por um trabalho que A. Thomás Pires lhe ministrou.

Ethnographia Portuguesa (no *Boletim da Soc. de Geogr.*). O plano consta de varias secções, mas só publicou a primeira.

Na *Revista Occidental* publicou uns artigos sobre contos populares; promette outros, mas, que eu saiba, nunca appareceram.

No *Positivismo* começou uma serie de materiaes para o estudo da origem e transmissão dos contos populares, mas só publicou um pequeno artigo, que diz no fim *continúa*, e que não continuou nunca.

Notas mythologicas (na *Renascença*). No fim diz: «fica para outra occasião fallar da fórmula do *tangro-mangro*», mas nunca fallou.

Num opusculo publicado em 1870 sobre o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio da Silva annuncia a publicação successiva de mais quatro, mas nunca vieram á luz.

Notas physio-psychologicas sobre a linguagem. Saiu, que eu saiba, só o cap. I.

Vestigios das antigas linguas da Peninsula Iberica, 1886, 1.º artigo. Não publicou mais nenhum.

Estudo sobre a influencia ethnica na transformação das linguas. Promette na capa (1901) mais sete volumes, dos quaes por ora não appareceu ainda nenhum. Este primeiro é, porém, manta de girões, de tecido tão aspero, que creio não se tornará sensivel a falta dos restantes.

N-*O Pantheon*, I, 377, diz: «Um dia publicaremos um trabalho sobre o positivismo comtista em que mostraremos toda a fraqueza das suas concepções fundamentaes». Este grandioso trabalho nunca appareceu.

No *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* começou um estudo

ceito expresso por Bertran Carbonel, trovador provençal do sec. XII, de que não

..... deu nulls comensar,
segon razo, obra c'a fi no venha¹.

Neste artigo expõe e trata o Sr. Coelho de conciliar ou confutar varias opiniões de psychologos, o que faz de maneira bastante abstrusa, embora com muita erudição. O A. devia ter-lhe juntado um summario preliminar, para orientação do misero leitor.

Habitação: os palheiros do litoral, por Rocha Peixoto (pp. 79-96).—Já a *Rev. Lusitana*, III, 226-228, se tinha occupado, posto que concisamente, do assunto. O A. porém desenvolve-o, amplia-o e junta estampas com vistas de *palheiros*, ou casas de madeira sobre estacas, do areal da Cova de Lavos. A mais curiosa das estampas é a que reproduz um ex-voto da capella da Senhora da Encarnação de Buarcos, onde o artista popular representou um naufragio deante dos *palheiros*.

As villas do Norte de Portugal, por Alberto Sampaio (pp. 97-128, 281-324, 549-584 e 757-806).—E dos artigos mais importantes publicados na *Portugalia*. Já tinham saido fragmentos d'elle, por várias vezes, na *Revista de Portugal*, na *Revista de Guimarães* e na *Revista de sciencias naturaes e sociaes*. O A. só todavia considera definitiva esta edição. Como do artigo se fez separata, em fôrma de livro², consagrar-lhe-hei noutro logar, se puder, noticia especial.

Estatueta romana, por Ricardo Severo (p. 129 sqq.). Noticia de uma estatueta romana de bronze representativa de Juppiter, encontrada na bouça de Soutello, termo da Maia.—O A. cita a proposito um trecho latino com muitas falhas grammaticaes: *in manum tenes* em vez de *in manu tenens*³; *fulmine* em vez de *fulmen*; *ad infero*, com *ad* a reger ablativo. Por outro lado, diz «*pallium* ou *clamide*» e «*clamide* ou *paludamentum*», devendo dizer em qualquer dos casos *clamis* (isto é, *chlumys*) ou *chlamyda*, pois que emprega *pallium* e *paludamentum* em nominativo. Tambem diz «o feixe de raios (*fulmine*)»,

sobre os crioulos, de que saíram tres artigos; no terceiro promette outro artigo, que nunca publicou.

Verdadeira encyclopedia de promessas! Sem dúvida, todos os que escrevem são muitas vezes, por varias circunstancias, obrigados ou a suspender as suas publicações, ou a procrastinarem a realização dos seus planos; mas no caso presente vê-se que o facto, por muito repetido, depende, ou de falta de methodo, ou de incapacidade de trabalho.

¹ Karl Bartsch & Eduard Koschwitz, *Chrestomathie provençale*, Marburgo 1904, col. 298.

² As «villas» do Norte de Portugal, estudo sobre as origens e estabelecimento da propriedade, Porto, Imprensa Moderna, 1903, 172 pag.

³ De certo está assim no livro de que o nosso A. se serve. Abstráio do *tenes*, que é certamente êrro typographico; o meu reparo é só para o accusativo em vez de ablativo.

em vez de «o feixe de raios (*fulmen*)». Isto são pequenos nada, que eu noutras circumstancias não assinalaria; mas como o A., segundo veremos, censura os que se servem dos textos classicos, é bom que os leitores vão desde já apreciando a fôrça da hermeneutica do censor.

Sociedade archeologica da Figueira: leituras feitas em sessão de 19 de Março de 1898 (pp. 131-146).— Cf. *O Arch. Port.*, IV, 267, onde já saiu uma noticia d'esta sessão; é escusado repeti-la aqui.

A pesca em Buarcos, por P. Fernandes Thomás (pp. 147-154).—Depois de uma curta introdução, que teria sido util documentar, trata o A. successivamente: 1) da pesca do alto; 2) da pesca costeira; 3) da pesca com anzol e varios aparelhos; 4) do encasque e secagem das redes; 5) das companhas e vencimentos ou salarios. O artigo é acompanhado de gravuras representativas de barcos, redes, etc., e vale tanto por ellas, como pela nomenclatura que o A. cuidadosamente especifica.

Noticias (pp. 155-160.): a Sociedade «Carlos Ribeiro», breves indicações por Rocha Peixoto; o Museu Municipal do Porto, pelo mesmo (o A. do artigo clama pela reorganização d'aquelle Museu, que foi comprado pelo municipio em 1850; de passagem allude á collecção de ceramica organizada pelo poeta Guerra Junqueiro, e por este vendida a um particular);— a Sociedade Archeologica e o Museu Municipal da Figueira da Foz, por Ricardo Severo (noticia historica e descritiva);— comissão archeologica do Porto, por Rocha Peixoto (esta comissão foi nomeada pela Camara para inventariar os monumentos archeologicos da cidade);— os archivos dos municipios, pelo mesmo (considerações a proposito da deliberação tomada pela Camara de Guimarães para a publicação dos documentos do seu archivo).

Os mortos (pp. 161-162): G. DE MORTILLET (com o retrato), por Ricardo Severo; D. CECILIA SCHMIDT BRANCO, por Rocha Peixoto (cf. *Rev. Lusitana*, VII, 80).

Bibliographia (pp. 163-166):

a) Livros e opusculos:

1. ORA MARITIMA de Martins Sarmiento, por Ricardo Severo.— Caloroso e incondicional elogio da obra, seguido da traducção francesa das conclusões d'ella.— A pag. 164 lê-se «o *Cautes Sacra*», em vez de «a *Cautes Sacra*», porque *Cautes* é do genero feminino, como claramente o mostra *Sacra*. Na mesma pagina escreve Severo *Cynetos*, em vez de *Cynetes*, que é como vem em Avieno. O primeiro é erro sem importancia, o segundo não, porque revela desconhecimento da disciplina de que o mesmo A. mais adeante, como veremos, desdenha. Já tambem Sarmiento escreveu inexactamente *Cynetos*; competia ao seu panegyrista notar a inexactidão. A respeito de *Cynetes* vid. *Religiões da Lusitania*, II, 8, 9 e 72. Que *Cautes Sacra* não podia corresponder ao moderno cabo de Santa Maria, como queria Sarmiento, acompanhado inconscientemente nisto por Ricardo Severo, mostra-o o ser

este cabo formado de areia, que não tem a rigidez de uma *cautes*; além d'isso, Avieno, *Ora marítima*, v. 215, fallando da *Cautes Sacra*, diz inhorret, que um traductor hespanhol interpretou muito ao vivo por *horrible de peñascos se levanta*¹: como poderia esta expressão applicar-se a um areal?

2. RELIGIÕES DA LUSITANIA de J. L. de V., por Ricardo Severo.—Exposição do plano do livro, acompanhada de considerações tão superficiaes, que valem tanto como nada.

3. INDICES CEPHALICOS DOS PORTUGUESES de Alvaro Basto, por Fonseca Cardoso.—Analyse com extractos.

4. L'ANTHROPOLOGIE ET LA PRÉHISTOIRE EN ESPAGNE ET EN PORTUGAL de L. de Hoyos Sáinz, por Rocha Peixoto.—Resumo com complementos.

b) Publicações periodicas:

Noticia geral da REVISTA DE SCIENCIAS NATURAES E SOCIAES, publicada no Porto em 5 volumes, de 1890 a 1898, da qual procede a *Portugalia*. A noticia é assinada por Rocha Peixoto.

Tomo I, fascículo 2.º

O ossuario da freguezia de Ferreiró, estudo anthropologico por Ricardo Severo & Fonseca Cardoso (pp. 177-200).—Este estudo, que é precedido de algumas indicações topographico-archeologicas, consta de medidas craniometricas e osteometricas (feitas em esqueletos do cemiterio de Ferreiró, concelho de Villa-do-Conde), e de considerações ethnogenicas, que os AA. resumem assim: «sobre uma população mixta, de pequena estatura, formada pela combinação da raça dolichocephala autochtone ou mediterranea com a raça brachycephala, incidiu a influencia de uma raça alta, dolicocephala, com a harmonia craneo-facial propria do emigrante nordico, gaulez ou germanico, que intensamente actuou sobre a população então existente para lhe dar o seu actual aspecto» (p. 200).

Entendo que no estado actual da sciencia o mais valioso não são as considerações d'esta especie, sempre vagas, mas as medidas, como as que constituem a primeira parte do artigo e a tabella final. Anthropologos principiantes, num país onde de mais a mais os estudos ethnologicos estão ainda atrasados, não obstante o empenho com que muitos trabalham, e entre elles os proprios redactores da *Portugalia*, não devem preoccupar-se demasiado com theorias que podem ser illusorias; mas... como diz um autor do sec. XVI, *manha*² *he de Português—com qualquer cousa que alcança de algũa sciencia, parecer-lhe que está no cabo d'ella*³.

A pedagogia do povo portuguez, por F. Adolfo Coelho (pp. 201-226).—Continuação do artigo citado a cima. Consta de dois

¹ Cortés y Lopez, *Dicc. Geogr. de la España antigua*, I, 320.

² Isto é: «qualidade», «character», «feição».

³ Jorge Ferreira, *Comedia Aulegrafia*, Lisboa 1619, fl. 128 (iv, 2).

capítulos: I) As phases da educação e a linguagem; II) Dos fins e meios da educação popular.

No cap. I trata o A. principalmente da definição e etymologia de varios termos portuguezes e de outras linguas, relacionados com a educação, como *pedagogia*, *ducere*, *élever*, *allevare*, *erziehen*, *to teach*.

No cap. II trata de varias contradicções ou contrastes que se notam na educação; trata do ideal ou typo nacional, e dos meios tradicionaes da educação popular. Fallando do typo nacional portuguez, diz que não temos na nossa lingua uma fórmula que o defina, a não ser, com relação ao passado, a expressão *português velho*, que indica «o ponto culminante do verdadeiro character moral». Em vez de *português velho*, creio que se diz mais frequentemente *Portugal-Velho*. Podia o A. ter citado o que a este proposito se disse na *Revista Lusitana*, III, 220: «O typo chamado entre nós *Portugal-Velho*, bondoso, lhano, com quem a gente logo á primeira vez sympathiza, encontra-se mais vezes nas provincias do Norte e Centro do que nas do Sul. A patria do *fidalgo antigo*, que se revê nos seus brasões, e, sem deixar de estimar os outros, não se desapruma porém da linha, é tambem principalmente no Norte e no Centro do reino». Já um autor quinhentista disse, fallando de certa classe: «ameação com a galharda, e *sospirão por Portugal o velho*»¹. É frequente encontrar, tanto no Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes, como na Beira, antigas edificações desmanteladas, mas ainda com brasões de armas, que attestam o brilho de outros tempos. Com razão notou Faria y Sousa, no sec. XVII, fallando da primeira d'aquellas provincias: «La nobleza ahogada aora en la necesidad que resultó de la multitud de los habitadores, mas que en las personas resplandece en las ruínas de algunas torres ó castillos honrados, pero tristes monumentos de aquellos ilustrissimos solares»². — Frase corrente tambem entre nós é: *á antiga portuguesa*.

Outras observações farei a este artigo, que, comquanto um pouco embrulhado, é porém superior ao primeiro. A p. 207 diz o A. que o port. *dereçar* (*endereçar*) vem de **directiare*; melhor seria dizer **derectiare*, porque a base é *derectus*, não *directus*: cf. hesp. *derecho*, port. ant. *dereito* (pop. *d'reito*). A pag. 211 escreve *crear*, e accrescenta: «d'ahi o substantivo *cria*»; ora, visto que *cria* vem de *crear*, que se pronuncia *criar*, mais harmonico seria escrever *criar* (*criança*, *criação*) do que *crear*; cf. as flexões rhizotonicas do presente: *crio*, *crias*, *cria*, *cries*, *crie*. A pag. 217 diz: «é velha a formula *vivere post PHILOSOPHARE*, mas superior é est'outra *vivamus ut PHILOSOPHEMUS*»; o Sr. Adolfo Coelho queria dizer, no primeiro passo *philosophari*, e no segundo *philosophemur*, porque... o verbo é deponente.

Industrias populares. As olarias de Prado, por Rocha Peixoto (pp. 227-270), artigo acompanhado de noventa e quatro gravuras. — Consta de: preliminares, onde o A. divaga summariamente

¹ Jorge Ferreira, *Comedia Aulegrafia*, Lisboa 1619, fl. 163 v (v, 5).

² *Europa Portuguesa*, III, 158.

sobre a historia da ceramica em geral; cap. I, onde o A. trata da technica da ceramica do Prado (Minho); cap. II, onde trata da fórma d'essa ceramica; cap. III, intitulado *ornamentação* (decoração linear); cap. IV, *estatuaria* (i. é, objectos de barro zoomorphicos); cap. V, intitulado *conspecto social*. Acompanham o artigo numerosos desenhos (vasos, figuras, etc.). Á parte a fórma litteraria, nem sempre didactica, e a linguagem, por vezes barbara, este artigo merece ser assinalado por conter importantes elementos para o conhecimento da nossa ethnographia. Conviria que a representação de cada vasilha e de cada objecto estivesse acompanhada do respectivo nome, e de uma escala por onde se conhecessem logo as dimensões.

Ethnographia do Alto Alemtejo (concelho de Elvas), por José da Silva Picão (pp. 271-280).—Este artigo não sómente continúa noutros fasciculos, mas foi ulteriormente incluido num livro que o A. está publicando á parte. Por isso abstenho-me de fallar nelle aqui.—Cf. *Ensaio Ethnographicos*, III, 349.

As villas do Norte de Portugal, por Alberto Sampaio (pp. 281-324). Vid. o que se disse supra.

Ex-voto de bronze da collecção «Manoel Negrão», por Ricardo Severo (pp. 326-331), com tres gravuras e uma phototypia.—Neste artigo, que é acompanhado de uma estampa muito boa, estuda seu A. o ex-voto de bronze que tambem foi estudado nas *Religiões da Lusitania*, t. II, p. 289 sqq. O ex-voto pertencia a meu fallecido primo Manoel Negrão, que possuia uma interessante collecção archeologica na sua quinta de Mosteirô: cf. *O Arch. Port.*, I, 33-35. O Sr. Severo não conheceu o artigo que antes do d'elle eu publicára sobre o assunto no *Bullet. de la Soc. Nac. des Antiq. de France*, 1900, p. 212.

Observações avulsas: não parece virem totalmente a proposito várias divagações que o A. faz; o objecto não appareceu em Arnoia, como elle diz, mas no castello de Moreira (cfr. *Religiões*, II, 290, n.); a pag. 327 ha, entre outros, estes lapsos: *coluber flagelliformi* (substantivo em nominativo a concordar com um adjectivo em caso obliquo) e *viriflavus* por *viridiflavus*.

O Penedo de Santa Comba, por Rocha Peixoto (p. 332).—Noticia de um penedo insculpturado, do genero dos que se assinalaram nas *Religiões*, I, 350 sqq., aos quaes o proprio A. se refere. Este penedo fica no logar de Santa Comba, concelho dos Arcos de Val de Vez¹.

¹ O logar de Santa Comba é na freguesia de Guilhafonxe. Alguns escrevem *Villa Fonche*, e entre elles o Sr. Peixoto. Já o Dr. Alves Pereira n. *O Arch. Port.*, x, 256-259, discutiu esta graphia, e mostrou que a verdadeira é *Guilhafonxe*. De facto a palavra representa *Viliafonsi, genetivo de *Viliafonsus, do germanico latinizado *Wiliafunsus, nome proprio que significa «pronto da vontade» (gotico *wilja* «vontade», alto-allemao ant. *funs* «pronto»). O s surdo de *Viliafonsi palatalizou-se em x ao contacto do vizinho i, como na fórma

Diz o Sr. Peixoto que, segundo a lenda actual, a imagem de Santa Comba appareceu no penedo do seu orago¹. Podia elle ter citado, muito a proposito, o poemeto do Dr. Antonio Ferreira (sec. XVI) intitulado *Historia de Santa Comba dos Valles*², onde se relata uma lenda antiga, localizada pelo poeta em Trás-os-Montes. Um rei mouro persegue a santa; depois:

Iã³ a pastora⁴ chegaua ao alto cume
Da serra, onde he mais alta a penedia,
Dond'o olho, abaixo olhando, perde o lume;
E entr'ella & elRey só a lança se metia.
Iã lhe chega o Tyranno, & já presume
Que nem em terra ou ceo lhe escaparia,
Quando COMBA gritou: «O' rocha alta, onde
»Venho buscar abrigo, em ti me esconde!»

Ó marauilha grande! abrio-se a pedra.
Obedeceo á santa a rocha dura,
Obedeceo á santa, & abrio-se a pedra,
E defendeo-a da cruel ventura⁵.
Tambem a lança do Mouro abrio a pedra.
Ao pé fica assinada a ferradura,
Ao pé da rocha, onde hoje inda parece⁶,
E na pedra a lançada se conhece.

A omissão d'este curioso texto é tanto mais estranhavel, quanto é certo que já ao Sr. Peixoto se havia tornado conhecido o poemeto de Antonio Ferreira no citado logar das *Religiões*, I, 382, nota.

Sociedade archeologica da Figueira: leituras feitas em sessão de 24 de Outubro de 1898 (pp. 333-359).—Cf. *O Arch. Port.*, VI, 267-269, onde já saiu uma noticia d'esta sessão. Apenas farei aqui uma observação ao artigo intitulado *Amuletos de Buarcos*, publicado a p. 347 sqq. O A. não explica bem o que são amuletos, que elle confunde com outras cousas: assim, as *alcachofras* não são

archaica e popular *dixe* < *dixi* < *dissi* < lat. *dixi* (não se confunda o port. *x* com o lat. *x*, pois este vale por *cs*) e na fórma popular *inxinar* < *ensinar*; tambem em português archaico ha *anziedade*, mas não posso agora dizer se aqui *x* é palatal, se representa o *x* latino de *anxietatem*. Cfr. «Casal de Fonci» (<Alphonsi) num documento do sec. XIII citado por A. Cortesão n-*O Arch. Port.*, X, 271, e *Fonzi*, nome de um logar no concelho da Lourinhã. Os que dizem *Guilhafonze*, dizem bem, e os que escrevem *Villa-Fonche*, escrevem mal a ultima syllaba; quanto ao *Villa*-, é mera etymologia popular moderna, e não reflecte o *wilja* germanico. A fórma *Villiafonsus* é analogá a *Viliamirus*, que se lê nos *Dipl. et Chartae* n.º 71, e se compõe de *wilja* + *mêrs* «grande», i. é, «grande da vontade». — Incidentalmente notarei que temos em *Guilhafonze* mais um elemento germanico para, entre centenaes de outros, juntar aos que citei supra, pp. 325-326, nota 2.

¹ Pela minha parte direi que tambem ouvi contar a mesma lenda ao Dr. Felix Alves Pereira, que é natural dos Arcos de Val de Vez.

² Vid. *Poemas Lusitanos*, Lisboa 1598, p. 116 sqq.

³ = já.

⁴ I. é, Santa Comba.

⁵ «Aventura», «risco».

⁶ «apparece».

amuletos, mas (de modo geral) oráculos; a *varinha do condão* é instrumento magico; os *dois bonecos* são symbolos igualmente magicos.

Excavações nas ruínas de Conimbriga, por A. Gonçalves (pp. 359-365), com duas gravuras.—Descripção geral do sitio das ruínas. Noticia especial de dois mosaicos ahi encontrados, e agora guardados no Museu do Instituto.—A p. 361, nota, propõe o A. aos archeologos que decidam se *Conimbriga* era *castrum* ou *oppidum*; mas, a não ser que elle quisesse dizer *castra* em vez de *castrum*, não vejo que importancia tenha para o caso esta distincção, pois *oppidum* e *castrum*, nos fins do imperio, erão synonymos: vid. as obras citadas a este respeito na *Revue des Études Anciennes*, IV, 43 e nota; e cfr. tambem *Religiões da Lusitania*, II, 82.

As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas, por Sousa Viterbo (pp. 365-368), com tres gravuras.—Artigo acompanhado de tres estampas de candeias do Norte. O artigo consta principalmente de transcripção de trechos archaicos em que se menciona a palavra *candea*, a qual significava então, não «candeia» no sentido moderno, mas «vela (de cera, etc.)». Por isso nada tem o artigo com as *candeias* figuradas nelle, as quaes de certo foram juntas pelos redactores da *Portugalia*, levados da falsa comparação das *candeias* dos textos com as candeias da industria moderna.—Num dos versos citados diz-se *candeads queimar*; se *candeads* estivesse aqui no sentido actual, não se diria *queimar*, mas *accender*. Nos docc. de p. 366 falla-se de *candeads* que se vendiam ás portas de um mosteiro: eram evidentemente «velas». Num d'elles trata-se mesmo de uma contenda entre *candieiros* («fabricantes de *candeads*») e *cerieiros*; isto mais confirma o que digo. Cfr. lat. *candela*, hesp. *candela*, fr. *chandelle*.

Industria caseira de fiação, tecelagem e tingidura de substancias textis¹ no districto de Vianna do Castello, por B. D. Coelho (pp. 369-378).—Artigo acompanhado de uma optima estampa colorida, que representa os tecidos vianneses, e de treze gravuras que representam varios instrumentos e apparatus relacionados com a arte de tecelagem, como *dobadoira*, *tear*, *maça*, *pente*, etc. O A. entra em muitas minucias importantes. Alem do seu valor ethnographico, este artigo tem tambem valor philologico, pois ha nelle muitos termos technicos. O peso que se vê no *tear*, a pag. 375, tem a mesma fórma dos *póndera* de barro romanos,—observação que fiz noutros concelhos (por ex. Marco de Canaveses e Baião); no Museu Ethnologico ha alguns espécimes d'esses pesos modernos (de pau, e de barro). Cf. *O Arch. Port.*, V, 199.

¹ Seria preferivel adoptar *téxteis* em vez de *textis*, e no singular *téxtil* (não *textil*),—do latim *textilis*. Comquanto se diga usualmente *reptil*, do lat. *reptilis* (mas Moraes manda pronunciar *réptil*), e o plural classico de *pénsil* seja *pénsiles* (ex. *hortos pénsiles*), a palavra *textil* é de introdução recente, e convém sujeitá-la ás regras gramaticaes.

Pesos de tear, por P. Belchior da Cruz (p. 378), com tres gravuras. O A. descreve e figura varios pesos cordiformes de calcareo usados em teares de Maiorca.—Em algumas localidades chamam aos pesos de tear *consciencias das tecedeiras*.—Conheço muitas variedades de pesos de tear no país: de louça, de barro, de madeira (alem dos de calcareo)¹.—No Museu Ethnologico ha espécimes de todas ellas; e creio que foi ahi que Belchior da Cruz viu pela primeira vez os typos de que se occupa.

A pesca fluvial, por Pedro Fernandes Thomás (pp. 379-384), com sete gravuras. Com estampas de barcos e redes.—Continuação do assunto tratado no fasciculo antecedente, p. 147: vid. supra. Este artigo desperta o mesmo interesse ethnographico e philologico do primeiro.

Costumes algarvios, notas e observações, por J. Nunes (pp. 384-388).—Consta de dois capitulos: um, sobre os systemas de abastecer de agua as povoações do Algarve; outro, sobre os moinhos *de vento e de agua*. Artigo curioso, e com varios termos technicos.

Folklore trasmontano, por Tavares Teixeira (pp. 388-390). Transcripção dos romances de Gerinaldo e de Albaninha, e de varias canções e perlengas.—Trás-os-Montes é a provincia portuguesa mais rica de romances tradicionaes. O A. do artigo já publicou abundante messe d'elles na *Rev. Lusitana*, VIII, 71-80.

Noticia da estação romana de Tralhariz, por Ricardo Severo (pp. 391-398), com tres gravuras. Da estação romana de Tralhariz fallou-se n-*O Arch. Port.*, v, 193 sqq., em artigo especial. O artigo do Sr. Severo e o que saiu n-*O Archeologo* coincidem, em parte, um com o outro.

Alfaia agricola portuguesa (Exposição da Tapada da Ajuda em 1898), por F. Adolfo Coelho (pp. 398-416), com nove gravuras.—Descripção circunstanciada de varios instrumentos agrarios (enxada, enxadão, picareta, arado, charrua, etc.), com indicações historicas e ethnographicas do uso d'elles em diversos povos, e explicações etymologicas dos nomes. Artigo instructivo. Far-lhe-hei algumas observações.—A par de *enxada*, p. 399, temos em gallego e mirandês *eixada*, que está mais proximo do lat. *asciata*, e temos também em mirandês *çada*, que corresponde ao hesp. (*a*)*zada*; a par de *enxadão*, temos em mirandês *çadðu* e *ançadðu*.—Diz Ad. Coelho, p. 400, que *picareta* e *picarete* vem de *picar*, como *voltarete*, de *voltar*; a comparação não foi

¹ Refiro-me a pesos feitos *ad hoc*; pois as tecedeiras, para esse effeito, não raro se servem de qualquer objecto pesado (uma ferradura, um peso de pesar, uma pedra embruhada num pé de meia,—e até tambem pesos romanos, *põndera*, encontrados casualmente em excavações ou ruinas).

feliz, porque *voltarete* passou por *volterete*¹, e esta palavra veio certamente do hespanhol *voltereta*².—A pag. 404, ao fallar dos instrumentos agrarios da America, feitos de pedra, podia citar certos instrumentos prehistoricos portuguezes que teriam tido tambem esse uso: cf. Santos Rocha, *Antig. da Figueira*, II, 72-73 e 82, e as minhas *Religiões da Lusitania*, I, 37, nota 1.—P. 408: a proposito do arado em França, vid. Förster, in *Zeitschrift für Romanische Philologie*, XXIX, 1 sqq. Do arado em Portugal havia ainda bastante que dizer.

Os mortos (pp. 417-424):

a) *F. Martins Sarmiento*, por Alberto Sampaio. Biographia seguida da lista das publicações de Martins Sarmiento.

b) *Eduardo Augusto Allen*, por Rocha Peixoto. Noticia biographica, seguida da lista de varias publicações de Allen. Sendo o Sr. Peixoto successor de Allen no Museu e Bibliotheca Municipaes do Porto, noto com extranheza que entre as obras d'aquelle não citasse o opusculo intitulado *Monnaies d'or suévo-lusitaniennes*, publicado em 1865, com a collaboração de H. Nunes Teixeira (extr. da *Revue Numismatique*, vol. X)—trabalho muito importante, e que rasgou novos horizontes á Numismatica nacional.

c) *Manoel Paulino de Oliveira*, por Rocha Peixoto.

d) *Edmundo de Magalhães Machado*, pelo mesmo.

Bibliographia (pp. 425-432).—Analyse de livros e opusculos de varios A. A. (Fortes, Sousa Viterbo, Mesquita Carvalho, Sant'Anna Marques, Costa Ferreira, Lepierre, A. Thomás Pires, Fernandes Thomás, etc.), feita por Ricardo Severo, por Rocha Peixoto e por Fonseca Cardoso, ora elogiativa, ora depreciativa, conforme os sentimentos benevolos ou hostis dos criticos para com os criticados. Assim, ao passo que um dos redactores da *Portugalia*, a respeito de um trabalho que analisa, sem dúvida bom, diz que seria util que os ociosos de provincia ao menos uma vez na vida exhumassem e publicassem trabalhos analogos, outro redactor, ao fallar de um livro de Sant'Anna Marques sobre anthropometria, analisa-o com azedume, e não tem para elle uma unica palavra de louvor, nem de incitamento, embora este livro, que constitue a dissertação inaugural de um estudante de medicina, represente tambem sinceramente um esforço e uma empresa dignos de todo o apreço.

¹ Vid. a 4.^a ed. do *Diccionario* de Moraes. Esta ed. é de 1831. Todavia já em 1814 se dizia concomitantemente *voltarete*, como consta de um folhetinho que possuo e que se intitula: *Tratado do jogo do VOLTARETE*.

² Não só ha varios jogos de cartas, mas termos de jogo, que tem directa ou indirectamente origem hespanhola, como: *manilha* (que ascende a *matilla*, e não, como dizem Ad. Coelho e o Caturra nos seus respectivos *Diccionarios*, a *manilla*). Tanto o port. *manilha*, como o fr. *manille*, que tambem vem do hespanhol, resultam de dissimilação de *l-ll*); *copas*; *basto*; *naipe*; *espadilha*; provavelmente *chinchão* (de *chinquillo* <> hesp. *cinquillo*, «juego de naipes»?).—Quanto á etymologia de *voltarete*, já Cortesão, nos *Subsidios para um Diccionario*, dá essa palavra como de origem hespanhola (embora ahí saisse, por lapso, *voltareta* em vez de *voltereta*).

Tomo I, fasciulo 3.º

Grutas de Alcobaça, por M. Vieira Natividade (pp. 433-474), com duzentas e trinta e sete gravuras e vinte e quatro estampas. O Sr. Vieira Natividade, de Alcobaça, possui uma valiosa collecção archeologica, parte d'ella obtida em excavações que elle proprio realizou, outra parte obtida avulsamente. Neste fasciulo da *Portugalia* dá noticia das suas explorações feitas em grutas. As grutas são em numero de quarenta e tres, que elle reparte por sete grupos, consoante a qualidade dos espolios ethnographicos que continham. As grutas de Alcobaça já haviam sido, de modo geral, objecto de uma referencia do proprio Sr. Natividade num seu opusculo (*Roteiro dos Coutos de Alcobaça*, 1890), de estudos do Sr. J. Filipe Nery Delgado, e de uma nota nas *Religiões da Lusitania*, I, 40-42, onde se citam e resumem os trabalhos do Sr. Delgado; era natural que o Sr. Natividade começasse por dar estas indicações bibliographicas, o que não fez. Ha grutas onde o A. do artigo só achou objectos neolithicos; ha outras onde a par de objectos neolithicos achou objectos de cobre; ha outras onde só appareceram objectos de cobre; outras onde, com instrumentos d'esse metal, havia objectos que podem pertencer á idade do ferro; outras, finalmente, onde só se descobriram objectos da idade do ferro. A acção dos Romanos tambem ahi se manifesta, como se vê do apparecimento de uma moeda de Caligula, etc.; este facto é comparavel ao que se observa em alguns dolmens, onde tenho achado igualmente moedas romanas.

É de opinião o Sr. Natividade que pelo menos algumas das suas grutas serviram de habitação; a este assunto se fez referencia já nas *Religiões*, I, 40-42, nota. A pag. 448 diz elle a este proposito, com relação á gruta de Colatras-Alta: «em muitos exemplares [de machados] vê-se, pela nitidez do gume, que são armas que não chegaram a servir-Creio, portanto, estarmos na presença de uma gruta-officina». O apparecimento de taes machados não prova isso, prova apenas que, se junto do morto se collocavam muitas vezes objectos usados, outras se collocavam objectos novos. Poucos dias antes de escrever estas linhas recolheu-se no Museu Ethnologico o espolio archeologico de uma gruta estremanha, evidentemente funeraria¹, e nelle havia muitos machados novos em folha. Machados analogos os tenho encontrado em dolmens, cujo character funerario ninguem hoje nega. Se nas grutas se encontram nucleos de silex, é que se entendia que o morto os utilizaria no outro mundo. Cf. tambem sobre o assunto Santos Rocha, *Antig. da Figueira*, II, 86.

No rico espolio² encontrado pelo Sr. Natividade figura uma placa de ardósia que appareceu partida em duas, e de que já se tinha publi-

¹ Pois ahi se encontraram ossadas humanas.

² Tratando dos objectos archeologicos apparecidos em grutas funerarias, dolmens, etc., prefiro dizer *espolio a mobiliario*, como muitos dizem, porque *mobiliario* vem de *mobilia*, e não pôde com propriedade chamar-se *mobilia* a uma faca de silex, a uma conta, etc.

cado a parte superior nas *Religiões*, I, 165; o Sr. Natividade adaptou-lhe a outra parte, e ficou um bello e original objecto (aqui o represento, reduzido, na fig. 1.^a). Esta placa é trabalhada nas duas faces, e representa um busto, provido de um collar muito grande. No Museu Ethnologico ha tres esculturas de pedra prehistoricas (ou, pelo menos, preromanas), tambem providas de collares. Posto que já soubessemos, pelo apparecimento de contas em estações e sepulturas, que os homens prehistoricos usavam de collares, interessante é comtudo verificar isso em algumas das poucas representações anthropomorphicas que de tão remotos tempos chegaram até nós. Outras placas, inteiras ou fragmentarias, encontrou o Sr. Natividade; mas estas são dos typos já mais ou menos conhecidos.

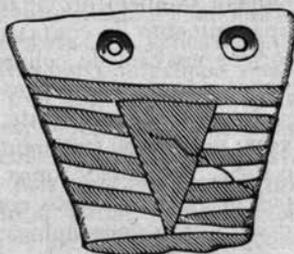
A distribuição geographica das placas de schisto ornamentadas é assunto muito importante, e que dia a dia se vae esclarecendo. Sabe-se, pelos achados, que ellas estiveram em uso no Algarve, no Alemtejo, em parte da Estremadura, e em parte da Beira: cf. *Religiões da Lusitania*, I, 155 e nota. Na Estremadura temo-las na Transtagana (grutas de Palmella e castro da Rotura) e na Cistagana, em muitas estações, mas não em Pragança, apesar da riqueza archeologica d'este castro¹. Na Beira só se encontraram por ora na Baixa (Idanha): d'ahi é a magnifica placa zoomorphica publicada nas *Religiões*, I, 164, e a que se publicou a pag. 167—uma e outra pertencentes hoje ao Museu Ethnologico, mercê da generosidade do illustre fidalgo e bibliophilo, o Sr. Antonio Pereira da Nóbrega. Tambem tem apparecido placas semelhantes em Hespanha. No Museu Archeologico de Madrid ha dois fragmentos, de que estão reproduções no Ethnologico, em Lisboa: vid. as figuras 2.^a e 3.^a, na nota I de p. 340 (reduzidas); estes fragmentos provêm de Garrovillas de Alconetar, provincia de Cáceres, vizinha da nossa da

Fig. 1.^a

¹ Entendo que nos estudos ethnologicos convem considerar dividida a ESTRE-MADURA em TRANSTAGANA e CISTAGANA, chamando *Transtagana* aos territorios que, embora fiquem na margem esquerda do Tejo, não pertencem aos districtos administrativos do Alemtejo, e pertencem, pelo contrario, aos da Estremadura. De facto, esses territorios, ethnologicamente considerados, relacionam-se mais com o Alemtejo do que com a Estremadura Cistagana; mas, como não podemos alterar a divisão administrativa, evitamos d'este modo o inconveniente que d'ella resulta para a Ethnologia.

Já André de Resende nas *Annotations* ao seu poemeto *Vincentius levita et martyr*, Olisipone 1545, fl. 40-v, se serve d'aquellas expressões: *Tagus autem mediam*

Beira Baixa¹. Sei de outros fragmentos, provenientes da mesma localidade, e existentes em poder do Sr. D. Vicente Paredes; represento-os reduzidos nas figs. 4.^a, 5.^a e 6.^a por estarem ainda ineditos². Creio

Fig. 4.^aFig. 5.^a

que é agora a primeira vez que se publicam placas hespanholas d'estes typos. Na Beira Alta e na Beira Maritima nem o Sr. Dr. Santos Rocha nem eu, nas nossas explorações dolmenicas, as temos encontrado; tão pouco se sabe do apparecimento d'ellas nas duas provincias septentrionaes de Portugal. Podemos pois provisoriamente concluir que as placas foram do Sul ou Sueste para o Norte, o que

secat Lusitaniam, Anas vero Lusitaniam a Batica. Regio inter utrumque amnem, optima Lusitania pars, Allentagio vulgo dicitur; nos TRANSTAGANAM fecimus, & populos TRANSTAGANOS . . et contra CISTAGANOS adpellavimus Olisiponenses, Scalabitanos & reliquos usque ad Durium. Só, como se vê, elle chama *regio Transtaganana* a todo o Alemtejo, ao passo que eu restrinjo, segundo fica dito, essa expressão.

No tempo de André de Resende a região que fica para lá do Tejo chamava-se não só *Alemtejo*, o que elle mesmo nota, mas tambem *Antre Tejo e Odiana*: vid. *Rev. Lusitana*, III, 247, e alem d'isso F. Lopez, *Cronica de D. Fernando*, cap. LV, e *Benedictina Lusitana*, I, 263. Assim, Almada, que hoje pertence á Estremadura, estava subordinada àquella designação.—O reino do Algarve constituia territorio á parte.

¹ A fig. 2.^a representa a parte superior de uma cara. Na fig. 3.^a vêem-se duas mãos (com parte dos braços) a segurarem um objecto indeterminado. Este ultimo

Fig. 2.^aFig. 3.^a

typo não se encontra nas placas portuguezas, mas ha outras representações archeologicas analogas a elle, tanto em Portugal, como na Hespanha,—pura coincidencia, de certo.

² Ao benemerito antiquario o Sr. Paredes agradeço o ter-me enviado os respectivos decalques de que se fizeram os desenhos para as gravuras. Segundo elle me disse em carta, os fragmentos das placas appareceram em dolmens situados

«à orillas del riachuelo Guadancil, en el sitio denominado *Vegas de Garrote*, término de Garrovillas, entre esta villa y el pueblo Cañaverál, cerca de la margen occidental del rio Tajo (una legua), y atravesada dicha Vega, ó llano, por la via «ferrea»

melhor se vê do mappa junto, onde se notam os pontos extremos do apparecimento das placas, e alguns dos pontos centraes. Já Estacio da Veiga fez tambem um mappa das placas conhecidas no seu tempo¹.

Se as placas são originarias do país, ou se o seu uso veio de fóra, é o que por ora não póde saber-se².

As nossas placas de schisto ornamentadas apparecem com frequencia nos dolmens e nas grutas do Sul, e coincidem em certas estações com o apparecimento dos primeiros instrumentos de cobre. Parece-me importante assinalar isto. O não

apparecer metal em estações onde appareceram placas, não é motivo para deixar de attribuir estas ao periodo chalcolithico (transição do periodo neolithico para o periodo do cobre), pois não só o cobre nos primeiros tempos era muito raro, mas ás vezes os objectos eram tão delicados, que facilmente se deterioravam e desapareciam em pó no seio da terra. Appareceram placas com instrumentos de cobre, por exemplo, nas grutas de Palmella, no castro da Rotura (Setubal) e em dolmens de Avis e Montemór-o-Novo. Como, porém, segundo notei a cima, ainda não appareceram placas em Pragança, onde estavam representadas a idade neolithica e a do bronze, a conclusão que se deve tirar é que, se a civilização a que as placas pertencem é coeva com aquella a que pertencem os primeiros instrumentos de cobre, não lhe será identica; isto é, quem diz «cobre», não poderá sempre dizer «placas»; mas quem diz «placas», talvez deva dizer «cobre».

Ao espolio das grutas de Alcobaca pertence um curioso objecto de marfim com dois córtes numa das extremidades, que mostram que

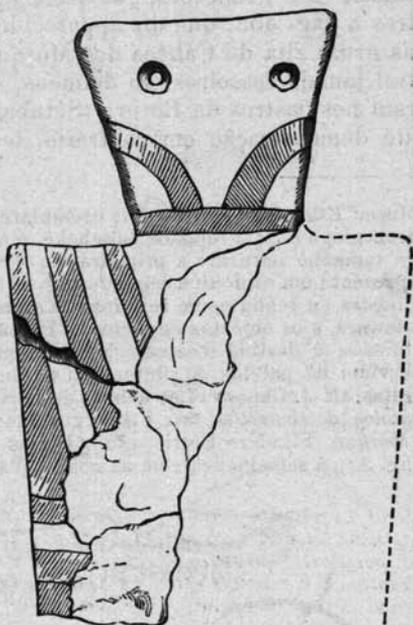


Fig. 6.ª

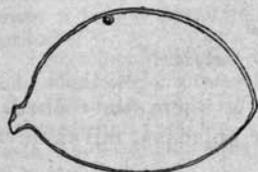
¹ *Antiquidades do Algarve*, II, entre pp. 452 e 453.

² A título de coincidência, notarei que no Egypto, nas excavações de Nágada (40 seculos antes de Christo), se encontraram com objectos neolithicos placas de lousa, umas lisas, providas ou não de orificios, outras zoomorphicas, que em verdade lembram bem as de Portugal. A primeira vez que me impressionei com esta coincidência foi em 1899 no Museu de arte, «Kunstmuseum», de Bonna ou Bonn, na Allemanha. Uma das placas rectangulares e provida de orificio era tão semelhante ás de cá, que escrevi no meu caderno de viagem o seguinte: «se eu a encontrasse em Portugal, não a distinguiria das nossas!». Depois d'isso vi muitas mais placas de Nágada em varios museus (Berlim, Bruxellas, etc.). No

elle se trazia suspenso; em Pragança appareceu um analogo objecto de marfim. Comquanto nas cavernas paleolithicas da França se encontrassem objectos d'esta substancia, e o marfim possa ter varias origens e procedencias, todavia é provavel que o das nossas estações prehistoricas viesse do Norte da Africa. A respeito de objectos de marfim achados em Creta (epoca do bronze) vid. um artigo de S. Reinach em *L'Anthropologie*, xv, 265-266¹.

Outra curiosidade encontrada nas grutas são os cossoiros (*fusaioles* dos Franceses, *fusaiuole* dos Italianos). O Sr. Natividade cita tres a pag. 452, que diz apparecidos com instrumentos de pedra e osso na gruta alta da Cabeça dos Mosqueiros (gruta XIII). Como não encontrei jamais cossoiros em dolmens, e elles tambem ainda não appareceram nos castros da Rotura (Setubal) e de S. Mamede de Obidos, que, até demonstração em contrário, tenho por estações typicas da epoca

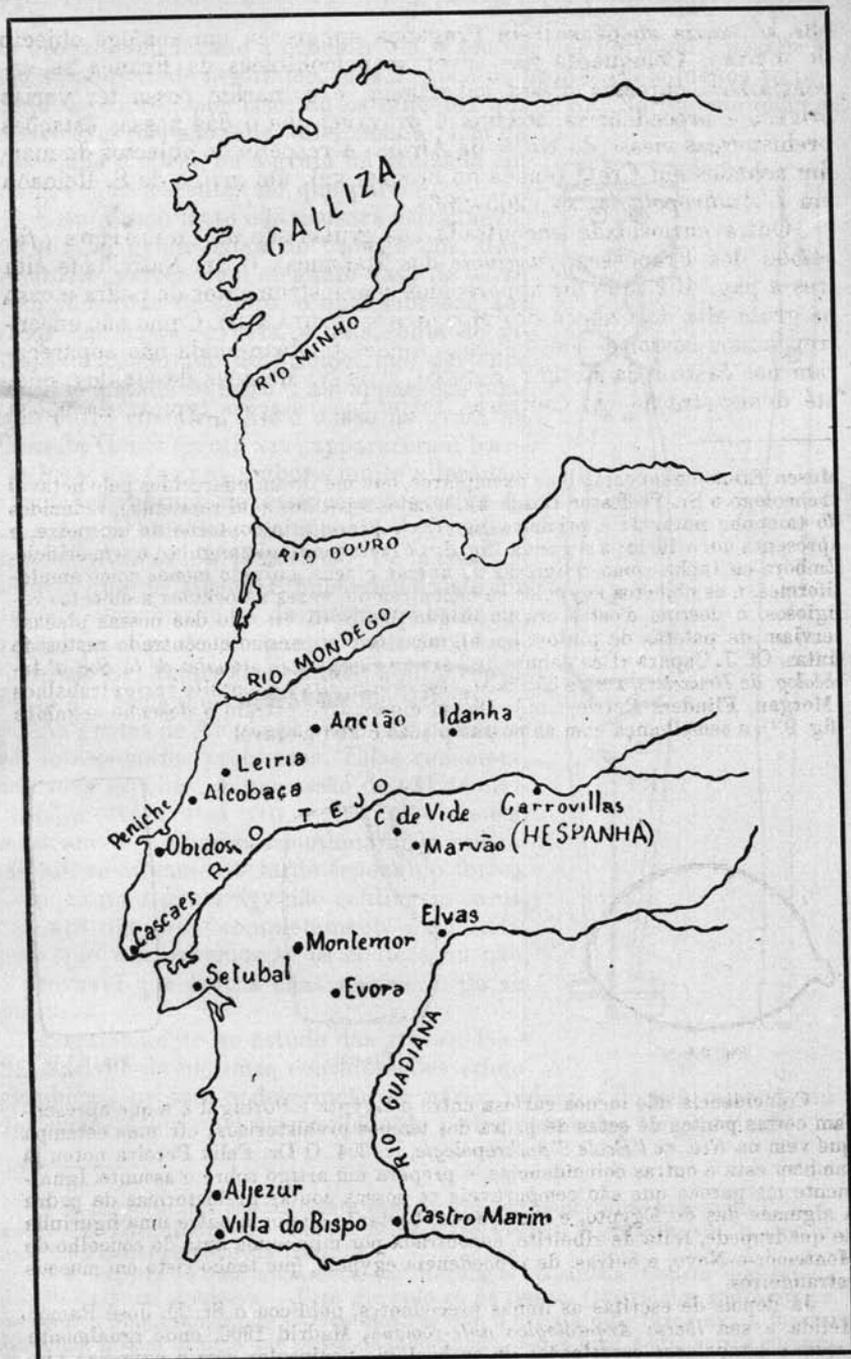
Museu Ethnologico estão dois exemplares, que me foram offerecidos pelo notavel archeologo o Sr. Professor Löschcke, e cujos desenhos aqui reproduzo, reduzidos do tamanho natural: a primeira (fig. 7.^a) representa o contorno de um peixe, e apresenta um orificio; a segunda (fig. 8.^a) é meramente rectangular, e sem orificio. Embora eu tenha como religiosas as nossas placas, ou pelo menos como amuleto-formes, e os objectos egypcios se encontrem ás vezes associados a objectos religiosos, o destino d'estes era na origem muito diverso do das nossas placas: serviam de paletas de pintor; em algumas tem-se mesmo encontrado restos de tintas. Cf. J. Capart «Les debuts de l'art en Egypte» in *Annales de la Soc. d'Archéolog. de Bruxelles*, xvii, e 355 xviii, 144; este A. cita a proposito varios trabalhos (Morgan, Flinders Petrie, etc.). D'essa dissertação extraió o desenho seguinte (fig. 9.^a); a semelhança com as nossas placas é bem notavel.

Fig. 7.^aFig. 8.^aFig. 9.^a

Coincidencia não menos curiosa entre o Egypto e Portugal é a que apresentam certas pontas de setas de pedra dos tempos prehistoricos: cfr. uma estampa que vem na *Rev. de l'École d'Anthropologie*, ix, 304. O Dr. Felix Pereira notou já tambem esta e outras coincidencias, e prepara um artigo sobre o assunto. Igualmente me parece que são comparaveis as nossas contas prehistoricas de pedra a algumas das do Egypto, e creio haver bastante analogia entre uma figurinha de quadrupede, feita de ribeirite, encontrada por mim numa anta do concelho de Montemor-o-Novo, e outras, de procedencia egypcia, que tenho visto em museus estrangeiros.

Já depois de escritas as linhas precedentes, publicou o Sr. D. José Ramón Mélida a sua *Iberia Arqueologica ante-romana*, Madrid 1906, onde igualmente procura estabelecer correlações da archeologia peninsular com a egypcia: vid. pp. 22, 27 e 40.

¹ Intitula-se *La Crète avant l'histoire*.



MAPPA DA DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DAS PLACAS DE LOUSAS PREHISTORICAS

do bronze, sou levado a concluir que o seu uso em Portugal é posterior não só ao período neolítico, mas á época do bronze (pelo menos ao período do cobre); por isso, ou os objectos que o Sr. Natividade chama cossoiros o não são (elle, infelizmente, não dá o desenho d'elles), ou a gruta foi utilizada em tempos mais recentes do que parece.

Este ultimo facto não causará estranheza, porque na gruta baixa do Cabeço dos Mosqueiros appareceu um elegante vaso de barro feito com roda de oleiro, o qual sobresaes aos vasos das outras grutas, e uma conta de vidro azul esmaltado de branco, que pertence de certo á idade do ferro¹; ahi appareceu tambem outro cossoiro. Alem d'isso na gruta da Casa da Genia (gruta XIV) appareceram barrihas de ferro, embora muito alteradas, e uma esculptura de osso representativa de uma figura humana, trabalho já dos tempos proto-historicos ou historicos. De passagem notarei que no Museu Ethnologico existe um objecto semelhante, e da mesma substancia, o qual provém de Hespanha, onde foi adquirido pelo Sr. Judice dos Santos; aqui o represento em tamanho natural na fig. 10.²

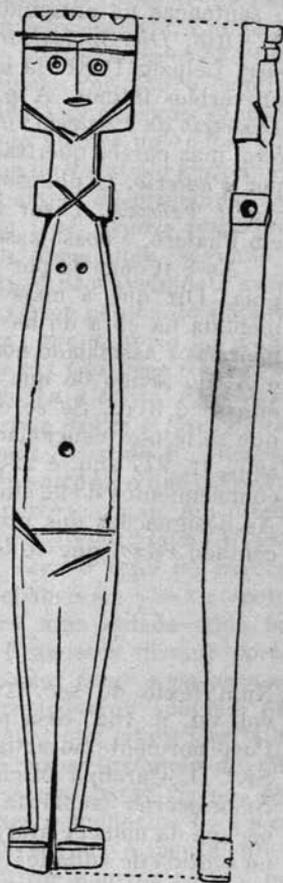


Fig. 10.^ª

As grutas de Alcobaça provocam, como se vê, interessantes problemas. Ellas reflectem, nos seus espolios, a successão de várias civilizações. As grutas XIII e XIV, pelo menos, mostram que os homens continuaram a utilizá-las até relativamente tarde (epoca do ferro). Comquanto a gruta XIV não contivesse ossos, e a XIII não fosse completamente explorada, pelo que não sabemos se os conterà ou não, é provavel que ambas ellas servissem de sepulturas.

Seguidamente ao estudo das grutas, faz o Sr. Natividade algumas considerações ethnographicas, e junta a descripção de vários objectos do seu museu, um dos quaes é um curioso machado de pedra com sulco longitudinal.

¹ A respeito das contas d'esta especie vid. um importante artigo de P. Reinecke em *Die Alterthümer unserer heidnischen Vorzeit*, Meguncia, vol. v, fasc. 3, com uma estampa colorida (tab. 14.^ª).

² É incerto se elle appareceu em Mérida ou Granada. Consta que estava dentro de uma sepultura. — Está gravado só de frente. Os orificios representam os seios e o umbigo, o que parece mostrar que o artista quis fazer nua a figura. Em cima ha um orificio que passa de lado a lado, a-b, o qual podia servir ou para encabar braços postieços, ou para pendurar a figura. O traço horizontal que se vê superiormente aos olhos, ou póde indiciar um diadema, ou a linha ideal que separa a testa e o cabelo, da mesma maneira que os traços angulares que se vêem

A pedagogia do povo português, por F. Adolfo Coelho (pp. 476-496).—Continuação do artigo mencionado acima. Cap. III: Os proverbios em geral. Consta de tres paragraphos.

No § I dá o A. algumas notas bibliographicas sobre os proverbios e sentenças na antiguidade. Podia o A. ter citado o copioso livro de A. Otto, *Die Sprichwörter und sprichwörtlichen Redensarten der Römer*, Leipzig 1890 (já ha 2.^a ed.), onde se acham colligidos os antigos proverbios latinos. A p. 477 da *Portugalia* cita o Sr. Adolfo Coelho *Demetrio de Phalerio*; o Sr. Ad. Coelho queria dizer *Demetrio de Phalero*, mas parece que traduziu o francês *Phalère* = *Phalērum* (Φαληρέων) por *Phalerio*. O philosopho chamava-se *Demetrius Phalereus* = Δημήτριος ὁ Φαληρέυς. Dizer *Demetrio de Phalerio* é absurdo. Eu já estive em Phalero, e posso assegurar o nosso A. de que lá não se diz *Phalerio*.

No § II começa por fazer um esbôço historico da nossa paremiographia. Diz que a mais antiga collecção de adagios portuguezes está incluída na obra do hespanhol Hernan Nuñez; esse factio foi pela primeira vez assinalado nos *Ensaïos Ethnographicos*, I, 155 sqq., embora o A. do artigo de que estou tratando, nem ao menos por deferencia, citasse o livro. Se se comparar o esbôço feito pelo Sr. Coelho com o que se lê nos mencionados *Ensaïos Ethnographicos*, I, 114 sqq. e 245 sqq., II, 277 sqq. e 290 sqq., e III, 307 sqq. e 335 sqq., vê-se que os conhecimentos d'elle em materia paremiographica são ainda imperfeitos. As designações dos proverbios, que dá a pag. 482, podia ter acrescentado *verso*, que se lê em Gil Vicente, *Obras*, III, 371:

Diz um verso acostumado:
Quem quer fogo, busque a lenha.

Num texto do sec. XIV-XV que publiquei na *Rev. Lusitana* (vid. vol. VII, p. 132) essa palavra tem, no mesmo sentido, a fórma *vesso*. Posteriormente ao artigo do Sr. Ad. Coelho, occupou-se do assunto a Sr.^a D. Carolina Michaëlis no seu opusculo *Tausend portugiesische Sprichwörter* (separata da *Festschrift Adolf Tobler*), onde tambem se occupa da nomenclatura, e cita por consequente *verso* e *vesso*. De *refrão*, no sentido de «ditado», posso citar outro exemplo, colhido em obra por-

em baixo, na cara, delinhiarão a barba; todavia a figura achada em Alcobça apresenta na testa, não um traço, mas tres, o que fará preferir a hypothese do diadema (nessa figura o pescoço tem tambem um traço horizontal, que significará acaso um collar, e de cada lado da cabeça ha uns traços que significarão as orelhas). Os recortes do extremo da cabeça serão o cabello. As linhas que se cruzam a cima dos seios delimitarão os ombros e o começo dos braços (na figura de Alcobça ha logo a baixo, no logar correspondente ao peito, varios traços arqueados que podem representar as costellas, — anatomia barbarica, em parte comparavel á das figuras dos trientes visigoticos, moedas de ouro). Os traços a baixo do umbigo definem as verilhas. O traço vertical que se lhe segue indica o sulco formado pelas pernas quando juntas. Os traços horizontaes da extremidade inferior da figura indicam de modo pouco claro os pés.—É muito notavel a grande semelhança que as duas figuras tem uma com a outra; são evidentemente resultado da mesma inspiração artistica.

tuguesa do sec. XVI: «não queirais mais que o REFRÃO: *Por mulheres vão ao inferno, etc.*»¹.

No § III indica alguns criterios morphologicos que servem para determinar a data (relativa, não absoluta) da origem de certos proverbios, e dá amostras de muitos, classificados por assuntos (referencias religiosas e ecclesiasticas, referencias geographicas e historicas). Em geral a chronologia é difficil de determinar, porque muitos adagios são traducção ou modernização de outros mais antigos. Por isso o criterio lexicologico que elle adopta nem sempre é tão seguro como suppõe; num adagio, como *Arrufos de namorados | são amores dobrados*, que elle diz ser posterior ao anno de 408, por causa do vocabulo germanico *arrufos*, pôde *arrufos* estar em vez de outra palavra de origem latina: elle proprio indica o adagio latino *Amantium irae, amoris integratio est.*—O ditado *Todos os caminhos vão dar a Roma*, que, segundo o Sr. Ad. Coelho, será medieval (Roma christã), é provavelmente anterior, e referir-se-ha ás vias militares que de varios pontos do imperio iam ter á capital². Do ditado *Quem tem boca | vae a Roma* ha paralelos noutros paises: *Qui langue a, | à Rome va; Chi tiene lingua, va in Sardegna*³. As expressões *S. Cerejo, S. Nunca á tarde, Para a semana dos nove dias, Quando as gallinhas tiverem dentes e Para as calendas gregas*, já eu no prologo das *Canções da Beira* de F. Thomás, p. XVIII, e noutros logares, as havia comparado entre si, o que o Sr. Ad. Coelho não diz.—A classe *d* de pag. 486 pertence mais um ditado nosso: *Ensinar o padre-nosso ao vigario*; cfr. em grego: γλαῦξ 'Αθίνης e γλαῦξ εἰς 'Αθίνης, porque a coruja, γλαῦξ, era o typo do reverso das moedas de prata, que vulgarmente se chamavam γλαῦξες «corujas», sendo pois ridiculo levar *corujas* para uma cidade onde havia tantas⁴. Para indicar superfluidade os Franceses dizem: *porter de l'eau à la rivière*; e os nossos antigos diziam: *levar agoa ao mar*. A rima é frequentemente causa de transformações de adagios: não notou o nosso A. que em *Alma até Almeida, etc.*, que cita a pag. 490, segundo um trabalho meu, ha alliteração. Curioso exemplo de alliteração é tambem este, que acrescentarei á sua lista: *Serpa, serpente | boa terra, má gente*, a que os Serpenses respondem: *Você mente, | se boa é a terra, melhor é a gente*. Que a rima é meramente a causa d'este ditado, resulta de elle se encontrar noutros paises, por ex. no Sul da França: *Sempessèrro | machantos gens e bouno tèrro*⁵. Cf. tambem esta variante portuguesa, em rima consoante: *Villa Boim | terra boa e gente ruim.*—A pag. 495 esereve: «Provocado pelas nossas dissenções com Castella, sem que possa marcar-se-lhe, creio, a epoca da producção, é o seguinte: *De Castella nem bom vento, | nem bom casa-*

¹ Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Comedia Eufrosina*, II, 7, fl. 95 da ed. de 1616, e p. 154 da de Sousa Farinha (1786).

² Cf. G. Paris in *Journal des Savants*, 1884, p. 559.

³ In *La Tradition*, XVII, 172.

⁴ Cf. tambem E. Babelon, *Traité des monnaies grecques et romaines*, t. I, Paris 1901, p. 505.

⁵ Bladé, *Contes et proverbes recueillis en Armagnac*, Paris 1867, p. 75.

mento». Ora já em 1884 eu havia escrito, a proposito do *Blason populaire de la France*, de H. Gaidoz & P. Sébillot: «Em Portugal [diz-se]: *De Hespanha nem bom vento, | nem bom casamento*. O ditado de Forez, *De l'Auvergne ne vient ni bon vin, ni bon vent, ni bon argent, ni bones gens*, mostra que o nosso é o echo de uma tradição espalhada, e não a expressão de um facto particular»¹. Cf. na mesma obra, pag. 332: *D'Angleterre | ne vient ni bon vent ni bonne guerre*. Certamente ha muitas vezes razões para que um proverbio se diga; mas as causas de adaptação não devem confundir-se com a origem: a origem pôde ser muito diversa. Com relação ainda ao referido adagio português, accrescentarei que os de Maçores, no concelho de Moncorvo, dizem: *Da Açoreira nem bom vento, | nem bom casamento* e que os de Arcos de Val-de-Vez dizem: *Nunca de Braga veio bom tempo | Nem de Coura bom casamento*. Estes adagios estão intimamente relacionados com o primeiro; em todo o caso mostram como a materia paremiographica é fluctuante, e que não podem facilmente tirar-se d'ella deducções historicas peremptorias. — A proposito dos ditados historicos, pag. 493, devia o A. ter citado *A Historia de Portugal na voz do povo*, de Theophilo Braga, primeiro publicada em um jornal², e depois reproduzida n-*O Povo Português*, II, 494 sqq. Com os ditados de pag. 494 compare-se um conto popular em que, perguntando uma mulher de quem são certos palacios, se trava este dialogo entre ella e o seu interlocutor:

—São do principe D. Denis.

—Ai de mim que o não quis!

—A pag. 496 cita o A. a expressão *na era dos Affonsinos*; o mais vulgar é dizer-se *na era dos affonsinhos*: cf. a minha *Poesia Amorosa do povo português*, p. 65, onde tambem a comparei com a expressão *no tempo do arroz de 15*, como o A. aqui faz.

Sobre as estampas ou gravuras dos livros populares portuguezes, por Theophilo Braga (pp. 497-512). — Artigo feito ao correr da penna; serve de complemento ao que escreveu n-*O Povo Português*, II, 448 sqq. Dá o A. amostras de gravuras que se encontram em obras da chamada «litteratura de cordel», de que fórma varias categorias: 1) folhetos que resumem antigos poemas medievaes, por ex. a *Historia do Imperador Carlos Magno*; 2) lendas de santos, por ex. o *Auto de Santa Barbara*; 3) satiras descritivas e aventuras comicas, por ex. a *Malicia das mulheres* e os *Tres corcovados de Setubal*; 4) descrições de grandes phenomenos naturaes e apparecimento de monstros; 5) relações historicas, por ex. a *Historia de D. Pedro que correu as sete partidas do mundo*. Podia considerar tambem os folhetos que se relacionam com costumes e superstições populares, por ex. estes:

Serraçam da velha, s. d. (sec. XVIII);

¹ In *Revista de estudos livres*, II, 414.

² In *Rev. de estudos livres*, II, 414.

Embargos por parte de huma neta da velha que ha de ir serrar na cidade de Lisboa este anno de 1752;

Nova relação do tragico successo . . da velha Maria Quaresma, 1752;

Relação curiosa da fugida que fez uma velha para o deserto, com temor de ser serrada, 1785;

Dezengano dos rapazes ou successos da serração da velha, 1786;

O testamento da velha que foi a serrar, 1821.

Alguns d'elles contém gravuras allusivas. Tambem podia o A. citar a curiosa classe dos almanaques chamados *sarrabaes*, com gravuras (astrologo a deitar o oculo para o ceu, astrologo com o compasso a medir o mundo, astrologo com penna de pato na mão). Aos *sarrabaes* me referi na *Rev. Lusitana*, VI, 292¹.

Subsidios para a formação do refraneiro ou adagiario portuguez, por Sousa Viterbo (pp. 513-534).—Já fallei d'este trabalho na *Rev. Lusitana*, VII, 160; escuso de repetir o que lá disse.

Ethnographia do Alto-Alemtejo, por Silva Picão (pp. 535-548).—Cf. supra p. 333.

As villas do Norte de Portugal, por Alberto Sampaio (pp. 549-584).—Cf. p. 333.

Vária (pp. 585-632). Esta secção contém: artigos sobre azulejos por Rocha Peixoto; artigos lidos na Sociedade Archeologica da Figueira (cf. *O Arch. Port.*, v, 203 sqq.); artigos sobre o *lagar de Mourros*, de Amarante, por José Fortes; sobre uma povoação soterrada no concelho de Vianna do Castello, por Figueiredo da Guerra; sobre fórmãs da habitação urbana, por A. Bellino; sobre amuletos, por A. Thomás Pires; sobre cultura dos trigaes no Alemtejo, por Mello de Mattos; sobre *cercos*, ou *cramoes*, especie de precissões em volta das freguesias, por Rocha Peixoto; sobre a industria dos palitos, por Rodrigues Monteiro; sobre a origem de uma fórmula magica (*Sator Arepo*, etc.), por Rocha Peixoto; sobre a industria das candeias, por Sousa Viterbo; sobre romanceiro e cancionero de Trás-os-Montes, por Tavares Teixeira.

Noticias (pp. 633-653).—Esta secção contém: *Alfaia agricola*, por F. Adolpho Coelho (conclusão: vid. supra p. 336); a carta geolo-

¹ Os *sarrabaes* são almanaques com prognosticos. A palavra *sarrabal* provém de um nome de antigos almanaques italianos: *Almanaccò universale sopra l'anno del sig. 1713 del gran pescatore di CHIARAVALLE* é o titulo de um raro opusculo que, após bastantes buscas, comprei em Milão em 1905. De Italia passou a palavra para a Hespanha: *El gran piscator el SARRABAL de Milán para este año de 1750* é o titulo de um folheto analogo. De *Chiaravalle* fez-se pois *Sarrabal*, palavra commum ao hespanhol e ao portuguez. O nome da patria do autor do folheto passou a ser o do proprio autor, e depois tornou-se o da sua obra, e d'ahi o de «almanaque» em geral.

gica de Portugal, por Rocha Peixoto; a collecção archeologica de Albano Bellino, por Ricardo Severo.

Os Mortos (pp. 654-656).—Noticias necrológicas de Emilio Hübner, por Joaquim de Vasconcellos (cfr. *O Arch. Port.*, VI, 49-59), e Luciano Cordeiro, por Rocha Peixoto.

Bibliographia (pp. 657-664).—Noticias de varios trabalhos de Santos Rocha, Gonçalves Lopes, Esteves Pereira, etc., umas puramente laudatorias, outras causticantes.

Tomo I, fasciulo 4.º

A necropole dolmenica de Salles, por José Fortes (pp. 665-686), com quatorze gravuras.—O A. encontrou nos esteios de um dos dolmens pinturas consistentes em linhas onduladas. Esta importante observação vem confirmar as que eu tinha feito em dolmens da Beira. Vid. supra p. 324.

As necropoles dolmenicas de Trás-os-Montes, por José Brenha & Ricardo Severo (pp. 687-706), com vinte e seis gravuras e dezaseis estampas.—Apresentação do problema das formosas esculpturas zoomorphicas e anthropomorphicas de Alvão.

Ethnographia do Alto-Alemtejo, por Silva Picão (pp. 751-756). Vid. supra p. 347.

As villas do Norte de Portugal, por Alberto Sampaio (pp. 757-806). Vid. supra p. 347.

Varia (pp. 807-809):

a) *A pedra dos namorados*, por Rocha Peixoto, com uma gravura.—Descripção de um monumento de pedra em que se vêem esculpidas duas figuras, cada uma das quaes segura na mão um objecto indecifavel. Diz o A. a respeito d'estes objectos symbolicos, que elles «recordam motivos similares exhibidos como accessorios em algumas esculpturas prehistoricas e em certos baixos-relevos hittitas, como os cornos ou crinas, os vasos *ad umbilicum* em varias figuras gallo-romanas, a maçã emblematica da fecundação e o corno da abundancia na plastica gauleza, a patera, contra o peito, de certas terras-cottas (*sic*) phenicias e romanas». Isto é, podem ser indistinctamente tudo quanto ha! Esqueceu-se o A. de dizer que o objecto da figura da esquerda lembra um escudo (o escudo redondo dos Lusitanos), e que este monumentó é comparavel ao da Saia, que está no museu de Guimarães. Primeiró comparemos os nossos monumentos com os congeneres do país; só depois é que devemos sair para fóra d'elle.

b) *Sociedade archeologica da Figueira* (pp. 810-825).—Publicação das memorias lidas na sessão de 7 de Janeiro de 1900: instrumentos

neolithicos do concelho de Nellas; orca do Outeiro do Rato; ruínas romanas de Ançã; necropole lusitano-romana dos arredores de Lagos; calix e relicario da igreja de S. Pedro; ceramica negra de Coimbra e Aveiro; ceramica de Timor. Os artigos são assinados por varios investigadores: Santos Rocha, Belchior da Cruz, J. J. Nunes, F. Loureiro, F. Thomás, Goltz de Carvalho e J. Jardim.

c) Os outros artigos d'esta secção intitulada Varia são os seguintes: instrumentos de bronze de Villa Real, pelo Dr. Henrique Botelho (cf. *O Arch. Port.*, IX, 166-167; o prestimoso autor do artigo offereceu ao Museu Ethnologico todos os objectos de que falla); emprêgo recente da mó manual, por Rocha Peixoto; o *Basto*, pelo mesmo (mais um exemplar das estatuas de guerreiros lusitanos); ethnographia açoreana, por Armando da Silva (alfaia maritima); a debulha no Ribatejo, por D. Luis de Castro; azenhas do rio Ardilla, por Mello de Mattos; usos e costumes religiosos do Minho (obitos), pelo Abb.^o Oliveira Guimarães; jogos infantis, por J. J. Nunes; as candeias na industria e tradições populares, por Sousa Viterbo (é pena, quando se transcrevem passos de AA., não se citarem as obras nem as paginas, o que torna difficil a consulta); exogamia em Cibões no sec. XV, por Pedro de Azevedo; folklore trasmontano, por Tavares Teixeira (romanceiro e cancionero).

Os mortos (pp. 863-864).—Noticias necrológicas de Teixeira de Aragão (cf. *O Arch. Port.*, IX, 134-142) e do Conde de Ficalho, por Rocha Peixoto.

Bibliographia (pp. 865-869). Noticia de varios trabalhos de José Fortes, Pereira Lopo, Sáins, Aranzadi, A. Thomás Pires, Mély, Lambertini e Barbosa du Bocage.

Tomo II, fascículo 1.^o

O thesouro de Lebução, por Ricardo Severo (pp. 1-14), com cinco gravuras e duas estampas.—Descripção do magnifico thesouro aureo encontrado em Lebução, concelho de Valpaços (Trás-os-Montes)¹, o qual se compõe de uma *armilla*, de um *torques*, e de fragmentos de uma *manilha*. A *armilla* é riquissimamente ornamentada, e o A. do artigo diz com razão que ella só por si constitue um museu. A data d'estes e semelhantes objectos é difficil de determinar; mal apparecem, cae-lhes logo em cima a garra sórdida dos que, sem lhes importar o valor que elles poderiam ter para a historia nacional, só os aquilatam mercantilmente, e por isso não se averiguam as condições archeologicas do apparecimento. Quanto á *armilla*, o Sr. Severo attribue-a aos começos da idade do ferro (p. 7); o *torques* tem-no por celtico (p. 11); da *manilha*, pelo seu estado de deterioração, nada diz. A *armilla* do Sr. Se-

¹ O A. do artigo escreve *Valpassos*, com *ss*, mas a *graphia* correcta é com ç: vid. *Rev. Lusitana*, II, 255 (artigo de J. de Castro Lopo).

vero está incompleta; parte d'ella existe no Museu Ethnologico¹. O torques lembra sem dúvida os da epoca do ferro.

As fibulas do Noroeste da Peninsula, por José Fortes (p. 15), com trinta e oito gravuras no texto. — O A. baseia o seu circunsciado e valioso estudo em fibulas existentes em museus publicos e collec es particulares. Consta de quatro capitulos: I, Typos; II, Commentario geral; III, Notula a cada typo; IV, Conclusão. Os typos que estuda denomina-os: 1) *de Sabroso*, inspirado no typo marniano ou de La T ne I; 2) *da fibula anular*, derivado do typo de sabroso e da fivela anular; 3) *de La T ne III*; 4) *de Santa Luzia*, em que o arco não se continúa em mola espiraliforme, mas termina em oval; 5) *trasmontano*; 6) *de longo travessão sem espira*. Acho conveniente esta divisão provisoria, e feita com elementos do país (e da Galliza). São depois de colligidos muitos materiaes se poderão fazer classifica es definitivas. Que a divisão feita pelo Dr. Fortes   provisoria, mostra-o bem, por exemplo, o typo 5. , que comprehende dois ou tres subtypos. Do 2.  typo (anular) ha muitos exemplares no Museu Ethnologico, provenientes do Sul (Alentejo e Estremadura Transtagana), e tambem ha um proveniente de Hespanha. — Se nem sempre encontramos no país os typos classicos, não nos devemos surpreender, pois os artistas locais podem ter modificado os seus modelos.

A julgar de outro trabalho publicado n.  *O Arch. Port.*, IX, 1 sqq., o Dr. Fortes fez d'este assunto uma especialidade, o que   muito digno de applauso. Quanto mais especialistas houver nos diversos ramos da sciencia, mais esta progredir .

Como observa o, de caracter puramente externo, direi que era melhor que os desenhos das fibulas estivessem juntos em uma ou mais estampas, porque na posi o em que estão, intercalados no texto, fazem perder tempo ao leitor que tem de, a proposito da respectiva descri o, estar sempre a folhear o artigo todo.

Ilumina o popular, por Rocha Peixoto (pp. 35-48), com trinta e seis gravuras. — D  ideia dos principaes processos de illumina o, desde os *gui os de carquejo* da Serra da Amarella, até o bello candieiro de latão. Pena   que o artigo esteja escrito em f rma de folhetim — tão predilecta do autor! —, e não tenha o tom grave que lhe convinha. O autor mistura a descri o dos nossos usos com outros de f ra. Sem embargo, o trabalho   curioso, e tornam-no ainda mais as figuras que acompanham o texto.

¹ A p. 2, nota 2, d  o Sr. Severo a entender que eu me interpus  s negocia es em que entrou para a compra do thesouro. Comquanto eu nenhuma dúvida tivesse de, no limite das minhas posses, concorrer com elle em qualquer compra, aqui porém fiz para o Museu Ethnologico aquisi o de dois fragmentos da armilla, não só sem saber que havia um concorrente, mas mesmo ignorando que existia o resto do objecto. O negocio foi tratado por mim com uma pessoa do Porto por intermedio do Sr. Joaquim Henriques, negociante estabelecido em Lisboa.

De um rustico processo de illuminação em voga na serra de Arga (Minho) no sec. XVIII diz o P.^o Luis Cardoso: «Pela falta de azeite usaõ os moradores de huns paosinhos accesos, que lhe servem de »candea, e lhe dão luz com que se allumiaõ»¹. O mesmo costume o observei em Castro-Laboreiro; dos *guiços* que servem para isso ha espécimes no Museu Ethnologico, bem como os ha de muitas das candeias, lampeões, etc., de que falla o autor do artigo.—Das *candeias*, tanto no sentido moderno, como no de «velas», se fallou já na *Portugalha*, I, p. 629 sqq. e 858 (vid. supra).—Nos cerieiros lisbonenses é frequente encontrar á venda velas e cirios muito ornamentados (para promessas, etc.).—O candieiro de bicos, feito de latão, não é especialidade peninsular; vi, por ex. (em 1905), muitos em Athenas á venda².

Os barcos da ria de Aveiro, por Luis de Magalhães (pp. 49-62), com uma estampa chromolithographica e nove figuras no texto.—Consta de dois capitulos: I, especie de introduccão a respeito da ria de Aveiro; II, descripção dos barcos. O artigo é muito valioso, por estar feito com toda a minudencia ethnographica e lexical.—A pag. 53 diz porém o A.: «se a tradição da fundação de uma colonia de gente do Archipelago ou da Grande Grecia nessa região da costa portuguesa é a insistente reminiscencia de um velho factio historico. . .». Tal tradição, com character antigo, não existe; não passa de sonho de litteratos.

Vária (pp. 63-108):

a) *Os braceletes de ouro de Arnosella*, por Ricardo Severo, com uma estampa, e doze figuras no texto.—Descripção de outro importante thesouro aureo: nada menos de vinte braceletes, uns lisos, outros ornamentados. O thesouro appareceu na freguesia de Arnosella, comarca de Fafe, outr'ora termo de Basto, «num pequeno valle da vertente norte da serra de Penouta, onde o acharam uns pedreiros, quando excavavam junto a um penedo, a dois palmos de profundidade», perto da estrada velha que de Cabeceiras de Basto ia para o Porto, pela Lixa. Com os braceletes não consta que apparecesse mais nada, d'onde o A. do artigo conclue que elles constituiriam realmente um thesouro escondido.

O bracelete ondulado compara-o o A. com o de Lebução (cf. supra); pela minha parte acrescentarei que no Museu Ethnologico ha um, no mesmo gôsto, mas muito mais grosso, e que como este ultimo vi um em Santiago de Compostella, em casa do Sr. D. Ricardo Blanco Cicerón, apparecido, segundo creio, na Galliza. No Museu Ethnologico Português ha um bracelete, muito pequeno, de bronze, com caneluras, mas só externamente, pois por dentro é liso; provém do Sul, e tenho-o como da idade do ferro. No mesmo Museu ha dois analogos, que adquiri em França, da epoca celtica³. Estes factos são em apoio das

¹ *Dicc. Geogr.*, t. I, Lisboa 1747, p. 553.

² Cf. tambem H. Havard, *Diction. de l'ameublement*, t. III, col. 207.

³ Ha poucos dias comprei com alguns braceletes lisos e tambem canelado exteriormente. São todos de ouro, e consta que appareceram no districto de Beja.

deduções do A. de que, tanto os braceletes de Arnosella, como o thesouro de Lebução pertencem á idade do ferro, sendo celticos uns, ibericos os outros. A mesma deducção se havia antes já chegado n-*O Arch. Port.*, II, 22-23, com relação á xorca de Cintra, onde especialmente se attribuem as *armillas* ao tempo de Viriato, i. é, ao sec. II a. C. (epoca de La Tène, ou celtica). Severo compara a môlhada de braceletes de Arnosella com um grupo que está no Museu de Madrid e que consta de pequenos aneis de ouro enrolados em espiral e enfiados num bracelete. Tambem me occorreu a mesma comparação quando estive naquelle Museu em 1905¹. Ultimamente adquiri para o Museu Ethnologico quatro grupos de aneis como o de Madrid, e estou em vespera de adquirir outro², e sei de mais, achados cá; todos elles são do Alemtejo. Maior é a semelhança dos aneis de Madrid com estes, do que com os braceletes de Arnosella.

O A. do artigo inclina-se a considerar como moedas os braceletes e aneis citados por elle (os de Arnosella e os de Madrid), indo assim de accordo com a hypothese que Désor emittiu em 1870 para explicar o uso dos aneis de bronze achados em estações lacustres. Sem dúvida os antigos serviram-se de aneis á guisa de moeda, ao que já me referi no meu *Elenco das lições de Numismatica*, I (1889), 18; mas no caso presente prefiro considerar os aneis de Madrid e os seus congeneres do Alemtejo antes como material destinado para qualquer uso industrial, ou simples valor accumulado, do que propriamente como especies monetarias. Os aneis monetarios que conhecemos pelos desenhos egypcios são de outra fórma. Além d'isso sabemos por Estrabão que antes de se introduzir a moeda no nosso territorio, os Lusitanos se serviam de laminas de prata, e trocavam as mercadorias³; em verdade os aneis podiam pertencer á segunda categoria. O encontrarem-se reunidos varios braceletes, como os de Arnosella, não é facto que espante, pois não raro se usavam braceletes sobrepostos, o que ainda hoje acontece.

Como noticia final, direi que o interessante thesouro de Arnosella foi por mim, com o concurso de um amigo, comprado, na integra para o Museu Ethnologico, onde já está.

b) *Os torques de Almoester*, por Ricardo Severo, com uma figura no texto. — É fertil, como se vê, a *Portugalia* em descripção e figuração de xorcas. Bom sinal, porque corresponde á fertilidade do solo archeologico do nosso país em taes joias. Os torques de Almoester, de que o Sr. Severo falla neste numero, pertencem, o que elle tambem nota, ao Museu Ethnologico. Depois da descripção geral dos objectos, feita por uma photographia, escreve: «Quanto á data que compete aos torques de Almoester, tanto poderia ser a da era do bronze, como a de outras subsequentes . . . Colloquemos entretanto esses torques ao lado das restantes *armillas* lizas . . . e chamemos-lhes genericamente *joias*»

¹ O grupo aureo do Museu de Madrid foi publicado por H. & L. Siret na sua obra *Les premiers âges du métal*, p. 250; suppõe-se que provém de Menjibar (Jaen).

² Já depois de escrito isto, o adquiri: consta de duas roscas.

³ *Geogr.*, III, III, 7.—Cf. *O Arch. Port.*, VI, 89.

ibericas; . . esta epigraphe geral e provisoria . . exprime a ideia de que são protohistoricas, prèromanas, de arte indigena. É o que, por emquanto, prudencialmente se poderá avançar». Pouco mais ou menos á mesma conclusão cheguei quanto á xorca de Cintra, cuja semelhança morphologica com as de Almoher o A., a pag. 73, accentua. Com effeito tinha eu escrito n-*O Arch. Port.*, II, 22: «A xorca de Cintra deve remontar á epoca protohistorica, isto é, áquella que fica entre a prehistorica propriamente dita, e a romana. Autoriza tal attribuição, de um lado, o encontrarem-se em objectos caracteristicos da idade do bronze e da primeira idade do ferro ornatos analogos a este; do outro lado, o não convir a fórma e qualidade do objecto, nem á civilização dos fins do neolithico, nem á da epoca romana».

A proposito da xorca de Cintra, faz o Sr. Severo algumas considerações para mostrar que ella era *torques*, e, referindo-se ao artigo que sobre o assunto escrevi n-*O Arch. Port.*, II, 17 sqq., onde aventei a possibilidade de ella ter servido para se trazer na parte inferior da coxa, diz: «Nada esclarecem a este respeito as suas provas, e em contrario me levam a considerar de nenhum valimento tal supposição». Quem ler isto, ha de suppôr que quebrei lanças a favor de tal hypothese. Ora eu havia escrito unicamente o seguinte, onde está tambem incluída a hypothese que elle defende:

«Em que parte do corpo se trazia este objecto? A differença dos diametros, que dá, como disse, aspecto levemente conico ao objecto, permittia que elle se adaptasse bem á parte inferior da coxa; depois de adaptado, fechava pelo colchete, e mantinha-se em parte por alguma pressão nos tecidos da coxa, em parte talvez por uma fita que se prenderia nas campanulas. Seria pois um adereço da coxa, de trazer logo por cima do Joelho. Para a parte inferior da perna e para o pulso seria largo de mais; para o pescoço podia servir, num pescoço não muito grosso, mas, não obstante darem-nos os selvagens exemplo de adereços muito incommodos, o que tambem se observa no uso das arrecadas de ouro nas mulheres de Entre-Douro e-Minho, este adereço, como collar, seria extremamente molesto; para a parte superior do braço esperar-se-hia antes uma armilla mais de aspecto cylindrico do que conico, como este adereço é. Apesar do que digo, sujeito a minha opinião á de pessoas mais competentes do que eu».

Ainda bem, que o Sr. Severo não alheou de si a competencia scientifica para que eu appellava!

c) *Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal*, por Rocha Peixoto, com cinco gravuras no texto.—Interessante descripção de práticas tradicionais no fabrico da louça, acompanhada de muitos termos technicos populares.

d) *«Prisões» de gado*, por Rocha Peixoto, com tres figuras no texto.—Havendo Martins Sarmiento dito que varias argolas de pedra que se encontram na Citania, embutidas nas paredes de certas construcções, poderiam servir para nellas se prenderem animaes, o Sr. Peixoto cita exemplos modernos do uso de argolas semelhantes, para tal fim, em aldeias sertanejas de Trás-os-Montes e da Beira, e termina: «Vê-se, pois, que Martins Sarmiento, ainda em qualquer minusculo pormenor, denunciava sempre a sua penetração admiravel». Esta hypothese, que o Sr. Peixoto, com manifesto exaggero, desculpavel em quem se espanta com pouco, e do qual o proprio Sarmiento se riria, eleva até as

nuvens, é muito accetivel, mas comezinha. Também, de modo semelhante ao que fica indicado a cima, o povo costuma embutir nas paredes ferraduras velhas a que prende os animaes. Todavia será util accrescentar que em muitas localidades, por todo o país, se empregam argolas semelhantes (*argola* não direi bem; melhor seria dizer pedra achatada, provida de um orificio na extremidade), igualmente mettidas nas paredes, á entrada dos campos, etc., para ahi girar o *coucinho* das portas (*cancéllos*, *cancéllas*)¹; por isso, quando numas ruinas archeologicas apparecerem objectos d'estes typos, é necessario ver a qual das duas classes pertencem².

e) *As chaminés alemtejanas*, por Mello de Mattos, com treze gravuras no texto.—Na *Rev. Lusitana*, III, 226, havia-se escrito: «Em chaminés ha grande variedade: no Alemtejo parecem tumulos (por exemplo, Ponte do Sôr), no Algarve semelham elegantes zimborios e minaretes; com alguns tijolos e um pouco de cal, o Algarvio edifica sobre o telhado ás vezes verdadeiras obras de arte, que é um gosto ver». No seu artigo o Sr. Mello de Mattos teve a feliz lembrança de estudar esses typos de chaminés com relação ao Alemtejo; os bellos desenhos que o acompanham dão excellentemente ideia de tal costume. No Museu Ethnologico ha uma collecção de desenhos semelhantes (do Alemtejo e do Algarve).

f) *Ethnographia amarantina: a caça*, por José Pinho, com quarenta figuras no texto.—O autor estuda os processos populares da caça: a) sem intervenção directa do homem: armadilhas com engodo e sem engodo; b) com intervenção immediata do homem: espera (com ou sem reclamo), busca (com furão e cão), batida (montaria). Todos estes processos são descritos com muita clareza e conhecimento do assunto, e elucidados com bons desenhos.—Nas *Trad. Pop. de Portugal*, Porto 1882, pp. 191–194, havia-se dito já alguma cousa sobre este assunto; mas o artigo do Sr. Pinho deixa isso a perder de vista. No Museu Ethnologico existem varios aprestos de caça (e pesca).

g) *Ethnographia mirandesa: o casamento*, por Carlos Alves.—Preliminares do casamento, acto e festas correlativas.

h) *Os tremedores em Portugal, no seculo XVI*, por Pedro A. de Azevedo.—Transcripção de dois documentos do sec. XVI, importantes para a historia das epidemias nervosas. O Sr. Azevedo precedeu-os de sensatas considerações sobre a superstição social, e de um resumo dos documentos.

i) *Folklore transmuntano*, por Tavares Teixeira.—Continuação do assunto já tratado noutros numeros (vid. supra): romances e canções.

j) *Folklore beirão*: orações e poesias religiosas, por Pedro Fernandes Thomás.—O mais curioso são as denominações de *pequenina* e *pequenino* dadas á salve-rainha e ao credo. A respeito do *padre-nosso*

¹ Em vez de *coucinho*, diz-se noutras terras *coucineiro* e *coucillo*. Chama-se assim a cada uma das extremidades da couceira.

² Os orificios para prender os animaes são de uns 0^m,04 de diametro, e não tão poídos como os dos coucinhos; os orificios d'estes tem maior diametro. Com estes criterios poderão distinguir-se as duas classes de orificios.

pequenino e da *andorinha gloriosa*, vid. *Rev. Lusitana*, VI, 284; á ultima allude já D. Francisco Manoel (sec. XVII) na *Feira dos anexins*, Lisboa 1875, pp. 94 e 155.

Noticias (pp. 109-123):

Sob esta designação comprehende-se: descripção de mais tres xorcas: de Serrazes (S. Pedro do Sul), de Tellões (Villa Pouca de Aguiar) e da Cortinha (S. Mamede de Riba-Tua); thesouro de machados de bronze de Viatodos (Barcellos); descripção do cemiterio romano do Monte do Penouço (Rio Tinto) e dos restos de uma villa lusitano-romana da Povia de Varzim; elementos para a resolução do problema da authenticidade dos objectos de Alvão (em francês); noticia do Museu municipal de Gaia («Azuaga»), do de Bragança e do de Vich; noticia de varias excavações.

A proposito do thesouro de Viatodos notarei que no Museu Ethnologico existem varios instrumentos da epoca do bronze, provenientes do mesmo concelho de Barcellos; nesse concelho foi tambem achado ha muito tempo um espolio funerario composto de um diadema de ouro e de varios objectos de cobre, espolio descrito por Estacio da Veiga nas *Antiquid. Monum.*, IV, 46: vê-se que Barcellos não contribue com pouco para o conhecimento da epoca do bronze entre nós.

Análogos ao *torques de prata* das Cortinhas, de que falla o Sr. Dr. Fortés a p. 119, possui o Museu Ethnologico uns poucos, um de ouro, e outros de prata, provenientes da Beira. Não ha dúvida que estes torques, embora possam ser de origem pre-romana, estiveram em uso na epoca romana, porque com alguns dos do Museu Ethnologico appareceram denarios dos sec. III-I a. de C¹. Na Hespanha vi oito torques de prata semelhantes, em poder do Sr. D. Antonio Vives; provém de Lebisosa (Lezuza), e appareceu com elles um vaso com uma inscripção romana, uma fivela de prata, e dois ou tres centos de denarios consulares, o que estabelece correlação de datas com os nossos. Alem d'isso em França, em 1889, descobriu-se na aldeia de Planche, antiga baronia de Fromentes (Ain), um thesouro em que entravam duas xorcas de ouro, de fios torcidos (quatro), parecidas com as nossas; com ellas appareceram moedas imperiaes romanas dos sec. III-IV².

Com o artigo sobre o Museu de Bragança, publicado por Rocha Peixoto a p. 120, cf. o que saiu n-*O Arch. Port.*, III, 48-58. A respeito do museu organizado pelo arcebispo Cenaculo, de que o mesmo Sr. fala a p. 121, cf. *O Arch. Port.*, IV, 283-287, onde se extracta um curioso discurso proferido por occasião da inauguração d'esse museu.

¹ Os torques de prata de Museu Ethnologico são de fios torcidos, como os das Cortinhas; um de ouro é entrançado (e bello exemplar). Como os de prata, ha no Museu Ethnologico tambem um rico *torques* de ouro, de fios torcidos (em numero de quatro); esta joia, porém, que comprei em Lisboa, não sei d'onde procede, embora fosse certamente achada em Portugal.

² Vid. Poncet, «Le trésor de Planche», in *Rev. Numismatique*, 3.^a ser., t. III (1889), p. 530 sqq.

No artigo de pp. 122-123, também de Rocha Peixoto, diz este, depois de se referir aos trabalhos empreendidos pela Sociedade Archeologica Lusitana nos meados do século XIX: «Tirante isto, a que »se reduzem os grandes trabalhos de exploração archeologica entre »nós? Officialmente é ainda a Commissão dos Trabalhos Geologicos »quem tem as palmas na extensão, precisão, methodo e alcance dos »seus magnificos serviços á prehistoria do país. *E fóra da sua benefica alçada, da sua tradição excelsa e do seu perduravel exemplo, só »na iniciativa individual encontramos os impulsos de mais relevante destaque*». E passa depois a enumerar summariamente o que a archeologia deve ás bolsas de Martins Sarmento e Santos Rocha. Sem dúvida são grandes, são brilhantissimos, os serviços prestados á prehistoria portugueza pela Commissão Geologica; e não serei eu quem os negue, pois já os assinaei nas *Religiões da Lusitania*, I, 3-11. Também não regatearei louvores aos dois archeologos citados, senão estaria em contradicção com o que a respeito do valor geral dos seus trabalhos escrevi na mesma obra, I, 10, n.º *O Arch. Port.*, VI, 30, e também (a respeito do primeiro) num opusculo intitulado *Borges de Figueiredo e archeologia portugueza*, Lisboa 1890, p. 10. Todavia o Sr. Rocha Peixoto, que, no que escreve, nem sempre expõe reflexões devidas a recto pensar, mas se assemelha a um catavento, procede agora, como muitas outras vezes, com flagrante injustiça, pois, querendo fazer sobresair uns, que já sobresaem por si proprios, deixa outros no esquecimento. Não mereceria menção honrosa Possidonio da Silva, que, fosse qual fosse a sua orientação e o seu saber, fez bastantes excavações archeologicas, deu impulso a estes estudos em Portugal, manteve, quasi sózinho, o facho da archeologia durante muito tempo, e fundou o *Boletim*, o Museu e a Associação do Carmo? Esta ultima constitue ainda hoje, na capital, embora modestamente, um apreciavel centro de estudos, ao qual até ás vezes recorrem, para consulta, as proprias entidades officiaes. E que direi do silencio do Sr. Peixoto para com Estacio da Veiga (o mesmo a quem elle, a p. 136, pretende vingar de supposta afronta minha!)? Não percorreu este benemerito todo o Algarve, cujas cartas archeologicas organizou, e cujo solo antigo revolveu, para constituir com o producto das suas pesquisas methodicas uma importante collecção ethnologica, que em parte descreveu nas *Ant. Monumentaes*? Não effectuou elle igualmente excavações em Mertola e Mafra, como consta dos seus livros? Também no artigo a que me estou referindo não se falla das excavações empreendidas meritoriamente pelos Srs. Natividade e Bellino, omissão tanto mais estranhavel nessa resenha, quanto é certo que já noutros fasciculos a *Portugalia* se referiu a ellas. E omittem-se muitas outras (do Instituto, do Dr. Aragão, do Dr. H. Botelho, do Dr. Mattos Silva, dos PP.^{es} Brenha & Rodrigues, do Capitão Márques da Costa, do Dr. Felix Pereira, antes de ser Official do Museu, etc.). Dos trabalhos executados em todo o país pelo pessoal do Museu Ethnologico, e que neste estão expostos em numerosos mostradores, não me compete aqui fallar; de mais a mais eu irritaria fortemente os nervos do Sr. Peixoto, já de si tão irritaveis, se lhe abrisse as portas dos Jeronymos, visto que elle,

ao que me parece, olha para o Museu como para uma sombra, para um pesadello continuado: *aliorum felicitatem aegris oculis intróspicit!*—Ao referir-se á grandeza de alma de Martins Sarmiento, cita o desassossegado chronista como exemplo d'ella as *facilidades que aquelle archeologo me proporcionou* por occasião da minha excursão ao Soajo em 1882. O Sr. Rocha Peixoto fez de um argeiro um cavalleiro, pois as facilidades que me proporcionou Sarmiento consistiram em ter-me convidado para ir com elle, e em ter-me apresentado a outros Srs., o que tudo relato no meu opusculo *Uma excursão ao Soajo*, Barcellos 1882, p. 37. As despesas da viagem (e a pouco montaram ellas!) foram pagas por cabeça.

Noticias epigraphicas, por J. Fortes, Ricardo Severo e P. Lopo (pp. 124—127):

a) A 1.^a das inscripções do artigo de José Fortes é: IOVI OPT || IMO MX || VCAR || PO || . A 3.^a linha é bastante obscura¹. A proposito de ser *ara* ou *cippus* o monumento em que está essa inscripção, diz o Sr. Fortes, certamente baseado no que vem em Rich²: «A duvida procede á mingoa de vestigios evidentes do *foculum* normal da ara». É sem razão que suppõe que o *foculus*³ é normal na ara.

Em um monumento funerario que vi no Museu de Latrão, em Roma, monumento que é abaulado na sua parte superior, como se mostra da fig. 11.^a aqui junta (córte vertical), lê-se a seguinte inscripção: D · M || L · METTIVS ER || OS M · SENTI || O FELICISSI || MO ARAM || FECIT ||. Se pois um Romano chama «ara» (*aram fecit*) a um monumento sem *foculus*, é que o *foculus* não é indispensavel para que

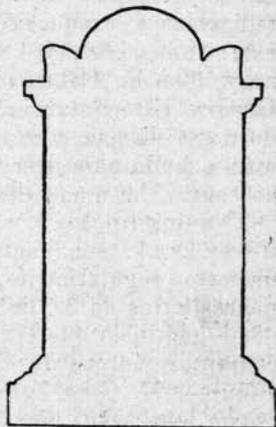


Fig. 11.^a

¹ Fortes suppõe que *CAR* são iniciaes do nome do dedicante, o que me parece pouco provavel. Mais natural seria considerar *CAR* começo de um nome barbaro, *Car-*, ou interpretar as duas linhas finaes assim: *v(oti) c(ompos) ar(am) po(suit)*, sem nome de dedicante. Inscripções sem nome de dedicante não são raras, vid. por ex. o *Corpus*, II, 804, 807, 1303, 2186, etc., embora ahi não haja verbo. As siglas *v · c = v(oti) c(ompos)* não as vejo notadas no index do *Corpus*, pp. 1178—1179, mas interpreto d'esse modo as que se lêem nas pedras de Panoias, *Corpus*, n.º 2395. Em todo o caso, seja qual for a explicação, é tentador interpretar *AR* como um caso de *ara*, por estar antes de *ro*, inicial de uma flexão de *ponere*.

² *Dict. des antiq. rom. et grecques*, s. v. «ara».

³ O Dr. Fortes denomina *foculum* a cavidade que se observa na parte superior da ara. Outros, o que supponho ser o mais geral, denominam *foculus* essa cavidade. Freund, no *Dict. Lat.*, nem mesmo considera em separado o vocabulo *foculum*, e considera *focula* como plural heteroclitico de *foculus*; Georges, *Lat.-Deutsches Handwb.*, diz porém: «*FŌCULUM (foveo)*, e. Wärmemittel: a) im allg. nam iam intus ventris fumant focula, Plaut., *Pers.* 104; b) ein Geschirz zum Wärmen der Speisen...»; e a Georges seguem outros dicionaristas.—A cavidade das aras é propriamente uma patera para libações; assim a consideram alguns archeologos allemães, e tenho visto aras em que ha cavidades semelhantes, com um orifício, como para passar o liquido que se libava (por exemplo no Museu Civico de Bolonha).

na linguagem epigraphica se empregue a palavra *ara* em vez de *cippus*. Não seria difficil juntar outros exemplos. Taes monumentos eram meramente symbolicos; e mesmo quando tinham verdadeira fórma de aras, estas não eram, como creio, destinadas a sacrificios, nem a libações.

A inscripção 2.^a, que já tinha sido publicada no *Corpus*, II, 6338 f, está gravada em um cippo de granito, encontrado nas abas do castro de Alvarelhos, concelho de Santo Tirso, e depositado agora no Museu Ethnologico pelo Rev. Sousa Maia, Abbade de Canidello, a cuja intelligencia e franqueza o referido Museu deve muito auxilio. O texto é este: GENIO || SATVR || NINVS || CATVR || ONIS F || VSLA ||, isto é, «Saturnino, filho de Caturão, cumpriu de boa mente o voto que fizera ao Genio». Este Saturnino era um Lusitano romanizado, como se deduz do nome do pae, *Caturō(n)*¹.—O cippo está fendido na parte media, mas a fenda não estorva a leitura. Na parte superior do monumento, ao centro, ha uma saliencia conica².

Na inscripção 5.^a: D · M ·  || FLA · VS · B || RA · F · AN || XXXX || H · S · EST ||, comquanto os pontos separativos estejam á primeira vista dispostos regularmente, eu inclino-me antes a considerar as cinco primeiras letras da 2.^a linha como FLAVS, do que como FLA(*vius*) + um nome gentilicio que começasse por Vs-; mais vulgar é FL do que FLA como abreviatura de *Flavius*; alem d'isso ha numerosos exemplos de *Flaus*—vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, p. 1083. Os pontos nem sempre denotam separação; umas vezes são enfeite, e noutras póde o lapicida enganar-se: por exemplo, na nova *Tabula Metalli Vipascensis*, l. 25, a palavra SOLIS está assim partida em duas partes por uma separação triangular: SOL ▲ IS. Na propria *Portugalia*, II, 290, vem outros exemplos de palavras divididas por pontos.

Na 6.^a inscripção a palavra *Turobii*, genetivo de *Turobius*, parece derivada, pois que, por um lado, ha, como no mesmo artigo se diz, *Turo*, *Turaius*, *Tureus*, que apresentam base commum, e por outro, ella tem o suffixo *ob-*, aparentemente pelo menos, como em *Venobia*, *Orobii*, *Corobus*, *Rudiobus*, etc.: vid. Holder, *Altcelt. Sprachschatz*, s. v., e Zeuss, *Grammatica Celtica*, 2.^a ed., p. 789. A *Turai* (genetivo de *Turaius*) me referi n-*O Arch. Port.*, VIII, 255, a proposito de uma inscripção publicada ali pelo Sr. Albino Pereira Lopo.

Inscripção 7.^a (*signaculum aereum*): parece-me de duvidosa authenticidade (VIBBI com dois BB, e sobretudo com pontos não mediaes).

b) Inscripção 1.^a do artigo de Ricardo Severo: cf. *Rufonia* no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2565, numa inscripção (embora incompleta) da Galliza. A penultima sigla deve ser transcrita por *Pi(us)* e não por *P(ius)*, porque o P tem um prolongamento superior que significa I, como noutras palavras da mesma inscripção.—As tres lapides figuradas no artigo

¹ Cfr. *Religiões*, II, 63.

² Seria comparavel á *pinha prenestina*, se esta não apparecesse em mon. funerarios: cf. Schröder nos *Bonner Jahrbücher*, n.^{os} 108-109, p. 70 sqq.; e *Marmi scritti* de Milão, 1901, pp. 71 e 165. Talvez o cone reproduza toscamente uma cabeça de cobra, imagem do *Genio*; conhecem-se varias aras com figuras de serpentes. Também poderia pensar-se na imagem da chamma do sacrificio.

tem particular o symbolismo constituído por uma estrella de seis raios dentro de um crescente. Este symbolismo encontra-se tambem em sepulturas do Norte de Africa, onde é o emblema de Tanit; a elle me refiro no vol. III das *Religiões da Lusitania*, que está no prelo.

c) A inscripção 1.^a do artigo de Pereira Lopo deve interpretar-se: . . . s (genetivo) f(*ilia*) vel f(*iliae*), a(*nnorum*) xxx; *Aemiliu[s] Hispanus uxor[i]*. Falta o nome da fallecida.

Os Mortos (p. 128).—Noticia necrológica de Pereira Caldas, por Manoel Monteiro, que nada adeanta ao que se escreveu sobre o mesmo assunto n-*O Arch. Port.*, IX, 132-134, a não ser na menção de um folheto (*Programma das conferencias . . sobre monum. arch.*, Braga 1872, 15 pag.); em compensação, porém, omitta outros que n-*O Archeologo* se citam, e repete por diversas palavras o juizo geral que ali se havia formulado acêrca do professor bracarense.

Bibliographia (pp. 129-136):

a) *ESSAI SUR L'ART ET L'INDUSTRIE DE L'ESPAGNE PRIMITIVE* de Pierre Paris (2 volumes, 1903-1904), por Ricardo Severo.—Elogio caloroso da obra, com algumas restricções de caracter geral.—É notavel que o critico, que se mostra, e com razão, tão bom patriota, não clamasse contra a expressão *Espagne primitive* que se lê no titulo d'esta importante obra, visto que o Sr. P. Paris se occupa tambem do *Portugal primitif*; e nós, Portugueses, não devemos, sem reparo, accellar que assim se englobe Portugal na Hespanha, quando existem em francês vocabulos que evitariam toda a duvida, como *Hispanie* e *Ibérie*.

b) *ANTIGUIDADES*, I, de F. Tavares Proença (Coimbra 1903), por José Fortes.—Breve noticia.—Cf. *O Arch. Port.*, VIII, 317-318.

c) *CATALOGO DO MUSEU DE EVORA* de A. F. Barata (Lisboa 1903), por Rocha Peixoto.—O critico, que com outros costuma ser tão azedo, mostrou-se aqui, a proposito de uma imperfeitissima obra, extremamente doce. Cf. a apreciação que da mesma obra se fez n-*O Arch. Port.*, IX, 43, 258.

d) *HISTORIA DE UM FOGO-MORTO* de José Caldas (Porto 1904), por Rocha Peixoto.—Pela critica não se faz bem ideia do livro, mas adivinha-se. O critico adoptou nella a sua querida fórma de folhetim, a qual não se coaduna bem com a severidade que um periodico como a *Portugalia* pretende e deve ter.

e) *ENSAIOS ETHNOGRAPHICOS*, de J. L. de V. (Esposende 1891-1896 e 1903), por Rocha Peixoto.—Nesta critica que o travesso folhetinista faz ao meu trabalho ha duas partes: uma, que se refere pessoalmente a mim; outra, que se refere a tres asserções minhas. Com relação á primeira parte, não responderei, porque nada tem os leitores d-*O Archeologo* com a má vontade (*aegrus oculis* . . .) que o Sr. Peixoto mostra para com o que faço e para com o que escrevo. As tres asserções que o citado critico me combate são: 1) chamar eu á provincia do Minho a terra classica das nossas superstições e antigos costumes; 2) o ser succinta a descripção do casamento de Barroso;

3) o dizer eu que os pescadores da Povia de Varzim quebram as vidraças dos santos, quando estes não fazem o que se lhes pede. — Esmiucemos cada uma d'estas asserções.

Primeira. Para me mostrar que o Minho não é a terra classica das nossas tradições e antigos costumes (mera frase minha, dita de fugida nos *Ensaíes Ethnographicos*, I, 38, e não dissertação especial), cita-me o critico a Beira e Trás-os-Montes. Eu, que sou da Beira e que a tenho corrido quasi toda, para lhe estudar a lingoagem, os costumes e a archeologia, como o provam os trabalhos que sobre isso tenho publicado, e que tambem tenho corrido a maior parte da provincia de Trás-os-Montes com o mesmo intuito, o que igualmente consta de livros, opusculos e artigos meus, não encontro nas explanações do meu critico, como é natural, nenhuma novidade. Que o Minho é a terra classica da nossa ethnographia, é; note o critico que eu disse classica. Já no sec. XVI, Fr. João dos Santos, escreveram: «tão propria he a enxada nas mãos das Cafras, como a roca na cinta das mulheres de Entre Douro e Minho»¹; comquanto em todas as provincias se fie na roca, Fr. João dos Santos lá achou que era o Minho aquella que, pelo seu character classico, melhor explicava o que elle queria dizer². No mesmo seculo João de Barros, referindo-se á vernaculidade da lingoagem, disse: «Antre Douro e Minho, conservador da semente portuguesa»³. Á preexcellencia da falla do Minho a todas as outras fallas provincianas allude tambem Faria y Sousa, sec. XVII⁴. Castilho, sec. XIX, chama á lingoagem do Minho «português-português», como quem dissesse: *lingoagem portuguesissima*⁵. Reportando-se ás provincias do Norte, mas evidentemente com especial allusão ao Minho, pois é de um Minhoto que elle está tratando, nota Camillo Castello Branco que *apresigo* «é boa palavra, porque tem a chancela do mais classico povo de Portugal»⁶. Finalmente, para não alongar demasiado este artigo, lê-se numa obra de José Augusto Vieira: «Berço, onde se embalou a nacionalidade portuguesa, o Minho tem sido o tabernaculo sagrado das nossas tradições ethnicas»⁷. Aqui está o sentido em que empreguei o termo classica no passo alludido; terra classica, isto é, terra que todos (com razão ou sem ella, isso é problema differente) consideram sempre, quer fallando, quer escrevendo, cheia de tradições typicas e de costumeiras avoengas, e servida por

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. I, cap. XII.

² Uma velha minhota a fiar na roca, tem até sido thema predilecto de pintores e de romancistas. O cap. II d-*As Pupillas do Sr. Reitor* de Julio Dinis, por exemplo, romance cuja acção se passa no Minho, começa precisamente com um dialogo entre duas mulheres, uma das quaes fia e a outra doba. Roque Gameiro acompanha de soberbo quadro este dialogo numa edição que do romance se está fazendo agora em Lisboa («A Editora»).

³ *Copilação de varias obras*, ed. de 1785, p. 226.

⁴ *Europa Portuguesa*, III, p. 158.

⁵ Apud os meus *Ensaíes Ethnographicos*, I, 229.

⁶ *Bruxa de Monte-Cordova*, parte I, cap. I (p. 12 da 2.^a ed.), nota. — Devo ao meu prezado amigo o Dr. Antonio de Pinho a indicação d'este passo.

⁷ *Minho Pittoresco*, I, Lisboa 1886, p. III.

linguagem castiça e como que privilegiada,—o que não impede que outras provincias sejam tambem a este respeito bem dotadas, como o critico pôde verificar nas minhas publicações. Nos demais países succedem cousas semelhantes: a Grecia antiga, por exemplo, especializava a Arcadia; a França especializa a Bretanha.

Segunda asserção. O que digo do casamento no Barroso (*Ensaio Ethnographicos*, II, 199) é por incidente, como commentario, com outras noticias, a uns versos do *Romancero del Cid*. Das palavras do meu critico julgar-se-ha que eu nada mais sabia dos usos do casamento em Portugal, senão o pouco que ali lhe consagrei. Veja-se porém o que, com algum desenvolvimento, eu tinha exposto sobre o assunto, em 1882, nas *Trad. Pop. de Portugal*, pp. 218-227. Se o meu critico andasse de boa fé, notaria que eu nesse livro, p. 223, baseado numa noticia do *Almanach de Lembranças*, digo precisamente sobre o casamento de Barroso mais alguma cousa, no sentido que elle queria que eu dissesse! Cf. tambem *Rev. Lusitana*, VI, 244-246.

Passemos á terceira asserção, com que o meu critico tanto se sobressaltou: o desacato feito pela gente da Povoá ás imagens dos santos (*Ensaio Ethnographicos*, II, 49). Ora no dia 24 de Setembro de 1905, fui de proposito á Povoá de Varzim para colher informações directas sobre isto. Teve a bondade de me acompanhar o meu illustrado amigo o Rev. Oliveira Guimarães, Abbade de Tãgilde, que assistiu a todo o inquerito que fiz, e que não me deixaria mentir, se alguém duvidasse das minhas palavras. Diz o irrequieto critico: «nunca se verificou tal costume na Povoá de Varzim, nem memoria ha, entre os mais velhos, de um só caso isolado que chegasse até nós». Em contraste formal com isto, copio aqui os apontamentos que tomei na Povoá, na presença do Sr. Abbade de Tãgilde, e que me foram ministrados por alguns pescadores velhos. De um dos pescadores: «Consta que d'antes, quando o mar estava bravo, e andavam os pescadores a pescar, as mulheres se apegavam a rezar na capella de S. José, e que, se o barco se voltava, ellas atiravam com areias e pedras contra a capella». De outro pescador: «Punham na areia, á beira-mar, um *S. José pequenino*, que hoje está na tribuna, e diziam: «*Sr. guiai-nos! S. José governai! S. José ponde-vos ao leme! O barco que venha a salvamento!* E se tal não succedia, algumas mulheres atiravam areia para riba do santo, zangadas»¹. Nesse tempo a capella era muito modesta, e não, como agora, relativamente aseada. Se o costume já não existe hoje, existiu outr'ora, o que para a ethnographia vale o mesmo. Elle alem d'isso, não tem nada especial:

¹ Posteriormente á data em que colhi estas noticias, deu-me pessoa de toda a respeitabilidade mais as seguintes: diz-se que antigamente atiravam com areia ás portas da igreja e capella do santo (S. José), e que batiam nellas com pedras. A interpretação que se dava d'este facto era que se tinha em mira despertar o santo, para acudir aos pescadores (cfr., quanto á Belgica, *Bullet. de Folklore*, II, 56). A mesma pessoa me informa de que, quando está o mar bravo, e lá andam barcos, as mulheres da Povoá clamam ainda hoje assim: *O mar, obedece a Jesus, | como o Senhor obedeceu á Cruz*—fórmula de caracter magico.

já nos *Ensaïos Ethnographicos*, II, 49, citei um parallelo estrangeiro; aqui citarei outros. Um imperador chinês, do sec. III a. C., «punit le dieu du vent de la montagne Siang, en la faisant déboiser et peindre en rouge, parce qu'il avait été assailli en ces lieux par un orage»¹. Nos povos das Costas da Guiné: «gare aux fétiches s'ils ne se comportent pas bien; le jour où ils laissent noyer ou manger un des leurs... v'lan! à l'eau!»². Numa das suas fabulas, conta Esopo que um individuo que fazia supplicas a um idolo, o derribára, por este o não attender: ἔριψεν εἰς τὸ ἕδαφος³. Suetonio, na biographia de Augusto, diz que o imperador, para se vingar de lhe Neptuno ter destruido uma armada com uma tempestade, não fizera figurar a estátua do deus num espectáculo do Circo: *die Circensium proximo sollenni pompae simulacrum dei detraxerit*⁴. Le Blant, que cita este passo no seu *Catalogue* do Museu de Marselha, junta analogos exemplos medievas: opprobrios contra S. Felix, violencias para com S. Demetrio, ameaças a S. Martinho, etc.⁵. Tratando dos homens-deuses, cujo culto existe em varios pontos do globo, menciona Frazer muitos casos em que elles são punidos quando ha mau tempo e as colheitas são pobres⁶. O nosso S.¹⁰ Antonio tambem não fica sem punição, se não protege devidamente os devotos: «La nuit, nous eûmes un calme, à trois lieues environ de Livourne. On accusa saint Antoine de ce contre-temps, et on l'en punit en effigie»⁷. Um autor do sec. XVII conta um caso semelhante, que por brevidade não transcrevo⁸. Por ser bastante pittoresca e instructiva, copio porém na integra a seguinte narração: «Lorsqu'il fait calme, les pêcheurs italiens, surtout ceux de Naples, prennent leur bonnet et l'ayant ouvert, ils le tiennent d'une main, ils crient alors: *San Antonio di Padua, venite qui!* et avec l'autre main ils font le geste de mettre quelque chose dans le bonnet. Ils crient, en faisant les mêmes gestes: *San Gennaro, venite qui.* Puis, quand ils ont appelé une douzaine des saints les plus révéérés, ils ferment le bonnet en lui donnant la forme d'une sorte de sac, et le frappent de toute leur force avec un bois quelconque sur le bordage du bateau. Quand ils ont suffisamment cogné les saints qu'ils ont enfermés dans le bonnet, ils jettent celui-ci à la mer en criant: *Andate al diavolo!*»⁹. Não se limitam a isto as irreverencias dos Napolitanos para com os santos. Cidade muito sujeita a tremores de terra, Napoles soccorre-se da protecção de S. Francisco contra elles; todavia

¹ *Mémoires de Sematsien*, trad. de Chavannes, t. II, p. 156, apud *Rev. Arch.*, t. VI, 1905, p. 7, nota, artigo de S. Reinach, que porém tenta explicá-la por outro modo; seja porém qual for a explicação, o facto supersticioso ahi está.

² H. Gaidoz, in *Mélusine*, VIII, 278.

³ Vid. a fabula do Ἀνθροπος καταθραύσας ἄγαλμα (*Aesopicae Fabulae*, ed. de Leipzig, Tauchnitz, 1850, n.º 21).—Não interessa referir o resto da anecdotia.

⁴ *August.*, cap. XVI.

⁵ *Ob. cit.*, Paris 1894, p. 12.

⁶ *Le rameau d'or*, t. I, Paris 1903, p. 162 sqq.

⁷ H. Gaidoz in *Mélusine*, III, 282. Segue-se a descripção da punição, a qual, para evitar delongas, deixo de reproduzir.

⁸ H. Gaidoz & E. Rolland, in *Mélusine*, II, 187.

⁹ V. Bogisic, in *Revue des Trad. Pop.*, IX, 383.

«Henri Belle vit des femmes insulter sa statue, parce qu'il n'avait pas empêché une secousse qui ébranla la ville»¹.—E basta de exemplos².

Fica, portanto, não só confutada serenamente a critica que, em estilo desmanchado, me faz o Sr. Rocha Peixoto, cuja vaidade é uma delicia para os outros,—mas justificado que o antigo costume povoense se enfileira em uma rica serie de casos³.

f) GEOGRAPHIA HISTORICA E ETHNOGRAPHICA DE HESPANHA E PORTUGAL, de F. Adolfo Coelho (artigo critico no *Jahresbericht de Vollmöller*),—por Rocha Peixoto. Rasgado elogio, sem restricções. Cf. porém o que sobre aquelle artigo se disse nas *Religiões da Lusitania*, II, 350-359.

Tomo II, fasciculo 2.º

Las pinturas y grabados de las cavernas prehistóricas de la provincia de Santander, por Hermilio Alcalde del Rio (pp. 137-138), com tres gravuras no texto e dez estampas.—As grutas estudadas são as seguintes: Altamira, Covalanas, Hornos de la Peña e Castillo. O A. trata o seu assunto com entusiasmo, e entra em muitos pormenores.—Por importante que seja, e apesar do que dizem os redactores da *Portugalia* em nota, o artigo acho-o deslocado nesta revista, que, por causa do seu titulo e do seu programma, só em circunstancias especiaes deve occupar-se de assuntos estrangeiros. Em todo o caso, póde aqui dizer-se que *quod abundat non nocet*.

Castro Laboreiro (ensaio anthropologico), por Fonseca Cardoso (pp. 179-186).—Este artigo contém nove gravuras no texto. O A. observou varios individuos, e em especial mediu anthropometricamente 22 homens e 16 mulheres, do que conclue (p. 185) que o *Crastejo*⁴ é de estatura inferior á média, moreno, mesaticephalo-dolichoide, de rosto comprido e com os zygomas avolumados e divergentes, fronte quasi sempre fugidia, glabella saliente, nariz rectilineo, proeminente e de base larga, e mento retrahido. No estado rudimentar em que estão ainda entre nós os estudos anthropologicos, é de observações exactas e numerosas que principalmente precisamos; por isso este artigo é

¹ P. Sébillot, in *Revue des Trad. Pop.*, II, 103.

² Não me refiro ao costume português de metter santos em agua para vir chuva (vid. *Trad. Pop. de Portugal*, § 130), porque esta superstição pertence a outra categoria.—Com relação ás superstições de que me aqui occupo, não trato agora de averiguar se todas ellas são na origem propriamente *castigos*, se se fundam noutras concepções (religiosas ou magicas), modificadas no andar dos tempos; considero-as apenas no seu estado actual, com a significação que tem para o povo que as possui.

³ O Sr. Rocha Peixoto, como Póveiro que é, pugna *pro domo sua*, e ataca o que elle suppõe deslustrar a historia dos seus conterraneos. É porém sem razão que suppõe isso. O campo das superstições é latissimo: tudo lá cabe. E não fica mal aos da Povia cultivarem ou terem cultivado nelle tambem um recanto, de mais a mais em tão boa companhia, como mostrei.

⁴ *Crastejo* é o nome que tem os habitantes de Castro Laboreiro. Cf. o meu opusculo *Uma excursão ao Soajo*, Barcellos 1882, p. 34, e *Religiões da Lusitania*, II, 91, nota 1.

bem vindo. Só me parecem prematuras as conclusões ethnologicas, e não me cansarei de repetir: *la modestie, qui convient à tous les penseurs, convient surtout aux paléontologistes, exposés à s'égarer dans un domaine immense, souvent un peu ténébreux*¹.

A pag. 185 diz o A. que no Alto-Minho existem designações especiaes para differençar o habitante das grandes altitudes do dos baixos valles: áquelle chamam *da Serra* (ou *Crastejo*, vid. supra); a este, *da Ribeira*. A mesma nomenclatura se usa noutras regiões: vid. o que em relação á Beira-Alta escrevi nos *Ensaio Ethnographicos*, II, 154 e 187-188. Na mesma provincia (logar de Barrô—Lamego) canta-se a seguinte canção tradicional, que, a este respeito, é muito interessante:

Sou da serra, sou serrano,
Moro de trás da urgeira²:

Tenho tanta cortesia
Como qualquer da ribeira.

Noutras provincias ha designações semelhantes: os de Grandola, por exemplo, chamam *Ribeirinhos* aos habitantes das margems do Sado, quer pertençam áquelle concelho, quer ao de Alcacer, e chamam *Jarêgos* e *Sagôrrros* respectivamente aos habitantes da charneca e da serra³.

Na citada p. 185 lê-se que sempre que Fonseca Cardoso, na sua excursão anthropologica a Castro Laboreiro encontrava um homem que reunia em si certos caracteres a que o A. antes se refere, exclamava para o seu guia: *Aquelle é Crastejo?* e recebia em resposta sempre: *É, sim senhor, é da Serra*. Proceder assim, é ser pouco cauto, porque o povo, como as crianças, tem tendencia para responder affirmativamente a todas as perguntas, ainda ás mais simples, e por tanto o investigador que não usa de rodeios arrisca-se a ser enganado. Já em 1882, nas *Trad. Pop. de Portugal*, p. xv, fiz a este proposito algumas considerações. Não é pois *Aquelle é Crastejo?* que Cardoso devia perguntar, mas sim: *D'onde é aquelle?* E esperasse tranquillo a resposta.

Tabulae votivae, por Rocha Peixoto (pp. 187-212), com onze gravuras no texto.—Começa o artigo com algumas generalidades sobre as *tabulae votivae*, seu uso e seus assuntos. Segue-se a descripção de muitos exemplares portuguezes, dos sec. XVIII e XIX, principalmente do Minho, acompanhada, ás vezes, de estampas suggestivas. O A. transcreve na integra, com toda a fidelidade, as inscrições contidas nos quadros; de modo que o dialectologo encontra ahi alguma cousa que respigar. A p. 191 diz o Sr. Peixoto: «a inscrição, concisa ou prolixa, é de ordinario um risonho depoimento cacographico⁴, onde os vicios dialectaes, as corruptelas populares e as abreviaturas incongruentes se alinham...». O A., que, quando escreve, deturpa a lingua portuguesa com o emprêgo de vocabulos monstruosos, ou estrangeiros, como

¹ Palavras de A. Gaudry, in *L'Anthropologie*, XIV, 13-14.

² Nome beirão da «urze».

³ Informação que deyo á amabilidade do Dr. Manoel Matheus.

⁴ *risonho?* Um ethnographo não deve rir-se dos casos que estuda!

imagetica (p. 187)¹, *Cnide* (p. 209)², etc.; que nem mesmo é seguro na orthographia (*estellas*, p. 209, do lat. *stela*, gr. *στῆλη*, sons com um *l*), não tem realmente grande direito de censurar as *corruptelas populares*, nas quaes, pelo menos, não se encontrarão os erros de syntaxe que no texto d'elle eu poderia apontar.—O trabalho do Sr. Peixoto não é inteiramente novo, pois já na *Rev. Lusitana*, III, 204–205, se haviam tocado alguns pontos essenciaes, e na *Independencia* (jornal de Povoia de Varzim, da propria naturalidade d'elle), n.ºs 447 e 448, de 1890, haviam sido publicadas muitas inscrições; todavia aquelle trabalho é mais amplo que os anteriores.

As Póvoas maritimas do Norte de Portugal, por Alberto Sampaio (pp. 213–232).—Importante artigo que porém ainda continúa. Segundo diz o autor, fundado numa explicação do Sr. José Fortes, a origem de *Abremar*, nome de uma aldeia do concelho da Póvoa de Varzim, é *abra do mar*. Esta etymologia, apesar de incluída pelo Sr. Gonçalves Vianna nas suas preciosas *Apostilas aos diction. portug.*, t. I, Lisboa 1906, p. 545, não póde acceitar-se, porque as fórmas antigas da palavra são: ABONEMAR (sec. XIV)³, AVELOMAR e AVELLOMAR (sec. XVII)⁴, AVELOMAR (sec. XVIII)⁵. Modernamente escreve-se *Avêl'o mar*, *Avelomar* e *Aver o mar*⁶. O povo pronuncia *Abre-*

¹ Na expressão «illustração *imagetica*». Com *imagetica* quer o A. empregar um adjectivo derivado de *imagen*. Mas em casos d'estes o thema é *imagin-*, o que se vê em *imaginar*, etc. Dizer *imagetico*, é commetter grandissimo desconcerto, e ir de encontro á missão reivindicadora tão preconizada pela *Portugalia*.

² O A. queria dizer *Cnido* ou *Gnido*: gr. *Κνίδος*, lat. *Gnidus* ou *Gnidus* (ou com *C*); mas regulou-se pelo francês *Cnide*. Nos nossos antigos AA. achase geralmente *Gnido*, mas tambem por vezes *Cnido*. Por ex. nos *Lusiadas*, v, 5, a respeito da ilha da Madeira:

Mas nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe vantagem quantas Venus ama:
Antes, sendo esta sua, se esquecerá
De Cypro, GNIDO, Pafos e Cythera.

Na *Lyrica de Horacio*, de Elpino Duriense, t. I, Lisboa 1807, p. 117:

Venus, de GNIDO e Paphos soberana.

Na *Prosodia*, de Bento Pereira (sec. XVII): «*Gnidus*, -i, f. g. GNIDO, cidade de Lycia». No *Vocabulario*, de Bluteau: GNIDO. No *Diccionario abreviado da fabula*, de Chompré, traduzido por Pedro José da Fonseca, ed. de 1818 (Lisboa), p. 59: «GNIDO ou GNIDO, promontorio da Caria, onde Venus tinha um templo famoso».

O Sr. Rocha Peixoto, não obstante dedicar-se ao estudo da ethnographia, e ser a lingua poderoso elemento ethnico, é pouco amante do classicismo idioma-tico; todavia aqui tem de submeter-se á evidencia dos factos.

³ Nas *Inquirições* de D. Affonso IV, na Torre do Tombo, fl. 167 (informação do Sr. Pedro de Azevedo); e nos *Port. Mon. Hist.*, *Scriptores*, p. 360 (cf. tambem Cortesão, «Onomastico medieval», n-*O Arch. Port.*, VIII, 189).

⁴ No *Livro de notas*, n.º 1, fls. 70 v. e 71 r., manuscrito que consultei no cartorio do notario o Sr. Fiuza da Silva, na Povoia de Varzim.

⁵ No *Dic. Geogr.*, do P.º Luis Cardoso, Lisboa 1747.

⁶ Por ex.: no *Port. Ant. e Mod.*, de Pinho Leal; na *Encyclopedia Portuguesa*; na *Chorographia*, de Bâtista; nos *Cantos Matutinos*, de Gomes de Amorim, 2.ª ed. (1866), p. 16. A entrada da povoação ha um posto fiscal sobre cuja porta se lê: POSTO FISCAL DE AVER-O-MAR.

mar (o mais geral)¹, *Abrumar*², *Avêrumar* (= a-vêr-o-mar), *Averumar* (leitura rápida de *Aver o mar*), *Avelmar* (ouvi a um velho) e *Ablemar*. Partindo de *ABONEMAR*, que é a mais antiga fôrma a que podemos ascender, temos, como me parece, a seguinte serie phonetica: *Abonemar* > **Abonomar*³ > **Abenomar*⁴ > *Abelomar*⁵ = *Avelomar*⁶. Em vez de **Abonomar* e **Abenomar*, podia admittir-se **Abolomar* e *Abelomar*, suppondo-se que a mudança de *n-m* em *l-m* se deu cedo, ou admittir-se simples metathese de *Abonemar* em **Abenomar*; mas o resultado final é o mesmo, em qualquer das hypothèses. As fôrmas *Abremar* e *Averomar* explicam-se perfeitamente por etymologia popular (*abre mar*, *a ver o mar*, por isso que a povoação fica á beira do oceano); as outras fôrmas populares são accidentes d'estas e de *Avelomar*. Sem tentar descobrir o etymo da palavra *Abonemar*, ou germanico, como os de outras muitas palavras acabadas em *-mar*⁷, ou arabico⁸, deixo porém assente: 1) que *Abremar* é fôrma puramente popular e moderna; 2) que *Avelomar* é a verdadeira fôrma tradicional, pelo menos ha tres seculos. Quem, pois, escrever *Avelomar*, escreverá muito bem.

Varia:

a) *O Mercurio de Casal-Comba*, por Ricardo Severo (pp. 233-241), com uma estampa e duas gravuras.—Estudo circunstanciado da estatueta de Mercurio que foi figurada n-*O Arch. Port.*, I, 24-25. A estampa que o acompanha é magnifica.

b) *A sepultura da Quinta da Agua Branca*, por José Fortes (pp. 241-252), artigo acompanhado de nove gravuras.—Na Quinta da Agua

¹ Eis algumas canções populares em que entra esta palavra, e que me foram ditas na propria povoação:

Raparigas d' <i>Abremar</i> , Vos soi' las que brilhantaes,		Soi' las que ponde' lo ramo Adonde quer que chegues.
Ero' dez horas e meia, Quando entrei em Balasar:		Nunca me metero' medo Os ferreiros d' <i>Abremar</i> .

² Por ex. nesta canção:

Bamos d'aqui p'r' <i>Abrumar</i> , Levamos festas alegres:		Vae em nossa companhia Nossa Senhora das Neves.
---------------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------

³ O e mudou-se em o por influencia do m, como em *romendo* < *remendo*.

⁴ Dissimilação de o-o em e-o, como em *Kedeçoso* < *Codeçoso*.

⁵ Dissimilação de n-m em l-m, como em *alimal* < *animal*, *Jerolmo* < *Jeronymo*, *lomear* < *nomear*.

⁶ Nesta região confunde-se b com v.

⁷ Cf. *Gondomar*, *Lumar*, *Valdemar*, etc. Em alto all. ant. marh «cavallo de guerra».

⁸ *Abonemar* por aben-Omar «filho de Omar». A par de *Iben-*, *Eben-*, *Ben-*, que se lêem na *Chronica Gothorum* (vid. *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, pp. 10-11),

o arabe بن¹, deu *Aben-*, como pôde ver-se no «Onomastico medieval» do Dr. A. Cortesão, publicado n-*O Arch. Port.*, VIII, 188; cfr. ibidem tambem *Abonacer* e *Abonazar*. A actual palavra *Viegas* vem da archaica *Benegas* = ben-Egas «filho de Egas».—No romanceiro hespanhol é corrente o typo *Abenamar*: vid. «Romances de *Abenamar*» no *Romancero General* de Duran, I, 5.

Branca, sita no logar de Breia, concelho de Cerveira, appareceu uma sepultura, mais ou menos rectangular, formada de lages postas de cutello. Dentro d'esta sepultura havia os restos de um esqueleto, e importante espolio metallico, não tanto pelo numero, como pela qualidade. Infelizmente á exploração do monumento, feita por camponios, não presidiu criterio scientifico, e quando o Dr. Fortes chegou, já elle estava profanado e os objectos extrahidos, e até em parte damnificados. Ainda assim, quer por informações collhidas, quer pelo estudo do local, o Dr. Fortes, no seu minucioso e bem elaborado artigo, chega ás seguintes conclusões: 1) a sepultura era de inhumação; 2) nella praticou-se qualquer cerimonia funeraria, pois que se encontraram ahi manchas de carvão; 3) ao pé estava uma lagê provida de *covinhas*. O espolio consistia em um diadema, dois aros, dois aneis espiraliformes, tudo de ouro, e uma adaga sub-triangular de cobre.

Este achado faz que se estabeleça mais um capitulo na prehistoria do Minho, onde um espolio funebre constante de objectos de ouro e cobre não é já o primeiro: cf. Estacio da Veiga, *Antig. monum. do Algarve*, IV, 45-46, est. IV, a respeito de Balugães (Barcellos), — passo que José Fortes tambem cita¹. O espolio de Balugães compunha-se de um diadema de ouro (differente porém do da Breia) e de quatro frechas de cobre: o diadema foi fundido por um ourivez do Porto, depois de em vão ter tentado vendê-lo²; uma das frechas levou descaminho³; as tres restantes estão no Museu Ethnologico, e foi o proprio Estacio quem as salvou.

O achado de Breia é importante, de mais a mais, porque juntamente com o de Balugães contribue para que se datem certos objectos de ouro, de caracter semelhante, que apparecerem desacompanhados de instrumentos de cobre.

c) *Necropole lusitano-romana da Lomba*, por José Fortes (pp. 252-262), com uma estampa e 4 gravuras no texto. — Noticia de um cemiterio lusitano-romano do sitio dos Prazos, logar da Quebrada, freguesia de S. Pedro da Lomba, concelho de Amarante. As sepulturas eram meras covas abertas no chão, pertencentes a dois typos: um rectangular (dvidoso), outro circular (positivo). O A. explorou uma sepultura circular intacta, e encontrou ahi sete vasos de barro, dentro dos quaes, do maior especialmente, havia cinzas e terra negra, porque o cadaver tinha sido incinerado. O cemiterio datará, segundo infere o A., do sec. IV da era christã. — Á parte uma ou outra imperfeição estilistica, o artigo é instructivo, e lê-se com agrado.

Podem comparar-se com o cemiterio da Lomba os da Feira-Nova (Marco de Canaveses), explorados por pessoal do Museu Ethnologico: o rito ahi era tambem de incineração, e a ceramica em parte é analogá á do d'aquelle; as sepulturas porém consistiam em caixas feitas de pedras, como se póde ver de uma que se reconstruiu no Museu,

¹ Cf. supra, p. 355.

² Informação que colhi particularmente.

³ Estacio, *Antig. Monum. do Algarve*, IV, 46.

onde estão os respectivos espolios. Nas excavações appareceu uma moeda de cobre do sec. iv.—Parece-me importante ir fixando estas datas para que um dia possa escrever-se a historia dos ritos funerarios romanos no nosso país. Na Gallia, pelo menos em algumas localidades, tambem no sec. iv se praticava ainda a incineração dos cadaveres, demonstrada pelo apparecimento de moedas romanas d'esse seculo em covaes cinerarios¹.

d) *O castro de Villarinho de Cottas*, por Ricardo Severo (pp. 263-269), com 11 gravuras no texto.—Noticia das pesquisas feitas pelo A. no castro de Villarinho de Cotas (Alto-Douro), onde appareceram varios objectos, e entre elles um de bronze, de bastante valor, consistente em um leão que pousa as garras num disco com uma cara. O A. diz que este objecto poderia ser uma allusão á conquista dos territorios transalpinos pelos Romanos; mas tal hypothese, para ser admissivel, devia vir documentada.

e) *Uma ornamentação ceramica actual de character archaico*, por Rocha Peixoto (pp. 270-272), com uma gravura no texto.—A proposito de uma bilha de barro fabricada em Guimarães.

f) *Prodigios de S. Bernardo em azulejo*, por M. Monteiro (pp. 272-274), com duas gravuras no texto.—Neste artigo, que não se recomenda, nem pelo estilo², nem pela orthographia³, trata-se de duas lendas attribuidas a S. Bernardo e figuradas em azulejos do convento de Bouro. Uma d'ellas (pelo menos), a em que o Diabo estorva a viagem do santo, que ia num carro, tenho-a visto figurada, tambem em azulejos, noutros conventos.

g) *A olaria em Elvas*, por A. Thomás Pires (pp. 274-277).—Noticia das olarias de Elvas, já testemunhada em um documento do sec. xv, que o A. transcreve, com outros de datas posteriores.

h) *Ethnographia mirandesa*, por Carlos Alves (pp. 277-280).—Descripção da matança do porco, seus preparativos e costumes correspondentes.

i) *Folk-lore transmontano*, por Tavares Teixeira (p. 280).—Transcripção de romances e canções.

j) *Folk-lore beirão*, por Pedro Fernandes Thomás (pp. 281-282).—Transcripção das musicas que acompanham os romances populares e o descante dos noivos. A p. 281 falla o A. d-«os romances populares,

¹ Vid. *Bullet. de Numismatique*, xiii (1906), 74.—Sobre inhumação nos sec. v-vii, etc. vid. o mesmo *Bulletin*, p. 74. Comtudo ainda no sec. ix Carlos Magno combatia a prática da incineração: vid. *Mémoir. de la Soc. Arch. de Montpellier*, 1899, p. 373.—A substituição da incineração pela inhumação não se fez de um jacto. Assim, ao passo que no N. do nosso país temos o rito da incineração ainda no sec. iv,—temos no Alemtejo a inhumação no mesmo seculo, como limite a quo (vid. Dr. Felix Alves Pereira, n-*O Arch. Port.*, x, 17).

² .. n'uma tarja renascença (p. 272), n'uma anatomia pejorativa de tronco humano (p. 274). Etc.

³ *Sachristia* (com h!), p. 272.—A nossa orthographia está num cahos; cada escriptor escreve de seu modo, e um mesmo escreve de muitos. Mas se é licito escrever *descripção* e *descrição* (porque o p não se pronuncia), *phrase* e *frase* (porque ph = f) etc., não é porém licito escrever h em *sachristia*, porque esta palavra vem do lat. mediev. *sacristia*, do thema de sacer, onde não ha h.

ainda hoje tão vulgarizados entre os habitantes das povoações ruraes». Ora o contrário é que é verdade: exceptuando a raia transmontana, e porventura um ou outro ponto da Beira-Baixa, os romances estão já em grande decadencia.

NOTÍCIAS (pp. 283-288):

O bracelete de ouro de Tellões (Trás-os-Montes); Outros achados de Tellões; A cidade de Riodouro (Minho); Sepulturas romanas de Condeixa-a-Velha (antiga Conimbriga); Sepulturas abertas em rocha. Artigos firmados por R(ocha) P(eixoto), R(icardo) S(evero) e A. G(oncalves).

O penultimo d'estes artigos contém uma lista de localidades em que ha sepulturas abertas em rocha. Diz o seu autor o Sr. Rocha Peixoto: «A epocha a que pertencem as sepulturas abertas em pedra, avulsas ou na rocha natural, tem sido e continuará a ser, materia em debate, mercê do mutismo epigraphico ou figurativo em que se exhibem». Convém aqui fazer algumas observações sobre estas duas especies de sepulturas.

a) Com relação ás sepulturas avulsas (sarcophagos), notarei que no Museu Ethnologico ha uma, provinda de uma serra do concelho de Villa Pouca de Aguiar, e obtida por intermedio do Rev. Raphael Rodrigues, na qual se vê gravada interiormente (no fundo) uma inscripção que certamente não é romana: vid. a fig. 12.^a

b) Com relação ás sepulturas abertas na rocha natural, posso apresentar as seguintes informações. Em 1905 o Rev. Abb.^o José Augusto Tavares, devoto investigador da archeologia trasmontana, deu-me noticia de que no concelho de Moncorvo havia encontrado uma sepultura d'esta especie com uma inscripção que dizia VIVI, e convidou-me a ir eu proprio com elle ao local ver a pedra, prazer que só pude ter em 1906. O local chama-se Zambulheira, e fica proximo da ribeira da Villariça, na freguesia de Cabeça-Boa. Ha ahí actualmente nove sepulturas abertas em rocha (granito); infelizmente começaram já a despedaçá-las. Estão voltadas para o NE. e apresentam diversos typos: vid. fig. 13.^a A inscripção de que se trata está gravada no encosto da cabeceira da sepultura a, exteriormente. Esta sepultura tem de maior comprimento: 1^m,82; de largura 0^m,53; de profundidade 0^m,40. Altura do maior i (isto



Fig. 12.^a

¹ Este sarcophago tem as seguintes letras: PB P. R. R., no seu lado esquerdo, estando as duas primeiras um pouco afastadas das últimas. Estas significam P(adre) R(aphael) R(odrigues), de quem a cima fallo. Quanto ao PB, vê-se que o pedreiro, que teve o mau gosto de profanar assim o sarcophago, queria escrever PRR, mas se enganou escrevendo B por R, e repetiu adeante as iniciaes; pelo menos é o que me parece.

é, do primeiro): 0^m, 16. As tres primeiras letras não offerecem dúvida nenhuma. Quanto ao I final, notarei que está mais inclinado que o primeiro; todavia é certo que não fez parte de outra letra, e que é realmente I. Nem antes da primeira letra da inscripção, nem depois da ultima, ha ou houve letras. Esta sepultura, se é mais importante que as outras, por causa da epigraphie, distingue-se tambem d'ellas, por estar cercada por uma excavação na pedra¹. Em volta d'este monumento encontram-se restos de ceramica antiga e mós grosseiras como as dos castros: vestigios evidentes de epochas remotas. Comquanto a inscripção seja bem laconica, parece-me que tem alguma importancia, e que o Rev. Abbadé Tavares prestou bom serviço á nossa archeologia, tomando

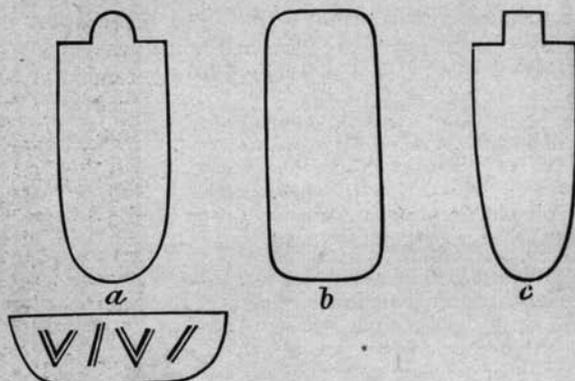


Fig. 13.ª

nota da sepultura. No meu entender, *vivi* não é a 1.^a pess. do pret. do verbo português *viver*, mas a 2.^a pess. do pres. do imperativo do verbo latino *vivere*, e está em vez de *vive*, com mudança de *e* atono em *i*, como em *dec(i)m* = *dece(m)*²; póde corresponder ao conjunctivo das seguintes expressões usadas na epigraphia christã: *vivas in Deo*³, *vivatis in Deo*⁴, *vivat in Deo*⁵, *vivas in (Christo)*⁶. A ultima expressão lê-se em uma tegula. Tambem em uma tegula hispanica se lê unicamente *VIVAS*⁷.

D'este modo o problema das sepulturas abertas em rocha e o dos sarcophagos de pedra tosca dão um passo para a solução⁸.

¹ Pertenceria acaso a uma pessoa grada da terra.

² No *Corp. Inscr. Lat.*, XII, 942 (inscripção christã).

³ Le Blant, *Manuel d'épigraphie chrétienne*, pp. 43 e 45.

⁴ Le Blant, *Inscriptions chrétiennes de la Gaule*, vol. II, p. XXVII.

⁵ Le Blant, *Manuel d'épigr. chrét.*, p. 53.

⁶ *Inscriptiones Hispaniae christianae*, de Hübner, n.º 203.

⁷ *Inscr. Hisp. christ.*, n.º 196.

⁸ Os sarcophagos christãos tem o seu modelo immediato nos sarcophagos romanos. As sepulturas abertas em rocha assemelham-se a muitas de diferentes idades e povos; parece-me porém que as que mais legitimamente em data podem comparar-se-lhes são as das Catacumbas de Roma.

NOTÍCIAS EPIGRÁFICAS (pp. 289-290):

a) *Lapide de Guidões*. — Notícia de uma ara romana com inscripção bem difficil de ler. Farei a seguinte correcção á noticia: esta ara não appareceu em *Guidões*, como se diz na *Portugalia*, mas perto do logar de *Villa-Boa*, freguesia de Guilhabreu, concelho de Villa do Conde, em um campo, ao plantarem uma oliveira. Mais notarei que com ella appareceram duas outras aras anepigraphas, e que todas tres pertencem hoje ao Museu Ethnologico Português, por acquisição realizada pelo Dr. Felix Alves Pereira. Com as aras não se encontrou mais nada; junto, porém, do campo em que ellas estavam enterradas ficava um cemiterio romano de incineração, cujo espolio o Rev. Sousa Maia, Abade de Canidello, offereceu liberalmente ao Dr. Felix Alves Pereira para o Museu Ethnologico.

Na fig. 14.^a represento a ara de que se trata. Hübner tinha dado na *Ephemeris Epigraphica*, VIII, 398, o seguinte texto da respectiva inscripção: EX7U || LIAIN || CALA || ASUS || MEBSI || EX7FA || A'LXX ||, e tinha-a interpretado dubitativamente assim: *ex O (centuria) Ulia Inca; Lavasus Mebsi ex O centuria Fa(bia?)*; *an(norum) LXX*. Os redactores da *Portugalia* transcrevem, sem anotação nem explicação nenhuma, um bilhete de Hübner em que se lê o mesmo que vem na *Ephemeris*. No meu entender, e salvo o devido respeito á memoria de tão consummado epigraphista como era Hübner, só a 7.^a linha (a idade) está bem interpretada; tudo o mais necessita de modificação, como vou mostrar em face da gravura que apresento, e em resultado do exame a que procedi na propria pedra.

Já Martins Sarmiento achou tambem grande difficuldade na leitura da inscripção, e tanto assim que disse d'ella: «ainda está para nascer a Sphinge que decifre o enigma, salvo o erro»¹.

Depois d'esta sentença de Sarmiento e das hesitações de Hübner, comprehende-se que não é sem certo receio que trago a minha interpretação do monumento; mas *agenda res est audendaque*.

Esta inscripção é paleographica e ethnologicamente muito importante. O que respeita á ethnologia, vê-lo-hemos infra. No que toca á paleographia, notarei desde já não serem do mesmo typo todas as letras: umas são cursivas e unciaes, outras são capitães,—mistura porém que não é rara na epigraphia².

Fig. 14.^a

¹ Carta de 3 de Dezembro de 1894, dirigida, como penso, ao Sr. David Ramos, antigo proprietario da lapide. Tenho cópia da carta, que me foi offerecida pelo Sr. Adães Bermudes. Nesta carta reproduz Sarmiento a mencionada interpretação de Hübner, e ainda outra que o mesmo epigraphista propusera antes de ver a photographia da inscripção. Sarmiento não se conforma com nenhuma d'ellas, e julga que o principio da inscripção é: *Ex Juli* ou *Ex Julia*. Tambem antes de obter photographia da inscripção, Sarmiento apresentára outra hypothese completamente diversa. Mas não julgo necessario dizer mais do que o que digo, por isso que a carta está inedita, e as referidas hypotheses são inaceitaveis.

² Cf. R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 3.^a ed., p. 6 sqq., onde trata das letras cursivas e unciaes.

1. A 1.^a letra é E uncial = ϵ ; a 3.^a letra, que Hübner tomou por abreviatura ou symbolo de *centuria*, é I = ι , como alguns II cursivos de Alburnus Maior, na Dacia (sec. III)¹; a ultima letra é V uncial = \mathcal{V} .

2. A 1.^a letra é L uncial = \mathcal{L} , ou como alguns dos LL cursivos de Alburnus Maior. A 2.^a e 4.^a letras são II do typo já citado. A 3.^a foi por Hübner tomada como A; para ser A, porém, destoaria de todos os outros AA da inscripção; se, pelo contrario, notarmos que parte da haste da esquerda é uma falha da pedra, por quéda de grãos de quartzo, e compararmos esta letra a um dos TT de Alburnus Maior, concluiremos que ella não póde ser senão T, embora muito inclinado para a direita, como a ultima letra da linha 5.^a, e os XX da ultima linha, que parecem duas cruces.

3. Depois de CA ha um ponto. A 3.^a letra é L do typo já descrito. O nexo do fim foi interpretado AV por Hübner, mas eu inclino-me mais a que é AN, já por causa do nexo inicial da 7.^a linha, que se resolve manifestamente em AN = AN (*norum*), já por causa da interpretação philologica que adeante dou da pálvra a que ella pertence.

4. Os SS são como alguns dos SS cursivos de Pompeios e de Alburnus Maior, ou como os unciaes: o 1.^o, comtudo, differença-se do 2.^o, em não ter a volta inferior. O V é uncial.

5. A 3.^a letra é B uncial = \mathcal{B} . O S tem os caracteres do ultimo da linha 4.^a, e desce um pouco da linha. A ultima letra é I bastante inclinado: a cima do meio ha uma falha na pedra, que o póde fazer erradamente tomar por parte de um A.

6-7. As letras 3.^a e 4.^a da linha 6.^a descem na direcção da linha 7.^a A 3.^a letra foi tida por Hübner como outra abreviatura de *centuria*, mas é I, analogo aos da 1.^a e 2.^a linha, mas com menor curva. A ultima letra da linha 6.^a, que Hübner julgou ser A, é tambem I (como um de Pompeios), em cuja parte superior está falha a pedra, o que lhe dá aspecto de curva.

Para commodidade dos leitores, dou-lhes na fig. 15.^a uma lista dos caracteres cursivos e unciaes usados nesta inscripção.

Em vista da discussão precedente, leio d'este modo a inscripção: EXIULITINCA LANASUS, MEBSIEXI FI(LIUS), AN(NORUM) LXX.

Isto é: *Exiulitınca Lanaso, filho de Mebsiexo, de idade de 70 annos (está aqui sepultado).*

Provavelmente *Lanaso* não é cognome, mas nome ethnico-geographico, designativo da *gens*, tribu ou povoação a que Exiulitınca pertencia: cf. *Cabedus Sicculus no Corp.*, II, 2863; *Ambata Paesica Argamonica*, ib. 2856; *Septimius Argilicus*, ib. 5615; *Coernea B(a)etunia*, ib. 2788;

Fig. 15.^a *Atlundus Maquiaes*, ib. 4980; *Proculus Pellicus*, ib. 3166; e vid. as listas de Hübner a p. 1161.

Se tivermos presente o que os AA. antigos disseram da pouca sonoridade (para os ouvidos d'elles!) dos nomes da Peninsula Iberica², não acharemos muito estranhos os da nossa inscripção; ainda assim, a estranheza não é tanta como póde parecer. Senão vejamos.

EXIULITINCA. Sem procurar explicar esta palavra, notarei que no *Thesouro* de Holder³ se encontram muitas que começam por *ex-*, como *Exapia*, *Exapila*, *Excingus*, *Exobnus*, *Exocius*, *Exomntus*, nomes de pessoas; na inscripção celtica de Novara lê-se, em caracteres etruscos, *Esanekoti*, onde «on croit devoir reconnaître le génitif gaulois *Ex-ande-cotti*»⁴. No *Thesouro* de Holder encontram-se tambem muitas palavras terminadas em *-inca* e *-incum*, por ex. *Demınca*, *Iovinca*; sobre *-inca* vid. Philipon in *Romania*, xxxv, 14-16, com as observ. de A. Thomas *ib.*, 19, e de Meyer-Lübke in *Zs. f. rom. Philol.*, xxx, 750. Mas não desejo envolver-me em hypotheses num campo de estudos que não é especialmente o meu.—

¹ Cf. Cagnat, loc. cit., p. 8.

² Vid. *Religiões*, II, 89.—Aos textos que ahí juntei, acrescentarei este de Marcial, que era Hispano: *nostrae nomina duriora terrae*, nos *Epigram.*, IV, 55, v. 9.

³ *Alt-celt. Sprachschatz*, vol. I e II (este último ainda em publicação), s. vv.

⁴ D'Arbois de Jubainville, *Gramm. celtique*, Paris 1903, p. 19.

O nome *Exiulitina*, apesar de acabado em *-a*, é evidentemente masculino, como se vê da terminação *-us* do epitheto; são frequentes em celtico os nomes próprios de homem que terminam em *-a*, por ex. *Boutia*, *Mogetissa*, *Mogituma*, *Toutissa*¹.

LANASUS. Esta palavra não a encontro no onomástico antigo, mas a terminação *-asus* encontra-se em *Coccasus*², *Sarasus*³, onde ella é plausivelmente suffixo, ou elemento componente, pois que por outro lado temos *Cocc-iacus*, *Cocc-illus*, *Sar-anus*, com os mesmos themas. Assim *Lanasus* corresponderá a *Lan-asus*, e *Lan-*, por **Lan*(o)-, pôde ser elemento celtico correspondente ao lat. *planus*, visto que uma das leis melhor estabelecidas da phonologia celtica é a quêda do *r* originario; cf. o nome *Mediolanum* = *medio-lano-n*, onde *medio-* corresponde ao irlandês ant. *medon* e ao lat. *medius*. De poder ser celtico o thema *Lan-*, e portanto a palavra *Lanasus*, não se segue forçosamente que o elemento *-asus* o seja, pois também em português temos, por ex., *mostrengo*, *christengo* e *judengo*, onde o suffixo germanico *-engo* se juntou a palavras de origem latina (*monstrum*), grega (*Χριστός*) e hebraica (*יהודי*), por intermedio do lat. *Iudaeus*). Sendo justa a explicação que apresento de *Lanasus*, conviria muito bem a esta palavra o caracter de epitheto ethnico-geographico que acima lhe attribui.

MEBSIEXI. Já Hübner tinha lido *Mebsi*, embora acrescentasse *ex c(enturia)*, ao passo que nós vimos que aquellas tres letras fazem parte do genetivo *Mebsiexi*. Com o elemento *Mebsi-* tinha Hübner comparado o *Mebdi* (genetivo) que se lê no *Corpus*⁴. Pela minha parte notarei que a terminação *-iexi* (genetivo) é comparavel á de *Anderexsus* (nominativo) citado por Holder, I, 1487; com outra desinencia cita elle *Arbelexsis*, *Atteaxis*, *Bombelex*, etc.

Para terminar, acrescentarei que a inscripção é provavelmente do sec. IV da era christã, pois os espécimes que possuímos de epigraphia uncial datam pouco mais ou menos de então⁵.

b) *Inscripção de Miranda do Douro*, por A. Pereira Lopo. — Compõe-se de tres linhas: uma, que consta de um nome que parece estar no dativo feminino; outra, que consta de um nome masculino em genetivo, seguido de *F* (talvez *filiae*); outro, em que se indica a idade, talvez *AN(norum) L*. Não sei se as duas primeiras palavras estão bem copiadas.

c) *Analecta epigraphica*, por José Fortes. — Transcripção de duas inscripções achadas em Ancede (Baião). Uma d'ellas é notavel pelos ornatos que tem na parte superior.

Bibliographia (pp. 291-300):

Artigos a respeito de obras de José Fortes, Nery Delgado, Adolf Schulten, Costa Ferreira, D. Carolina Michaëlis, A. Thomás Pires, C. Boulanger, Santos Rocha, etc., assinados por R(ocha) P(eixoto), R(icardo) S(evero) e Alberto Sampaio.

Entre esses artigos vem também um de Ricardo Severo a respeito do vol. II das minhas RELIGIÕES DA LUSITANIA, ao qual tenho de fazer algumas observações.

Quem ler despreoccupadamente essa critica, notará logo dois factos: primeiro, que o autor d'ella, á maneira do collega Rocha Peixoto (vid. supra), *virus acerbitalis suae evomuit in me*, e que, se não disse peor do livro, foi por uns remordimentos da consciencia; segundo, que *on*

¹ Vid. D'Arbois de Jubainville, *Gramm. celtique*, p. 12.

² Holder, *ob. cit.*, s. v.

³ Holder, *ob. cit.*, s. v.

⁴ Vol. II, n.º 5556 e 5580.

⁵ Cagnat, *Cours d'épigraphie*, 3.ª ed., p.

*sent un peu trop, çà et là, dans son exposé, qu'il a puisé dans l'écrit qu'il analyse toute sa science du sujet*¹.

Diz o Sr. Severo que eu fiz «a restituição da geographia da Lusitania proto-historica, fundamentada principalmente sobre os AA. classicos». Repete o que se lê a p. 7, nota, do meu livro: *para a elaboração d'este capítulo sirvo-me quasi exclusivamente das informações dadas pelos proprios AA. classicos*, E DOS RESULTADOS OBTIDOS PELA ARCHEOLOGIA. Severo supprimiu a última parte para depreciar o trabalho. Continúa: «os resultados da interpretação . . . permanecerão . . . em grande parte incertos». Se especifica *em grande parte*, é que ao menos *pequena parte* ficou averiguada, e convinha em tal caso assinalá-la. Ora não só o methodo que se adoptou, ao esboçar-se a geographia da Lusitania, differe do que entre nós até então se tinha adoptado, mas discutem-se ahi alguns pontos que supponho mereciam attenção, por ex.: o texto em que Avieno falla de *Agonis* (pp. 9-10 do meu livro); o *Cuneus ager* de Pomponio Mela, que não póde corresponder ao cabo de Santa Maria, como se tem dito (pp. 12-13); as ilhas *Poetanion* e *Achale* (pp. 17-18); o *mons Sacer*, que ficou identificado com a serra de Monsanto (p. 30); *Eburobrittium*, cuja localização no concelho de Obidos se justificou com uma inscripção descoberta ultimamente (p. 31); *Lango-briga* representado por *Langroiva-Longroiva* (p. 34, nota 3). Se o Sr. Severo acceita estes factos, devia, sendo critico sincero, indicá-los; se os não acceita, devia, possuindo para isso conhecimentos, refutá-los.

O valor dos textos classicos, como auxiliares da ethnologia, merece apenas esta fanfarronada: «é já em demasia a litteratura rhetorica e academica d'esta nossa ethnogenia, edificada theoreticamente sobre quantos autores gregos e romanos dissertaram acêrca da Peninsula. Pois que de tanta philosophia em tamanhos tratados, a conclusão é ainda de uma deficiencia desconcertante». Ora nas *Religiões da Lusitania* trata-se sobriamente do assunto, expondo-se lá as ideias geraes que, baseados no conhecimento dos autores antigos e nos resultados da glottologia, podemos ter acêrca de Iberos, Phenicios, Ligures, Gregos, Celtas e Africanos. Parece que Severo não quer nada com os textos. Todavia diz-se bem claro no meu livro, p. 4: *sem a litteratura classica a archeologia não póde progredir convenientemente; por outro lado, sem as luzes da archeologia, muitos passos dos AA. ficarão obscuros, ou serão incompletamente apreciados*. O maior desideratum dos archeologos é até pôr de accordo a archeologia com os textos, e substituir expressões vagas, como por exemplo, «epoca de *Halstatt*», por datas e designações ethnicas, que provenham principalmente dos textos. Como exemplo da importancia da litteratura classica para a comprehensão dos monumentos archeologicos, podem citar-se as laminas de ouro de Cáceres, em que ha umas figuras com pennachos na cabeça; a denominação de *pennachos* resulta do que dizem Estrabão e Diodoro, como mostrei n-*O Arch. Port.*, XI, 231-233. Não é tambem tão inte-

¹ Palavras de Gaston Paris a proposito de certo livro de philologia: *Romania*, I, 237.

ressante applicarmos á descripção do escudo dos guerreiros lusitanos (estatuas callaicas) palavras de Estrabão, *Geogr.*, III, III, 6, como já Martins Sarmiento fizera¹? O mesmo geographo nos diz, *Geogr.*, III, III, 7, que os Lusitanos se serviam de uma especie de pão feito de lande de carvalho, *δρυόκλιον*, depois de moída; esta noticia esclarece o encontrarem-se nas ruínas dos castros, já landes carbonizadas, já mözinhos², que porém não serviam só para isso. A fama que tinha para os antigos AA. a riqueza aurea do solo da Peninsula³ confirma-se hoje com os continuos achados de objectos de ouro que estavam enterrados⁴.

Reportando-me ao caso especial, pergunto que direito tem Ricardo Severo de arguir de insufficiencia os textos classicos, quando elle, como tenho mostrado por varios exemplos no decurso d'este artigo, não está no caso de os compulsar no original, e por tanto de lhes apreciar e sentir o verdadeiro valor? Outro exemplo d'essa incapacidade está na propria critica que me faz, onde, a p. 293, ao fallar das instituições dos Lusitanos, escreve: «*populi* independentes com *REGULUS* e suas *civitates*, com grupos de *gentilitates*», devendo escrever *REGULI*, para ir de acordo com os outros nominativos, *populi*, *civitates* e *gentilitates*. Vêem os leitores que, na apreciação do uso dos textos, nada significam as censuras de um ethnologo que é de tão apoucado saber humanistico, que nem o nominativo plural de *regulus* se atreve a formar! Estudar uma obra só pela traducção, é como querer apreciar uma boa opera ouvindo as roufendas notas de um phonographo. O traductor de uma obra extensa, como as de Estrabão e Plinio, não póde muitas vezes descer a exegéses miudas como um especialista que analisa o original. Ora os textos antigos que se referem á Lusitania, por serem escassos, e ás vezes discordantes entre si, devem ser pesados como se fossem ouro; e isto não se póde executar perante uma traducção, porque ha palavras que, sendo traduzidas, perdem da sua significação propria.

A p. 293 diz Severo do meu capitulo sobre os caracteres dos Lusitanos: «muitos d'estes caracteres ethnographicos são, na sua applicação generica ás sociedades lusitanicas, meramente phantasiosos e por vezes incaracteristicos». Deixando de lado a impropriedade da expressão *caracteres . . . incaracteristicos*, notarei que era melhor que, em vez

¹ Na *Rev. Academica*, 1879, n.º 3, p. 12 sqq.

² Não me consta que hoje se utilizem as landes de carvalho como comestivel. No Alemtejo porém comem-se (cruas, cozidas ou assadas) as *landes* do sobreiro, que são adocicadas, e as *bolêtas* doces da azinheira; no Sul d'essa provincia constituem mesmo umas e outras base de alimentação. Dão-nas tambem aos porcos, tanto as amargas, como as doces.— Com os pães de landes de carvalho mencionados por Estrabão compararei as *fulachas* da Beira, especie de pães achatados, feitos de farinha de castanhas piladas ou *picadas*, e que costumam vender-se nas feiras cobertos de folhas de castanheiro. Substituindo as landes pelas castanhas, temos aqui um caso de bem remota supervivencia.

³ Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 24 e 104.

⁴ Só o Museu Ethnologico, e mais é de fundação recente, possui á sua parte bastantes objectos d'estes.— Não é pois sem algum motivo que a gente das aldeias pensa que os Mouros deixaram grandes riquezas escondidas, e diz que, sem o saber, atira *com ouro* ao gado (i. é, com ouro «encantado em pedras»). *Mouros* é designação vaga e generica que significa — povos de remotas eras.

de uma afirmação vaga, citasse factos. Se não cita factos, como hei-de responder-lhe?

Tendo eu escrito, com relação á religião dos Lusitanos, p. 99: *visto conhecermos a epoca protohistorica quasi só por documentos provenientes de epocas propriamente historicas, torna-se necessario fazer trabalho reconstructivo, apreciando cada deus e cada culto por testemunhos posteriores aos tempos a que elles originariamente pertencem*, commenta Ricardo Severo: «este é um dos desacertos . . do estudo presente». Mas então, se nós, por exemplo, só sabemos da existencia de *Endovellicus, Bormanicus, Tongoenabiagus, Nabia, Ategina, Durbedicus, Aernus, Badius, Brigus, Cerenaei*, e outros deuses da epoca preromana, pelas inscripções da epoca romana, como havemos de tratar d'aquella epoca, sem tomarmos estas inscripções por base? Neste ponto, Severo não se mostra apenas falho, mas *aliquid inconsulte dicit*.

Continua: «Não nos sobra o tempo e o espaço para seguir bibliographicamente o A. nesta parte do seu programma». É commodo para quem não tem que dizer. Mais adiante acrescenta que eu submetto á analyse celtica todas as etymologias que não entram em moldes latinos. Isto é inexacto, pois que deixo muitos nomes sem explicação, por exemplo *Aernus*, p. 340, de que digo «a investigação philologica do nome é muito difficil», afastando-me de Adolfo Coelho, que na *Rev. Lusitana*, I, 352-353, se tinha precisamente inclinado á origem celtica; outros nomes que apresento sem explicação celtica são *Ameipieri*, p. 333, *Arus*, pp. 314-315, *Erredici*, pp. 182-183, etc. Já vê Ricardo Severo que não sou tão celtóphilo, como elle artificialmente faz crer aos seus leitores. Mas, já que o ignora, notar-lhe-hei que não admira que nas inscripções romanas se encontrem tantos vestigios celticos como os que frequentemente se encontram, porque, tendo tido cá os Romanos grande contacto com os Celtas, é natural que nos textos escritos na lingua d'aquelles appareçam muitos nomes d'estes, quer tratando-se de pessoas, quer tratando-se de terras, — como, de maneira semelhante, succedia na idade-media nos nossos documentos, que estão cheios de nomes germanicos, por elles terem sido redigidos em plena epoca neo-visigotica. Numa inscripção romana de Alcantara (Hespanha) lê-se: *Aleba Celti fi(lia)*¹: isto é, *Aleba* filha de um Celta; numa da Beira lê-se em nominativo *Celtius*², isto é, outro individuo da familia dos Celtas; *Gallus*, i. é, «Gaulês» ou «Celta», figura em varias inscripções³. Por outro lado, com estes nomes, cuja celticidade se affirma

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 755.

² *Religiões*, II, 316.

³ Póde alguém suppôr que o chamar-se *Celtius* ou *Gallus* um individuo não é sufficiente razão para que se diga que elle é Celta, do mesmo modo que não se póde hoje dizer de um individuo chamado *Gabriel*, em hebraico גַּבְרִיאֵל, que elle é Hebreu, ou de um individuo chamado *Theodoro*, em grego Θεόδωρος, que elle é Hellenico, ou, finalmente, de um chamado *Adolfo*, em allemão Adolf, que elle é Germano. A isto objectarei que os nomes barbaros antigos tinham o valor que hoje tem geralmente os appellidos (quando estes não são constituídos por nomes proprios): se um individuo se chama, por ex., *Fonseca* < fonte-seca, é porque algum seu antepassado provém de uma localidade assim denominada.

tão claramente nos textos epigraphicos, concorrem ás vezes na mesma pedra nomes que a philologia mostra serem celticos¹. Não temos aqui pois elementos ethnologicos de valor? Na inscripção de *Tongoenabiagus*, de Braga, deus cujo aspecto é celtico, dá-se, por exemplo, o facto de a um nome geographico, innegavelmente celtico, *Arcobrigensis* (de *Arco-briga*)², vir annexo um nome ethnico, *Ambimogidus*, que a philologia tambem explica pela mesma lingua³. Na inscripção de *Runesocesius*, de Évora, ha igualmente elementos celticos, como se diz no meu livro, pp. 303—304. Se Ricardo Severo não se satisfaz com isto, apresente razões, e não só declamações. Aos argumentos tirados da epigraphia servem de admiravel commentario as seguintes palavras plinianas, que cito aqui para mais uma vez mostrar ao meu critico que anda muito erradamente, e com extrema leviandade, quando mofa dos textos: *Celticos a Celtiberis ex Lusitania advenisse manifestum est sacris, lingua, oppidorum vocabulis*⁴, — as quaes eu lhe interpreto, pois que assim é necessario: o parentesco entre os Celticos da Beturia (da qual Plinio está fallando) e os da Lusitania manifesta-se na semelhança das instituições religiosas, na da lingua corrente e na dos vocabulos geographicos. Logo, se de um lado a epigraphia e a analyse glottologica, e do outro o testemunho dos autores, nos mostram Celtas na Lusitania, — Celtas que formavam mesmo um ramo especial, pois os antigos lhes chamavam *Celtici* —, porque é esta insistencia em deprimir, sem provas de qualidade nenhuma, os elementos celticos da ethnologia dos Lusitanos? Como que para me desvanecer d'este celtismo, cita-me paternalmente Ricardo Severo o *Manuel de l'antiquité celtique* de Dottin, suppondo talvez que eu não o conhecia: ora o primeiro exemplar que se vendeu d'este livro foi exactamente o meu⁵! Conheço por isso muito bem o assunto que ahi se trata.

Ao fallar da primeira secção do meu livro, diz Severo: «são notorios pelo seu desenvolvimento alguns dos capitulos, como por exemplo, a proposito dos deuses: *Endovellicus, Atégina, Tongoenabiagus, Bormanicus*, etc.». Francamente não sei o que elle quis inculcar com a palavra *notorios*, que significa «patentes», «conhecidos», como se vê d'este passo dos *Lusíadas*, v, 50, a respeito do Cabo da Boa Esperança:

Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passarão, fui *notorio*.

¹ Vid. o meu citado livro, pp. 60-67.

² O Sr. Camille Jullian pretendeu provar na *Revue des Études Anciennes*, VIII, 47 sqq., em uma carta que me deu a honra de me dirigir, que *briga*, não era celtico; mas o Sr. D'Arbois de Jubainville refutou os seus argumentos na *Revue Celtique*, XXVII, 192 sqq. Pela minha parte tambem espero tratar do assunto, o que ainda não fiz por absoluta falta de tempo.

³ Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 251.

⁴ *Nat. Historia*, III, § 18.

⁵ Pelo menos o Sr. H. Champion, editor da obra, e que é ao mesmo tempo o livreiro que me provê de obras francesas, diz-me em carta de 23 de Dezembro de 1905: «Le Dottin, *Manuel de l'antiquité celtique*, m'arrive à l'instant de l'imprimerie, et je m'empresse de vous en envoyer le premier exemplaire». — Por esta é que Ricardo Severo de certo não esperava!

Queria Severo dizer «notaveis pelo desenvolvimento»? Mas a palavra escaudou-lhe os dedos, e preferiu commetter um desacôrto, empregando um parônimo d'ella!

Não me detenho a esmiuçar a iniquidade com que falla dos meus capitulos sobre aquelles deuses¹, e me accusa de que os factos que apresentei são *trasladados na quasi totalidade do CORPUS*². Estas cousas não importarão aos leitores; e se algum tivesse curiosidade d'ellas, poderia facilmente consultar o meu livro para julgar da verdade ou falsidade da critica. Por mim contento-me com recordar a Severo uma sentença da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira, Lisboa 1619, fl. 156: *muyto mais vos cansa o bem que vedes a outrem, que o que vos falta*.

Remata o critico a coroa de espinhos, dizendo que eu intercalei nos meus commentarios «extensas e engenhosas especulações de ALGEBRA

¹ O capitulo sobre *Endovellicus* é o mais desenvolvido de todos; só a bibliographia, e vae em resumo, occupa 10 paginas; a p. 129 dá-se pela primeira vez a gravura de uma estela, que, pela sua raridade, faria inveja a qualquer museu do mundo, apesar de quebrada.—No capitulo de *Atégina*, igualmente muito desenvolvido, pois occupa 29 paginas, publica-se um mappa da área do culto; explica-se devidamente uma inscripção do Museu de Evora, que havia sido mal interpretada, mesmo por Hübner; e compararam-se entre si varios monumentos archeologicos (de bronze) de Hespanha e de Portugal.—No capitulo sobre *Tongonabigus*, tambem muito extenso, descreve-se miudamente e figura-se um importantissimo santuario lusitano-romano de *Bracara*; apresenta-se a leitura exacta de uma inscripção, corrigindo-se assim os textos dados por Argote e Hübner, o que facilitou a explicação dos attributos da divindade do santuario; e publica-se uma inscripção nova.—No capitulo sobre *Bormanicus*, de umas 11 paginas, propõe-se nova leitura de parte de uma das inscripções; fazem-se algumas considerações sobre philologia celtica e ligurica, discutindo-se na nota I da p. 273 uma affirmação de Martins Sarmiento; e define-se, a p. 275, o character naturalistico do deus.

Bem sei que R. Severo era capaz de fazer mais e melhor, e que, se o não diz, e não me rebate, é por modestia; mas em quanto as suas desejadas lucubrações permanecerem ineditas, vamo-nos nós contentando com este pouco que já ha.

² Aqui não podem ser excedidas a temeridade e a inexactidão do meu critico, pois não só ha no livro capitulos inteiros que não se baseiam na epigraphia, mas publico nelle muitas inscripções ineditas,—e algumas mesmo das que transcrevo do *Corpus* foram para lá enviadas por mim!

Com relação ás ultimas, vid. por exemplo, no meu livro: pp. 133, 135, 136, 156 (duas), 157, 296, 299, 303, 318. Eram ineditas, por exemplo, as de pp. 132, 133 (a segunda e terceira), 234, 314, 316, 322. Algumas das já publicadas por outros foram aqui corrigidas,—vid., por exemplo: pp. 136, 152, 246, 266.

Quanto aos capitulos que não se baseiam na epigraphia, temos, por exemplo: o cap. i, onde se falla da superstição do augmento do sol, contada por Artemidoro, Estrabão e L. Floro; o cap. ii, onde se falla dos montes sagrados, e em especial se explica um importante passo de Justino; o cap. iii, em parte baseado na numismatica; o cap. ix, onde, entre outros assuntos, se estudam desenvolvidamente as lendas do Sacro Promontorio, que tanto haviam trabalhado a imaginação dos antigos e dos modernos, e se compararam com crenças hoje mesmo lá vigentes; a secção A do cap. x, em que se trata do rio Lima, e se interpreta, á luz da hierologia, e de encontro ás pueris explicações que até então se tinham dado d'ella, a significação da palavra *Lethes* applicada ao rio; o cap. xiii, que versa sobre animaes sagrados, e onde se publicam algumas figuras que estavam ineditas; os §§ 1 e 3 do cap. xvi, que se fundam em Estrabão, Silio Italico, Tito Livio e Diodoro Siculo.

Vê-se que para Ricardo Severo a *lux veritatis*, de que falla Cicero, tem tantos attractivos como a cruz para o Diabo.

PHILOLOGICA que desordenam o texto». Quem escreve d'esse modo, desautoriza-se, pois não é com gracejos que se refutam os trabalhos scientificos. O critico acoima de *algebra philologica* as explicações etymologicas, e diz que *desordenam o texto*, porque as não entende, porque este campo lhe é estranho, porque não está no caso de apreciar se são boas, se são más: portanto calasse-se a tal respeito, e não viesse aonde não era chamado.

Alonguei-me na minha resposta a Ricardo Severo, menos por me defender a mim proprio, do que por discutir, como discuti, varios pontos de character geral, pois eram estes os unicos que poderiam despertar algum interesse. Como observação meramente pessoal, desejo só apresentar esta a Ricardo Severo, e muito á puridade: se a minha obra, em vez de ser escrita por mim, o fosse, tal como está, por algum dos amigos da *Portugalia*, escreveria porventura Ricardo Severo a critica que escreveu? Metta a mão na consciencia e responda. As criticas só honram quem as faz, quando são sinceras e concretas.

Com a resposta a Ricardo Severo termina tambem a minha critica dos seis primeiros fasciculos da *Portugalia*.

Se todos os leitores vêem que a escrevi com plena independencia, pois discuti e anotei o que me pareceu precisar de discussão e nota, vêem tambem que não poupei elogios ao que, no meu entender, os merecia. Na propria enumeração dos artigos e indicação dos assuntos, deixei implicitamente manifesto quanta importancia attribuo á *Portugalia*, e quanto supponho que ella concorre para o conhecimento da historia do nosso país,—o que é de mais a mais realçado pelo desinteresse com que Ricardo Severo faz esta publicação, que lhe acarreta enormes despesas não compensadas pecuniariamente pelo publico, porque em Portugal poucas pessoas compram livros, e as que os desejam ter, embora raras vezes os leiam, querem-nos geralmente... de graça. Todavia, ainda que evitei censuras acrimoniosas, e procurei circunscrever-me no dominio dos factos, documentando sempre as minhas afirmações, é de esperar que, em vista da indole ciosa, arrebatada, septentrional (character ethnico!) de alguns dos redactores da *Portugalia*, elles me repliquem. Vindo a réplica para a serena liça das doutrinas, cá me encontrarão pronto a attendê-los; do contrario não, porque tenho mais que fazer do que estar a esgrimir com estilistas que dão quasi sempre maior aprêgo a uma frase extravagantemente torneada, ou a um adjectivo sonoro, do que a um syllogismo. No interesse dos nossos proprios estudos, convém que as discussões sejam puramente scientificas, sem azedumes, nem retaliações de character pessoal.

J. L. DE V.

Índice dos assuntos discutidos na crítica precedente

A

- Abbate de Canidello** (Rev. Sousa Maia). Sua generosidade para com o Museu Ethnológico: 358 e 371.
- Abbate de Carviças** (Rev. J. Augusto Tavares). Descobriu uma sepultura aberta em rocha em que se lê uma inscrição: 369-370.
- Adolfo Coelho**. Começa obras que raramente acaba: 328-329, nota.
- Allen (Eduardo Augusto)**. Importante trabalho que escreveu sobre Numismática: 337.
- Allitteração nos adágios**: 345.
- Anthropologia**. Convem mais fazer estudos e observações exactas do que architectar theorias: 327, 331 e 363-364.
- Ara e cippo**: 357-358.
- «Arcainha»**, nome geographico, e não nome commum: 325.
- Archeologia**. Estudos archeologicos em Portugal: 356.
- «Avelomar»** e fôrmas congeneres: 365-366.

B

- Brutus**. Prenome e nome d'este general romano: 327.

C

- «Candea»** em port. arch. significava «vela»: 335.
- Canidello**. Vid. *Abbate*.
- Carviças**. Vid. *Abbate*.
- Casamento**. Costumes populares: 361.
- «Castrum»** = *oppidum*: 335.
- «Cautes Sacra»**. Este nome não pôde convir ao Cabo de Santa Maria, que é um areal: 330-331.
- Celtas**. Ao Norte do Douro: 324. Importancia do elemento celtico na nossa ethnologia, revelado pelo onomastico: 376-377.
- Cemiterios**. De incineração no sec. iv: 367-368 e nota 1.
- «Cnido»**. Vid. *Gnido*.
- Cossoiros** (*fusatoles* dos Franceses). Só se tem encontrado entre nós em estação da epoca do ferro: 342-343.
- Coucinho, coucinheiro e coucillo**: 354 e nota.

D

- Decimo Junio Bruto**, e não *Decio Juno*: 327.

E

- Egypto**. Analogias da archeologia pre-historica do Egypto com a da Iberia: 342, nota.
- Elbora e Elvora**, nomes latino-litterarios de Evora: 326, nota. Se foram nomes de cidade hespanhola: *ibidem*.
- Esculptura de osso antiga**, representativa de figura humana: 343.
- «Espolio»**. Assim se deve dizer, tratando-se de objectos archeologicos, e não *mobiliario*: 338, nota 2.
- Ethnographia**. Designações ethnicas usadas pelo nosso povo: 364. Nomes ethnico-geographicos nas inscrições lusitano-romanas: 372.
- Etymologias** de varios vocabulos:
- Avelomar**: 365-366.
 - endereçar**: 332.
 - Guilhafonxe**: 333, nota.
 - Lanasus**: 373.
 - manilha**: 337, nota 2.
 - Mannaria**: 326, nota.
 - sarrabal**: 347, nota 1.
 - voltarete**: 337.

F

- Falachas**, bolos de castanhas usados na Beira: 375, nota 2.
- Fibulas**: 350.
- Foculus ou patera** nas aras romanas 357-358 e nota 3.
- «Fonxe»**. Vid. *Guilhafonxe*.

G

- Geographia lusitana**: 374.
- Germanos**. Sua influencia no Sul de Portugal revelada pela Anthropologia (?), pela Archeologia, pela Numismatica e pelo Onomastico: 325-326 e nota 2. Sua influencia no Norte revelada pelo Onomastico: 327, nota 1, e 333, nota.
- «Gnido»** ou **«Cnido»**, e não *Cnide*: 365, nota 2.
- Gravuras** na litteratura de cordel: 346-347.
- «Grovios»**. Assim se deve dizer, e não *Gronios*: 327.— Cf. *O Arch. Port.*, x, 292, e xi, 202.
- Grutas de Alcobaça**. Importantes problemas que provocam: 338 sqq.
- «Guilhafonxe»** ou **«Villafonxe»** deve ter *x* e não *ch*: 333, nota.

H

Henrique Botelho (Dr.). Offereceu objectos de bronze ao Museu Ethnologico: 349.

I

Iluminação popular: 350-351.

Inscrição romana de Villa-Boa. Sua interpretação: 371-373.

L

Landes na alimentação do Alemtejo: 375, nota 2.

Latinição de nomes geographicos: 323 e nota 7.

Lima. Referencia historica: 327-328.

M

Marfim nas nossas estações prehistoricas: 342.

Minho. A terra classica das nossas tradições populares: 360-361.

Mouros nas tradições populares: 375, nota 4.

N

Nóbrega (Antonio Pereira da). Offereceu uma placa de lousa prehistorica ao Museu Ethnologico: 339.

O

Orthographia. Incongruencias da nossa: 368, nota 3.

Ouro nas nossas estações archeologicas: 375 e nota 4.

P

Paleographia epigraphica. Caracteres unciaes e cursivos: 372.

Pedra dos Namorados: 348.

Pesos de tear modernos. Com a fórma dos *pondera* romanos: 335. De louça, etc.: 336. Designação popular: 336. Pesos *ad hoc*: 336, nota.

Pintura prehistorica (em dolmens): 324 e 348.

Placas de lousa prehistoricas. Zoomorphicas: 339-340 (com estampas). Distribuição geographica: 339-341 (com um mappa). Na Hespanha: 339-340 (com estampas). Iriam do Sul ou Sueste para o Norte: 340. Pertenceriam á epoca do bronze: 341. Semelhantes ás paletas prehistoricas do Egypto: 342, nota.

«**Portucale**», nome da cidade do Porto, já no sec. v: 322. Uso d'esta palavra, concorrentemente com *Portugale*, nos seculos seguintes: 322-323. Extensão territorial de ambas: 322-323.

Portugal-Velho: 332.

«**Portugale**». Vid. *Portucale*.

«**Portugalia**», palavra do latim maçoral ou macarronico: 321-323. Seu uso nos docc.: 322-323.

Póvoa de Varzim. Costumes dos pescadores: 361-363.

Proverbios. Collecções portuguezas: 344. Denominações dos nossos proverbios: 344-345. Proverbios geographicos: 345-346. Influencia da rima na fórma d'elles: 345-346.

R

Religião dos Lusitanos: 378 e notas. Necessidade de a estudar nos textos da epoca romana: 376.

Ricardo Severo. Zomba indevidamente dos textos classicos: 329-331, 333, 374-375 e 379. Seu patriotismo na publicação da *Portugalia*: 379.

Rocha Peixoto. Escarnece da linguaagem popular: 364-365. Escreve com incorrecção grammatical: 365 e notas. Insufficiencia das suas criticas: 356 e 359-363.

S

Santa Comba. Sua lenda: 334.

Santos. Desacatos feitos pelo povo aos santos que o não attendem: 361-363 e notas.

Sepulturas de pedra. Avulsas (sarcophagos): 369. Abertas em rocha: 369-370. Sua origem: 370 e nota 8.

Symbolos de Portugal e da Lusitania nas medalhas: 321 e 323.

T

Téxtil. Assim convem pronunciar, e não *textil*: 335, nota 1.

Textos classicos. Importancia d'elles como auxiliares da Archeologia: 374-375.

V

«**Villa-Boa**». Vid. *Inscrição romana*.

X

Xorcas. De ouro: 349-350, 351-353 e 355. Da epoca do ferro: 349 e 352. De prata, da epoca romana: 355 e notas.

Inscripciones gregas, latinas . . (litoral del Cabo de Palos), — artigo do Rev. Fidel Fita in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, t. XLVIII, n.º 2, Madrid 1906.

O Rev. Fidel Fita estuda com muita erudição neste artigo umas inscripções gregas e latinas que se lêem em ancoras de chumbo apparecidas nas aguas do Cabo de Palos.

Começa o Rev. Fidel Fita por lembrar um texto em que Diodoro Siculo, *Bibl. Hesp.*, liv. v, t. 358, da ed. de Didot, Paris 1877, diz que os Phenicios substituiram o chumbo das ancoras por prata iberica; em seguida refere-se ao texto em que Avieno, *Ora Maritima*, 452-460, dá como habitada de Phenicios a costa do golfo de Alicante; por fim nota: « así no se hace extraño el hallar en estos parajes, aun en tiempo de los tres primeros siglos de la dominación romana, semejantes anclas de plomo ».

Uma das inscripções gregas de uma ancora interpreta-a sagazmente assim o erudito academico: Ζεύς Κάσιος σώζων « Júpiter Casio (es el) que salva ». Depois de se referir ao culto de Zeus ou Juppiter Casio no Mediterraneo, acrescenta que não se deve esquecer que Avieno, na obra citada, menciona um monte *Cassius* abundante de estanho, e que o autor arabico Almakkari diz: « Y en *Oxosonoba* hay una mina de estaño, que no tiene semejante en superior calidad, el cual parece plata ».

Remata o Sr. Fidel Fita o respectivo capitulo, aventando que talvez a ancora de que se trata provenha de Faro, onde, segundo o *Corpus*, II, 8, se descobriu uma inscripção consagrada a Juppiter, e que com tudo isto se relacionará o figurar um navio e peixes nas moedas autonomas de Ososonoba.

Quanto á relação das inscripções gregas e latinas das ancoras de chumbo com o ter havido Phenicios nas costas da Iberia, não a explica sufficientemente o Rev. Fidel Fita. Melhor se comprehenderia que houvesse tal relação, se as inscripções fossem phenicias ou punicas.

Juppiter Cassius ou *Cassius* era divindade definida: vid. Plinio, *Nat. Hist.*, IV, 52. O proprio Sr. Fidel Fita cita o *Corpus*, III, 576-567, onde vem a seguinte inscripção de Corfú: P · HETEREIVS · RVFIO IOVI · CASIO · SAC · Ha pois mera coincidencia entre esse appellido de Juppiter ou Zeus e o *mons Cassius* de Avieno, e não se deve concluir que o Ζεύς Κάσιος da ancora plumbea fosse uma divindade adorada no monte *Cassius* de Avieno, o que me parece ser a ideia do Sr. Fidel Fita, em reforço da qual traz o texto arabico e a inscripção de Faro.

Propriamente a inscripção não é de Faro, mas de S. Bartholomeu de Mesines. Nada tambem pôde esta inscripção ter com Juppiter Cassius, pois o culto de Juppiter era muito vulgar. Nem isso, nem o figurar um navio e peixes nas moedas de Ososonoba¹ é motivo sufficiente para que se supponha que as ancoras de chumbo provêm de Faro. Sabe o Sr. Fidel Fita perfectamente que não são estas as unicas moedas em que taes emblemas apparecem.

J. L. DE V.

¹ Vid. *O Arch. Port.*, VI, 87 e estampa III.